Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 682
Fevereiro 1985
Segunda-feira

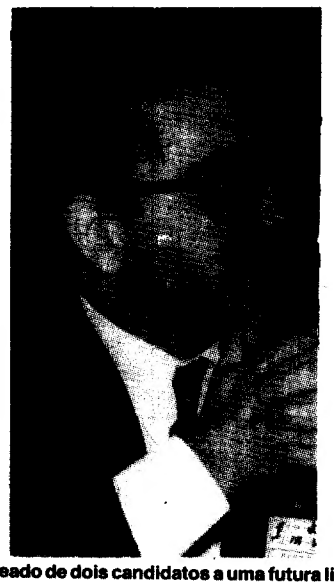
11

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Machete vice-Primeiro-Ministro e outras mexidas

'Limpeza' no PSD atinge o Governo



O novo líder do PSD, Rui Machete, ladeado de dois candidatos a uma futura liderança dos sociais-democratas: João Salgueiro e Marcelo Rebelo de Sousa

A «limpeza» efectuada pelo Conselho Nacional do PSD, que elegeu ontem de manhã uma nova direcção política, da qual foram afastados dirigentes acusados de não terem «idoneidade moral», vai atingir o Executivo. É ponto assente para a nova Comissão Política, que terá que haver uma remodelação governamental que atinja, pelo menos, dois secretários de Estado do PSD: Calvão da Silva e Eugénio Nobre. As mexidas no Governo poderão ser já esta tarde discutidas entre Mário Soares e Rui Machete, durante o encontro entre os dois dirigentes políticos. Entretanto, é já conhecida (29 de Março) a data do referendo que o PSD vai fazer junto dos seus militantes no sentido de apurar qual o perfil do candidato presidencial que os sociais-democratas deverão apoiar nas próximas eleições presidenciais.

Também já tem data marcada (10, 11 e 12 de Maio) o Congresso do PSD. Congresso com uma particularidade: os delegados não terão de estar veiculados a moções.

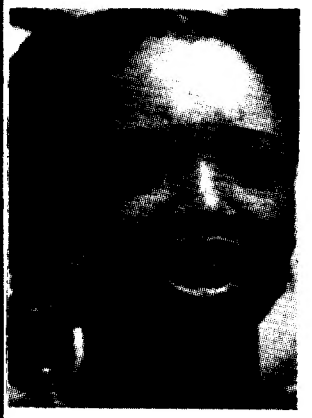
Pág. 5

George Marchais

Marchais reeleito secretário -geral do PCF

George Marchais foi reeleito secretário geral do Partido Comunista Francês, no final do 25.º Congresso da organização, marcado pela contestação de alguns sectores partidários que pediam reformas. Nota a destacar; Juquin, um dos «reformistas» saiu do Politburo, embora se mantenha no Comité Central.

Págs Centrais



Zinzi Mandela

Mandela recusa liberdade sem ANC ser legalizado

O dirigente do ANC, Nelson Mandela rejeitou ontem formalmente a proposta de liberdade condicionada que lhe foi dirigida pelo governo sul-africano: em mensagem lida na cidade negra de Soweto pela sua filha, Winnie Mandela, o dirigente do Congresso Nacional Africano, na cadeia há 21 anos, afirmou prezar muito a sua liberdade, mas prezar ainda mais a liberdade do povo sul-africano.

Págs. centrais

Segurança nas escolas ainda aquece

Cartaxo não reabriu Veiga Beirão fechou

A Escola Veiga Beirão fechou ao fim desta manhã por não exisitirem condições de segurança. A professora Maria Gabriela Brigas quando às 8 e 5 se preparava para dar mais uma aula de Português no 9-A deparou com vários pedaços de estuque em cima da sua secretária: o estuque tinha caído depois de, como nos referiu a professora, «no sábado já lá chover e, por isso, não se ter ligado a luz». Outras inslações — salas do segundo piso, ginásio e cantina — estão igualmente em péssimo estado, sendo regularmente «visitadas» pela chuva. Na cantina, a instalação de gás não oferecia segurança e, por isso, o refeitório encontra-se encerrado. Entretanto, e apesar de intenção expressa do Concelho de Gestão, a Escola Secundária do Cartaxo não reabriu esta manhã. **Pág. 9**

Apesar do não ao FMI

Economia portuguesa rigorosamente vigiada

Pág. 6

Se os jovens pudessem...

António Manuel, 23 anos, empregado de escritório

"Tentava acabar com o desemprego"

– Escolheu a sua profissão?

– Não, foi o emprego que consegui. O que eu gostava era de ser mecânico de automóveis, mas é muito difícil arranjar trabalho, pelo menos para os jovens, por isso temos que aproveitar o que aparece.

– Está com contrato a prazo?

– Não, passei a efectivo há pouco tempo, tive sorte. Não devia ser permitido haver esse tipo de contratos, porque nunca sabemos se ficamos ou nos põem na rua. A juventude tem que se agarrar a outros trabalhos, tentar abrir um negócio por contra própria, com a ajuda dos pais, senão volta e meia são despedidos.

– Qual a sua opinião sobre situações como o desemprego e salários em atraso?

– Não concordo, claro, mas no caso da Lisnave e da Setenave, elas foram apoiadas pelo Governo e se chegaram àquela situação foi devido às greves dos trabalhadores.

– Não lhe parece que a greve é um direito que assiste a todos os trabalhadores?

– Sim, acho que sim, eu se estivesse na situação deles fazia o mesmo. Agora o que acontece é que os trabalhadores fazem greve, o serviço não é feito, perdem o apoio do Estado e acabam por não receber.

– Além desses problemas, como está o País?

– Está mal em todos os aspectos, os aumentos são muito grandes, concretamente o da gasolina.

– O preço da gasolina é o que mais o afecta?

– Não, mas sempre que ela aumenta todo o resto aumenta também. A comida não sobe se a gasolina não subir. No fundo fartamo-nos de trabalhar para não recebermos o suficiente para viver.

– Qual a sua opinião sobre os novos aumentos decretados pelo Governo?

– Eles se lá estão devem saber o que fazem.

– Eles sabem, mas quem os sente é a população, não lhe parece?

– Eles também comem, por isso o Primeiro-Ministro foi aumentado.

– O que pensa sobre os aumentos de cerca de 50 por cento dos deputados?

– Como trabalham para o País e têm uma posição mais elevada têm que ganhar mais do que nós.

– Parece-lhe correcto que tenham aumentos dessa ordem quando há trabalhadores com salários em atraso?

– Não, acho que esses aumentos deviam ir para quem está sem receber.

– Se pudesse governar o que começava por alterar?

– Tentava acabar com o desemprego, criando postos de trabalho para todos. No Minho há muitas terras para cultivar que davam trabalho a muita gente e ajudava o País.

"Portugal Amordaçado"

Rui Cacho

CADA amigo que encontramos, diz-nos logo: «Entendes isto, pá?» Respondemos que não, emitimos uma frase «politizada», e caímos depois no silêncio.

Acontece muita coisa na nossa Pátria que nem «Deus Nosso Senhor» — se de tal se ocupasse — entenderia...

A Rádio dá-nos cantigas atrás de cantigas (com texto «americano») e, dum modo geral, conversa displicente (com texto aportuguesado). E noticia-nos CEE, golos do Gomes, e coisas assim. Poucos programas e poucos responsáveis radiofónicos escapam a esta facilidade de preencher o seu e o nosso tempo. A RTP são séries atrás de séries (aparentando destinarem-se a telespectadores estrangeiros) e noticiários que espalham mais poluição do que a dita. Os jornais são muito diversos, mas a maioria «foge» o mais que pode à nossa «realidade mais real»... Talvez porque seja traumatizante... Talvez, também, um pouco por tradição... Sei lá...

E vivemos perplexos, entendemos pouco e receamos o dia de amanhã.

Sabemos, sim, que não está assegurado o «pão nosso de cada dia» à maioria dos portugueses. E sabemos ainda que, para uns tantos, isto é o País das Maravilhas.

Dum Ensino que confunde o preço dos produtos essenciais; do desemprego aos cidadãos que trabalham e não recebem; dum Orçamento «esburacado» e aflitivo ao IVA; disto àquilo (quase sempre desagradável e injusto para muitos) nada falta por cá. O que falta são razões para respirarmos com um mínimo de tranquilidade.

E amachucamo-nos nos transportes — pagando bem o desconforto; olhamos o nosso vencimento e não sabemos que fazer dele; e ouvimos discursos atrás de discursos a prometerem-nos a Comunidade Europeia, como se se tratasse da Terra Prometida...

E é isto... Quase tudo coisas do «outro mundo». Como as afirmações daquele político na TV prometendo uma governação de direita, como se oferecesse ao Povo o fim dos seus sofrimentos.

É claro que não sou entendido em política — acredito que se note. Nem especialista de nada. Mas o meu caso é o do maioria. E por isso estamos quase todos votados à desinformação e à premeditadamente confusa oratória dos Coligados no Poder...

E, entretanto, temos dos melhores trabalhadores do mundo. Parece que não há dúvidas. Se assim é, que falta para construirmos uma existência digna? Quem emperra?

Mas perguntar não adianta, não é? Perguntar é o que fazemos todos. Só que perguntamos uns aos outros e não conseguimos descobrir no alto da hierarquia quem nos esclareça. Melhor, quem se ocupe dos problemas nacionais.

Sabemos, sim, das nossas dificuldades, e que as mesmas alastram duma forma que parece incontrolável.

Daí que haja quem não suporte a situação. E aumenta o número dos suicídios, dos excessos e da instabilidade...

E Portugal é um pequeno país com recursos suficientes. E com um bom clima. Porquê, então, as coisas correm tão mal?

Agora, por exemplo, uma das grandes preocupações dalguns políticos é «encontrarem» um Presidente da República. E eu penso: «é lá possível preocuparem-se com isto. Se há lugar bem preenchido é o do Presidente da República. Assim, estivessem todos. Porquê, então, falam tanto em Presidentes? Não seria mais razoável preocuparem-se com tantos outros lugares governamentais tão mal entregues?»

Apesar de tanta contrariedade, há quem resista duma maneira ou doutra. Por exemplo, o coral do meu bairro ensaia regularmente. Milhares de crianças preparam os trabalhos escolares e vão confiantes para as escolas. Trabalhadores lutam nas empresas. E o meu vizinho de cima, logo que chega a casa, ensaia um pouco de saxofone. Desejo que estes e muitos outros continuem a acreditar nalguma coisa, pois se o meu vizinho do saxofone um dia destes desiste de ensaiar e sai de casa desesperado e disposto a agredir o Governo, é porque já quase todos nós perdemos a paciência...

Este País com tantas potencialidades e a «exibir-se» tão mal no «concerto» do mundo. Pescadores a aventurarem-se no mar em barcos com quase tantos rombos como o Orçamentro; teatros vazios; operários-rurais sem terra para trabalhar; e tanta coisa assim...

Acho que é tempo de acabarem discursatas e promessas. É tempo de ocuparmos um lugar digno na Terra. Nesta, onde nascemos.

Estados Unidos:

Movimento a favor dos refugiados centro-americanos intensifica-se

APESAR dos processos judiciais movidos pelas autoridades contra 16 dos seus membros, o «Movimento Santuário», que se dedica a auxiliar os refugiados centro-americanos nos Estados Unidos, regista uma expansão impressionante.

«Ninguém esperava que crescesse tão rapidamente», disse Lee Holstein, porta-voz de uma organização religiosa de Chicago que actua como centro de aprovisionamento do «Movimento Santuário».

Apesar de ter começado com apenas seis membros em Março de 1982, o movimento conta hoje com 180 sedes, meios de transporte e casas para refugiados. Mas estes, segundo o governo norte-americano, não deveriam ser classificados como asilados políticos, pois fogem dos seus países por razões económicas.

As acusações contra os membros do movimento, feitas no Estado do Arizona (Sul dos EUA), tiveram lugar após terem sido capturados 60 refugiados centro-americanos – salvadorenhos e guatemaltecos – em meados de Janeiro.

Tal situação, contudo, fortaleceu o movimento.

Formado na sua maioria por igrejas católicas e protestantes, juntaram-se ao movimento outras organizações e grupos universitários, disse Holstein.

A assembleia estudantil da Universidade de Brown e grupos de estudantes da Universidade da Califórnia em Berkley e Riverside, entre outros, disseram que estavam dispostos a apoiar os refugiados fugidos de El Salvador e Guatemala.

O reverendo John M. Fife, da Igreja Presbiteriana do Sul de Tucson, afirmou que é «um direito da igreja auxiliar as pessoas que necessitam».

O Departamento de Justiça dos Estados Unidos nega que a ajuda aos refugiados seja uma acção própria dos grupos religiosos.

Após terem assistido a reuniões da Igreja em Tucson, agentes disfarçados recolheram as provas em que se basearam para formular as acusações, a 14 de Janeiro último.

O reverendo Fife foi uma das 15 pessoas acusadas tendo sido notificado a comparecer perante um magistrado federal no passado dia 23 de Janeiro.

A Igreja Presbiteriana de Fife é a percursora do «Movimento Santuário», pois foi a primeira a declarar publicamente a sua fundação, em Março de 1982.

O governo do presidente Ronald Reagan nega-se a conceder asilo político à maioria dos refiguados centro-americanos, fundamentando a sua posição no facto de eles fugirem não por motivos políticos mas devido à pobreza a que estão sujeitos nos seus países.

As autoridades sustentam que a acta para os refugiados, de 1980, estabelece que para considerar uma pessoa como asilado político deve existir «um receio comprovado de ser perseguido».

«É uma boa lei, mas é interpretada de maneira infeliz pelo Serviço de Imigração e Naturalização (INS)», disse William Sloane Coffin, principal ministro da Igreja de Riverside em Nova Iorque e membro activo do movimento.

O INS «classifica correctamente como refugiados políticos aqueles que fogem dos países comunistas, e insiste em que os refugiados salvadorenhos e guatemaltecos são (refugiados) 'económicos' e, nessa qualidade, deportáveis», disse Coffin.

Seria embaraçoso para o governo de Reagan conceder asilo a refugiados provenientes de países amigos, disse Coffin.

Washington é um firme partidário do governo salvadorenho do presidente José Napoleon Duarte, ao qual concedeu nos últimos cinco anos mil milhões de dólares em ajuda militar e económica.

O INS concede menos de três por cento das autorizações dos pedidos de asilo político provenientes da América Central, disse Arthur Helton, dvrector do projecto de asilo do comité de juristas pró-direitos humanos, com sede em Nova Iorque, segundo dados de assessores do departamento de Estado.

Várias pessoas que apresentaram há alguns anos um pedido de asilo tiveram de esperar entre dois e 5 anos antes de haver sido adoptada uma decisão, disse Helton.

No ano passado, contudo, o processo durou somente duas semanas, afirmou Patricia Perillie, advogada do Centro para Refugiados Centro-Americanos (CARECEN), em Washington, DC.

Segundo cálculos do INS, o número de refugiados guatemaltecos e salvadorenhos ilegais nos Estados Unidos elevar-se-ia a 500 mil, contudo Patrica Perillie assegura que o número verdadeiro deve ser superior, «rondando talvez 650 mil dispersos ao longo de todo o país».

O «CARECEN» é uma das cinco organizações que prestam ajuda legal aos refugiados que fogem da violência e da perseguição na América Central.

Na opinião de Patricia Perillie, os esforços legais frustrados destas organizações contribuíram para o crescimento do «Movimento Santuário».

«O «Movimento Santuário» existe por termos fracassado nos nossos intentos de obter asilo político», disse a advogada.

Por agora, o «Santuário» vai conseguindo atrasar as deportações, adiando assim os problemas com que os refugiados se deparam ao regressarem aos seus países de origem.

«Serem vítimas da violência política é apenas uma das consequências a que os deportados têm de fazer frente», afirmou Carol Wolchuck, membro do projecto de asilo político da união americana pelas liberdades civis, com sede em Washington.

Os grupos religiosos envolvidos comprometeram-se a continuar a apoiar os refugiados de El Salvador e da Guatemala, e justificaram a sua actuação «ilegal», baseando-se na liberdade de religião.

Os líderes das igrejas afirmam que os Estados Unidos têm uma responsabilidade moral com os refugiados salvadorenhos e guatemaltecos, pois as políticas do seu governo contribuem para o conflito existente nos seus países.

Para Holstein e outros membros do «Santuário», as suas acções são consideradas como uma forma de desobediência civil, em protesto contra leis injuszas.

Faith Keenan – IPS

política de A a Z

Um homem que recusou fazer mais de vinte anos

SOBRE a morte do poeta José Gomes Ferreira correram informações erradas. Baseiam-se no registo civil, fazem fé na certidão de idade. O poeta nasceu com o século, mas, ao tomar lugar no coro dos poetas mais novos, declarou que se recusava a fazer mais de vinte anos. E esta tomada de posição resultava da sua compreensão da «missão» dos poetas: «Os poetas só têm uma missão — se lhes quisermos assacar qualquer missão, do que muitas vezes duvido; cantarem./ Cantarem o Presente.»

Não que o Presente se apresentasse sem «as paixões, as lutas, os amores, a porcaria, as molezas, as incoerências, o nada e o tudo do Presente». Não que José Gomes Ferreira não considerasse «estupidez ser contemporâno de grandes acontecimentos e sentir a impossibilidade de compreender o que se passa». Em tempo de Hitler e de Mussolini, de cujas «fabulosas vitórias» descrê, que para José Gomes Ferreira são apenas «nomes com meio milímetro na História», ele exclamará: «Por favor, tragam-me o Futuro imediatamente!»

Entretanto, era a Resistência. Eram essas «trezentas pessoas heróicas que andam de um lado para o outro, em Lisboa, a fingir cultura – a correr das dissonâncias da **Sonata** para o pescoço torcido da geral de S. Carlos; da Exposição de Artes Plásticas para o último concerto de canções de Lopes Graça; da estreia do **Auto da Índia** no teatrinho do Grupo Dramático Lisbonense para o recital poético na Associação Feminina para a Paz... A Manuela, que, quando me encontrava , sempre me pedia em cadência de súplica: «Ó Zé Gomes: faça-me uma peça». A Manuela, míope, que punha os óculos para sorrir melhor... A Manuela transitória, a Manuela companheira, a Manuela labareda nos estrados de versos, com a voz do tamanho do entusiasmo do mundo em lágrimas: «Eia! vamos fazer qualquer coisa de louco e heróico/ como era a tuna do Zé Jacinto/ tocando a marcha Almadanim!»

Manuela Porto, Manuel da Fonseca, José Gomes Ferreira. O poeta fala-nos dessa voz esquecida e que era «do tamanho do entusiasmo do mundo em lágrimas». Evoca a Manuela Porto, «companheira de poetas» a recitar Manuel da Fonseca. Manuel, que teria a consagração oficial e reconhecimento nacional da sua obra de escritor ao serviço do povo, na véspera da morte de José Gomes.

«Sim, anda uma nova Morte pelo mundo!», mas — o poeta afirmara — «Já não morremos de joelhos/ com música de esperar nos olhos/ e anjos no outro lado do silêncio/ a vestirem-nos de corpos novos...»

Aconteceu Abril. «As revoluções começam sempre pelo beijo de uma desconhecida na rua. Pela vitória do Sonho».

Nesse dia, alertado por um telefonema amigo, a Revolução confirmada pela voz de Zeca Afonso: **Grândola, vila morena... Terra da fraternidade... O povo é quem mais ordena...**; José Gomes Ferreira dá balanço aos seus companheiros que ficaram pelo caminho: o Bento de Jesus Caraça, o Manuel Mendes, o Casais Monteiro, o Alves Redol, o Edmundo Bettencourt, o José Bacelar, o Manuel Ribeiro de Pavia, o Soeiro Pereira Gomes, e, melancolicamente, de si para si, dizia: «Tenho que me contentar com os vivos. Porque felizmente dos vivos poucos traíram ou desanimaram. Resistimos quase todos de unhas cravadas nas palmas da mão...»

E José Gomes descobria nos dias novos de um Portugal libertado: «Sim. A Revolução é um sonho. Mas que se constrói com o suor da realidade,que suja as mãos dos Acordados. E não cuidem, ó adoradores do pânico, que desistimos à primeira contrariedade – nós que acreditamos que só existe uma única varinha de condão, essa coisa aborrecida, acre, feliz, vil e alegre que se chama trabalho».

Trabalho que exige entusiasmo, esforço comum, cooperação, confiança, persistência, disciplina, paciência.

Num texto do livro «Revolução Necessária», que tenho presente com dedicatória datada de Julho de 1975, José Gomes anota: «A impaciência é fascista». Para o poeta, agora convertido em cronista da Revolução, não existia desordem nas ruas, desordem no povo, o que existia, nesses dias de entusiasmo e de transformação, era: «A confusão de intelectos em subterrâneos mal iluminados, teorias pategas pegadas com cuspo que os pedantes tanto adoram. Desordem que se manifesta nos comboios para o Estoril, nos centros de cavaco com molezas elegantes, nos restaurantes de **whiskies** caros. E em que se sente sempre o desamor pelo povo.»

Abril foi para o poeta o reencontro com o povo, a festa, a poesia na rua. E ele sentiu a falta dos amigos de sempre, dos companheiros de muitos dias com desgosto, com o sentimento dorido de que fora injusto que ficassem pelo caminho quando eram merecedores de terem vindo até ao fim da jornada.

— «Às vezes aterra-me a injustiça que impediu Redol de assistir ao 25 de Abril. Agora que — segundo tudo nos leva a crer — o povo dos camponenses e operários vai entrar pela primeira vez em cena na História de Portugal sem ir agarrado por favor aos jaquetões da pequena burguesia. E num momentc tão difícil em que a nossa comunidade tem de se fixar na Europa e habituar-se à solidão fraterna da Europa!/ Lembrei-me muito de Redol, durante a festa do 1.º de Maio — como de tantos outros, aliás.»

Ao «povo-povo» de que nos fala nas crónicas da Revolução, e nos discursos a que a presidência da Associação de Escritores o obriga a proferir, José Gomes Ferreira, o republicano, o libertário, o inconformista, o irreverente que abraça Abril e se sente irmão dos operários e camponenses que entram na cena da história de Portugal, pregará a sua divisa «Unidade na Diversidade». Diferentes e unidos como os dedos da mão... os versos andavam nas ruas, na acção, na manifestação, nos gritos, nas reivindicações, no sonho, no Sonho. (José Gomes escreveria com maiúscula, claro).

Jovem, ele aprendera como «A palavra República/ tornou-se de repente tão real,/ sonho com recorte/ — envólucro de chamas...» Novamente, o aconteciemento é imediata história e «a liberdade presa ao vento do agitar bandeiras», vai de coração em coração a caminho de traduzir o Sonho em realidade. Trânsito poético que se viveu; trânsito político que se não cumpriu. Os políticos não poetas não acreditavam na verdade do Sonho, nem no «povo-povo» que avança para a cena no teatro da História.

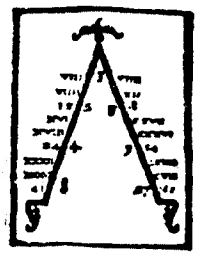
O Poeta, que se negara a fazer mais de vinte anos e que nos deixou uma obra poética — em verso e em prosa — de invulgar altura na criação literária deste século XX, português, um dia anunciou: «Envelhecer é este frio de flor seca./ Caverna desabitada/ com uma fogueira ao centro, a arrefecer devagar». Devagar envelheceu. Devagar arrefeceu.

Ele não queria a Morte. Ele queria continuar com os poetas mais novos e com o «povo-povo» a marcha que iniciara. Ele que nos dissera: «Não fiques para trás ó companheiro...»

Partiu. Não morreu. Os mortos, nas obras vivos, vivos pela acção, não morrem. E, recordando os mortos com amor, não podemos deixar de ouvir os versos de José Gomes Ferreira: «Tanto vivo inútil!/Tanto vivo inútil/ TANTO VIVO INÚTIL!/Apenas com o destino da respiração.»

Dele, José Gomes Ferreira, se dirá, com lágrimas, com raiva, o protesto que grita no verso de Afonso Duarte:

«Eu posso lá morrer, terra florida!»



Arquitectura reflexa

Pedro Vieira de Almeida

Uma exposição Carlos Ramos

MESTRE Carlos Ramos nasce em 1897 e morre com 72 anos em 1969.

Formado em 1920 projecta três anos mais tarde na sua primeira obra, uma intervenção polémica na Baixa Pombalina, a Agência Havas, e ao longo da sua vida profissional elabora algumas propostas notáveis, das quais é costume salientar quase só o Pavilhão da Rádio de 1927, com menor frequência se falando no Liceu D. Filipa de Lencastre, projecto aliás não realizado, de 1930, para apontar aqui apenas estes dois casos.

Em 1940 é professor da Escola de Belas Artes do Porto e em 52 seu director, cargo que desempenha até 1967 ano em que atinge a reforma.

Retenhamos as datas e o seu significado.

1940-1967 é todo um período coberto pela vigência do Estado Novo, mais Cultura do Espírito menos Cultura do Espírito.

É portanto neste período ingrato, que Carlos Ramos se lança à estruturação da ESBAP obra que até à sua reforma dois anos antes da sua morte ele vai prosseguir infatigavelmente.

Há dez anos atrás, a intervenção de Mestre Carlos Ramos não se revestiria para qualquer estudo que sobre ela se debruçasse, de carga polémica imediata.

No entanto hoje uma leitura que dela queiramos fazer, já tem outras perspectivas.

Neste caso particular, talvez se possa aceitar que a ausência de um trabalho monográfico sobre Carlos Ramos, tenha tido como justificação precisamente a necessidade de sobre ele e sobre a sua intervenção se ganhar uma certa distância que permitisse interrogar uma e outra, problematizando o seu contributo.

Sendo certa esta explicação ela já dificilmente justifica que longos quinze anos tivessem decorrido sem que a sua obra como arquitecto, nem o seu labor como pedagogo, tivessem sido abordados de maneira coerente e estruturada, para além de referências necessariamente sintéticas em trabalhos de carácter mais geral. É que quinze anos resulta excessivo, mesmo para um deliberado período de sedimentação de ideias e distanciação táctica.

A sua obra projectada, que tem sido de alguma maneira acusada de «seca», carece de ser inventariada e nela analisado e verificado o sentido dessa secura formal.

A sua obra pedagógica que tem sido caracterizada como «comprometida» senão mesmo «conformista» carece de ser analisada, e nela ponderado o sentido desse comprometimento e conformismo.

Impõe-se portanto a realização de um estudo sobre Mestre Carlos Ramos, estudo que contribua para tornar mais nítido e compreensível o seu perfil profissional e humano.

Não um estudo de homenagem e consagração que expeditamente o «arquive» na nossa memória, e boa consciência, nem um estudo que se pretenda conclusivo, que não estão lançados os quadros de referência em que a sua actividade se inseriu, muito menos um estudo que se pretenda definitivo, porque se trata de facto mais de levantar problemas do que de os resolver.

Mas será agora oportuno um estudo que seriamente contribua para um entendimento de quem foi e como foi Mestre Carlos Ramos, estudo que voluntariamente se situe não como pedra remate de um percurso de análise, mas mais modestamente se situe como pedra inicial desse mesmo percurso.

E fazê-lo, implica tornar viva a obra e a personalidade de Carlos Ramos.

Quase certo que essa análise feita hoje, permite salientar aspectos agora já polémicos da sua intervenção e até talvez se venha aí a demonstrar como cheias de actualidade, muitas das suas preocupações.

Será surpreendente que tal aconteça?

Não o creio e suponho além disso que a académica inadvertência de que se revestiu a discussão em torno da Expo. Raul Lino em 1970, hoje se não repetirá, face a um estudo embora de características idênticas às que então situaram aquela exposição.

Mas por outro lado, isso mesmo essa mesma alteração de reacções será um dado significativo para um enquadrar sociológico do contexto de ambas as situações **ainda** em 1970 e **já** em 1985.

E 1985 será ao que parece com toda a probabilidade, o ano da realização da Expo. Carlos Ramos, a ser levada a cabo nas instalações, e com o apoio da Fundação Gulbenkian.

Registo o facto com legítima satisfação, já que a proposta e a realização se inscrevem numa perspectiva do lançamento de monografias sistemáticas sobre a obra de alguns arquitectos, pelo menos e com prioridade evidente, de aqueles que constituem pedras fundamentais para o nosso próprio entendimento.

Só é pena que entre a primeira exposição de Raul Lino e esta de Carlos Ramos, tenham mediado quinze anos, o que a generalizar-se como ritmo, apenas nos deixa a esperança de mais uma exposição sobre outro arquitecto até ao ano 2000. O que será excessivamente pouco.

Por mim que tive a oportunidade de propor quer uma quer outra, tentarei por meu lado, contribuir eu próprio com um ou mais estudos sobre a obra de outros arquitectos, e seria apreciável que outras abordagens viessem tornar publicamente mais acelerada esta emperrada análise dos «anos difíceis» da nossa cultura arquitectónica.

Para além do interesse em si mesmo que uma exposição Carlos Ramos necessariamente terá, ainda se poderá esperar que ela constitua o início de um relançamento generalizado deste tipo de trabalhos.

Não creio pecar por excesso de optimismo ao pensá-lo e certamente não pecarei, ao formular votos para que tal aconteça.

E se assim for, a Expo. Carlos Ramos revestir-se-á de um duplo sentido pedagógico, o que para a intervenção de um homem para quem tanto importou a pedagogia da sua própria profissão, não deixará de ter particular pertinência e significado.

Por financiamento de honorários dos advogados

Caso Flick de novo no Parlamento alemão

O Parlamento alemão-federal vai reexaminar a concessão de um empréstimo estatal a ex-ministros com pré-financiamento dos custos do processo judicial no âmbito do «Escândalo Flick», anunciou em Bona um porta-voz parlamentar.

Os ex-ministros são Otto Lambsdorff (liberal, FDP) e Hans Matthoeffer e Manfred Lahsntein, ambos sociais-democratas (SPD). O primeiro aguara, ainda, julgamento enquanto os processos de Matthoeffer e Lanstein foram arquivados.

O empréstimo aos três ex-ministros, concedido sem juros, ascendeu a 185 000 marcos (cerca de dez mil contos), tendo servido para pagar os honorários dos advogados.

O presidente da Comissão Parlamentar para o Orçamento, Rudi Walter (SPD), revelou aos jornalistas que a comissão foi incumbida pelo Tribunal de Contas de investigar pela segunda vez o assunto.

Walter afirmou que o tribunal «criticou o montante da ajuda ao pagamento das custas processuais bem como a forma como ela foi requerida».

O tribunal considera que os detentores de cargos públicos não estão abrangidos pela legislação actualmente existente sobre a matéria.

Lambsdorff recebeu uma ajuda no montante de 141 665 marcos, Lahnstein 28 000 e Matthoeffer 15 000 marcos.

A concessão do empréstimo a todos os ex-ministros, mas em particular a Lambsdorff, acusado de corrupção pela Procuradoria Geral da República, ao ter alegadamente recebido dádivas do consórcio Flick para o seu partido, a troco da concessão de isenções fiscais, foi vivamente criticada por vários deputados da oposição.

Escândalo à brasileira resolve-se com suicídio

O proprietário do segundo maior estaleiro naval do Brasil suicidou-se na quinta-feira, nos seus escritórios no Rio de Janeiro, na sequência de um escândalo financeiro envolvendo centenas de milhões de dólares.

Paulo Ferraz, de 61 anos, presidente e sócio maioritário da empresa «Comércio e Navegação» (CCN), proprietário do estaleiro naval Maua, foi encontrado morto com um tiro na cabeça.

O estaleiro Maua, com dívidas no valor de mais de 250 nilhões de dólares, é o principal implicado num escândalo financeiro envolvendo 545 milhões de dólares de empréstimos não pagos abrangidos por garantias governamentais.

Investigadores do Governo estão a tentar descobrir o destino daquela quantia levantada pela Agência de Marinha Mercante, Sunamam, a qual está também a ser alvo de um inquérito por alegada má gestão.

O «Jornal do Brasil» salientou que este escândalo, que envolve estaleiros navais, poderá pôr em perigo a renegociação da dívida externa do país, calculada em cem mil milhões de dólares, porque alguns dos empréstimos não pagos foram fornecidos por bancos estrangeiros.

Os bancos estrangeiros, a quem os estaleiros devem 150 milhões de dólares, estão a exercer pressões sobre o Governo para que honre as suas garantias.

O Governo prometeu assumir a responsabilidade de 95 milhões de dólares da dívida que até agora investigou.

«Criámos um monstro» – comentou o ministro brasileiro dos Transportes, Cloraldino Severo quando ordenou a investigação.

Informações da Imprensa indicaram que os estaleiros defraudaram a agência Sunamam em milhões de dólares durante mais de uma década.

sindicato dos trabalhadores da função pública do sul e açores

sul e acores

TÉCNICOS DE DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA

CONVOCATÓRIA

Dia 12 de Fevereiro – 15.30 horas na SALA DE CONFERÊNCIAS do HOSPITAL D. ESTEFÂNIA para um PLENÁRIO GERAL com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1) Reestruturação da Carreira
a) Análise e discussão do projecto (reformulado) entregue ao Sindicato
b) Medidas a tomar face às conclusões do plenário.

· **POR UMA CARREIRA JUSTA**
· **A UNIDADE É A NOSSA FORÇA**

A DIRECÇÃO

Não haverá novo acordo com o Fundo Monetário

No entanto, a economia portuguesa continuará sob apertada vigilância do FMI com reflexos junto da banca internacional

O Governo português e o FMI não assinarão, este ano, nova Carta de Intenções, no prolongamento da que termina o seu período de aplicação no final do mês corrente, vencendo, assim, a opinião dos que, no exterior do Governo e especialmente concentrados no Gabinete de Economia do Partido Socialista, entendem ser esta a melhor solução para o País, em função do modo como foi levada à prática a Carta de Intenções prevista para abranger o período Outubro/83-Fevereiro/85.

O Governo cumpriu e ultrapassou uma cláusula fundamental da Carta — a melhoria da balança de transacções correntes — mas não conseguiu cumprir as que se referiam aos níveis de inflação e ao crédito para o sector público administrativo alargado. Se no primeiro caso (défice limite admitido de 1250 milhões de dólares) a meta foi atingida com alguma folga (estimativas apontam para ganhos de 300 milhões de dólares em relação a essa meta) já nos dois últimos os limites foram excedidos com a inflação a atingir Dezembro num tecto de 29,2, quando a Carta apenas admitia 24 por cento, e o défice do SPAL a exceder em 46 milhões as previsões do FMI. O financiamento ao sector público administrativo alargado (umas 53 empresas públicas) não deveria ter ultrapassado 14,5 por cento do Produto Interno Bruto, mas deve rondar, no final do ano passado, os 17% do PIB.

Face a este panorama, embora se pudesse «fazer render» o argumento do excelente comportamento das contas externas, era previsível um rol de exigências do Fundo quanto à austeridade orçamental das empresas públicas que o Governo não está em condições de cumprir. Aliás, o Orçamento para 85, já aprovado na generalidade, na Assembleia da República, não contempla um tal grau de austeridade, não obstante se conhecerem as dificuldades intergovernamentais para os cortes efectuados.

Outra consequência mais imediata foi a desistência do Governo português de sacar a última «tranche» do empréstimo do FMI, subjacente à Carta de Intenções. O total do empréstimo era de 445 milhões de direitos de saque especiais (DSE igual a 130 escudos quando o acordo foi assinado) e essa última «tranche», que podia ser requerida em Fevereiro, atingia os 90 milhões de dólares, cerca de 15 milhões de contos.

Se, por um lado, a melhoria da balança de pagamentos não tornava premente este saque — tanto mais que foi já garantido o primeiro empréstimo à República para 1985, de 500 milhões de dólares — duvidava-se, em certos círculos do Ministério das Finanças e do Banco de Portugal, que o FMI libertasse o dinheiro sem novas explicações portuguesas acerca das metas não atingidas e a que os negociadores do Fundo atribuíam importânica fundamental.

Assim, e contrariamente ao que foi noticiado, não foi o Fundo que recusou libertar essa tranche de 90 milhões de dólares, mas o Governo português que decidiu não a tentar sacar. Uma negativa provocaria sérias complicações para a negociação do empréstimo que decorria entre Vítor Constâncio, governador interino do Banco de Portugal, e Brian Wooley, do Citicorp International Bank, que lidera o sindicato bancário do empréstimo à República.

Rigorosamente vigiados

Em função de todos estes dados e no pressuposto de que não vai ser negociado este ano — pelo menos até ao Verão — um novo acordo com o FMI, isto não significa que a administração portuguesa dispõe de rédea livre para gerir a economia. Pelo contrário: as contas e a aplicação da política orçamental serão rigorosamente vigiadas pelas delegações do FMI que virão a Lisboa duas vezes até ao Verão, a primeira já em fins de Fevereiro ou princípios de Março e a segunda nos primeiros meses do Verão, em data a confirmar.

As delegações, como sempre chefiadas por Teresa Ter-Minesean, elaborarão relatórios para o «Board» do Fundo, em que estão representados os principais países subscritores do capital do Fundo. Se é verdade que sem acordo o «Board» não pode interferir directamente na gestão da economia portuguesa, também se sabe que cada um dos administradores faz chegar os relatórios, de forma informal, ao conhecimento dos governos que representa.

Se a economia portuguesa se comportar mal, os riscos de a torneira do crédito internacional, a que Portugal vai ter que recorrer, regularmente em 85 e mesmo 86, passar a pingar muito menos dólares e em condições mais gravosas são reais o que não pode deixar de ser tido em consideração.

Daniel Reis

Rede de evasão de divisas em Espanha

Antigo embaixador em Lisboa presumivelmente implicado

O embaixador de Espanha em Portugal, António Poca y Gutierres de Caviedes, prestou declarações à brigada de delitos monetários, por presumível implicação em evasão de capitais – informaram fontes policiais em Madrid.

António Poca, 73 anos, já reformado, era embaixador de Espanha em Portugal quando do incêndio da sede da representação diplomática espanhola em Lisboa, em Setembro de 1975.

O nome de António Poca faz parte de uma lista de 42 pessoas presumivelmente implicadas na evasão de capitais que as autoridades espanholas investigam presentemente e que causou um forte escândalo por afectar a diplomacia e a alta sociedade espanhola.

O jornal «Diário 16» informava ontem que o ex-embaixador de Espanha em Lisboa está implicado na evasão de 160 milhões de pesetas, embora esta informação não esteja confirmada, dado o carácter secreto das diligências.

Hoje mesmo, o juiz de delitos monetários, Luís Lerga, continua os interrogatórios dos presumíveis implicados na rede de evasão de capitais descoberta na semana passada.

Para os próximos dias estão citadas para prestar declarações, 14 pessoas entre elas dois directores-gerais do Ministério de Negócios Estrangeiros que se demitiram dos respectivos cargos quando tiveram conhecimento da citação.

O número de pessoas presumivelmente implicadas eleva-se, por agora, a mais de 90, de acordo com fontes judiciais.

No sábado, prestaram declaração ante o juiz de delitos monetários três mulheres da aristocracia espanhola.

A princesa Maria Teresa de Baviera e Miriam Figueira, prima de Natália Figueiroa, esposa do artista Raphael, prestaram declaração no sábado, sem que sua presença no tirbunal tivesse sido conhecida previamente pelos jornalistas, pois o tribunal está habitualmente fechado nesse dia da semana.

Outra mulher, também da aristocracia espanhola cuja identidade não foi revelada, prestou declaração no mesmo dia.

As três saíram em liberdade sem fiança.

Golpe contra Moran?

A princesa Maria Teresa de Baviera reconheceu que entregou a Francisco Javier Palazon, considerado o principal responsável da evasão e único que está em prisão condicional, «não mais de seis milhões de pesetas, mas para investir em Espanha».

O Governo responderá esta semana, no Congresso de Deputados, a diversas perguntas da Oposição relacionadas com o tema da evasão de capitais.

O escândalo que afecta sobretudo diplomatas, entre 20 a 30 e a alta aristocracia espanhola, transformou-se nos últimos dias num «caso político» não só entre a Oposição e o Governo, mas dentro do próprio Gabinete.

O jornal «El País» apresentou no sábado passado, a hipótese de que a maneira como foram realizadas as investigações e o seguimento do caso revelam um «golpe» do Ministério de Economia contra o Ministério de Negócios Estrangeiros, e seu titular, Fernando Moran.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Fernando Moran, divulgou, entretanto, uma nota oficial em que recusa essa interpretação.

Por sua vez, a Oposição conservadora acusa o Governo de desencadear este escândalo neste momento, para ocultar ou passar a segundo lugar o Caso Flick e uma campanha levada a cabo por alguma Imprensa da direita contra presumíveis corrupções por parte do Partido Socialista a nível da Administração Municipal.

Depois das demissões de dois directores-gerais do Ministério de Negócios Estrangeiros, outro cargo público, o delegado de Rádio e Televisão Espanhola na Catalunha, o jornalista Tristan de La Rosa, também se demitiu por ter sido instado a prestar declarações ao juiz de delitos monetários.

Tristan de La Rosa, que residiu 30 anos no estrangeiros como correspondente de Imprensa, recusa qualquer implicação na evasão de capitais, de acordo com declarações publicadas no sábado pelo jornal «El País».

Caso Flick e dólares falsos

Entretanto, o Governo apresentou na semana passada 321 auditorias realizadas a empresas e organismos públicos e municípios, relacionadas com a gestão destas entidades até à chegada dos socialistas ao poder.

A comissão parlamentar de Inquérito sobre as eventuais implicações do «Caso Flick» em Espanha deverá examinar, agora, a documentação enviada pelo Governo sobre a gestão das referidas empresas públicas e organismos.

As investigações sobre o «Caso Flick» já terminaram e apenas falta a redacção final das conclusões que serão debatidas numa sessão plenária do Congresso de deputados, provavelmente a 19 de Fevereiro, em sessão pública.

A Comissão apresentara, depois, um Projecto de Lei sobre o financiamento dos partidos políticos.

Já não bastava a evasão de capitais e as sequelas do caso Flick: agora a Polícia espanhola apreendeu 145 mil dólares falsificados por uma técnica desconhecida e que dava às notas «extraordinária qualidade», anunciou um porta-voz da Polícia.

Uma operação policial executada na terça-feira em Almeria, Sul de Espanha, conduziu à detenção de dois cidadãos italianos e um francês, como presumíveis autores da introdução dos dólares falsificados.

Os detidos são Carmine Viticci, Raffaelo Sposito (italianos) e Jerome Martinez (francês).

Os dólares falsificados «são de extraordinária qualidade, ao ponto de se poder afirmar que se trata da mais importante descoberta até à data» – afirmou o porta-voz da Polícia.

A técnica usada na falsificação dos 145 mil dólares é ainda desconhecida, acrescentou a mesma fonte.

As notas foram apreendidas pela Polícia espanhola num hotel de Almeria, onde os detidos se alojaram.

Raffaelo Sposito, para tentar fugir, atirou-se de um quarto andar, mas não ficou ferido.

Conselho Nacional social-democrata

Bang! Bang! no "gang"...

Vassourada no PSD

Manuel Anta

L'importante, c'est la rose l'important.... Se para o cantor francês, Gilbert Becaud, «o importante é a rosa», para o Conselho Nacional do PSD, reunido sábado em Lisboa em sessão extraordinária, desde cedo se revelou que «o importante é acabar com o gang». Tudo, ou quase tudo do que ali se passou, se resumiu a uma luta sem tréguas entre os que defendiam a manutenção da «entourage» de Mota Pinto na chefia do partido e nos lugares que ainda ocupam no Governo (forma de assegurar a vitória no próximo Congresso do PSD) e aqueles que queriam dar a vassourada «numa clique que, para se manter no Poder, compra os votos dos militantes». Ganharam os últimos e, por agora, o PSD apresenta-se com uma cara lavada.

Momentaneamente, diluíram-se duas sensibilidades («salgueiristas» e «marcelistas»), enveredou-se pela «unidade». Criaram-se condições para uma limpeza de alto a baixo «no que está podre dentro do partido». O candidato presidencial do PSD (civil, militar, militante, independente... as bases o dirão num referendo a realizar no próximo dia 29 de Março), não será o candidato de um homem ou de um grupo restrito, mas sim o candidato de *todo* um partido. O Congresso do PSD, que se afirma «vir a ser isento», já tem data marcada: 10, 11 e 12 de Maio. De uma penada, apenas em dois dias, o PSD recuperou o tempo perdido, alargou os seus horizontes.

Mota Pinto, a ética

Dois dias marcados pela procura de um consenso impossível entre uma maioria apostada em não perder as rédeas do Poder e duas minorias empenhadas em conquistar o Poder. Dois dias em que se trilharam frequentemente caminhos antagónicos, em que cada um se superou na procura de trunfos que derrubassem o adversário. Dessa luta de gigantes, emocionante, luta de «vale tudo», o espectador não saiu defraudado.

Honra lhe seja feita: podia ter agido como muita classe política hábil em golpes de rins e com uma coerência a rondar o ponto zero. Mas não: ao oferecer um desmentido total a todos os que duvidavam de que tivesse «vergonha na cara» – desmentido dado com o seu regresso a Coimbra depois de constatar a ausência de um «apoio claro, inequívoco e substancial» à sua pessoa... –, Mota Pinto deu um exemplo de coerência, sentido ético e respeito por si próprio. Mais: assumiu uma posição digna ao ordenar a fiéis mais papistas que o Papa: «Desconvoquem, e já, essas manifestações»

Por razões que ainda falta apurar, a «ordem» foi ouvida em todo o País... menos em Ourique. Daí a manifestação de meia dúzia de gatos pingados que, vindos daquela vila alentejana para gritar «Mota Pinto regressa» à porta do hotel onde se ia realizar o Conselho Nacional do PSD, cedo optou pelo regresso a casa depois de se aperceber do isolamento em que se encontrava.

Solução Leonardo

À falta de manifestações «espontâneas», o Conselho Nacional Extraordinário do PSD registou, logo de início, várias manifestações inconfundíveis de que no interior do PSD o vento começava a mudar.

Na cara dos conselheiros afectos à ala Mota Pinto, sentia-se um indisfarçável nervosismo enquanto nas dos conselheiros ligados às sensibilidades João Salgueiro e Marcelo Rebelo de Sousa, se lia uma confiança tranquila.

Abertos os trabalhos do Conselho, a ala Mota Pinto não demorou a colocar os seus trunfos na mesa: «Mota Pinto no Governo, Leonardo Ribeiro de Almeida na chefia do Partido».

Tal como o «DL» fora o primeiro a noticiar, na sua edição de sexta-feira, a solução era «inaceitável» para as oposições, já que Leonardo Ribeiro de Almeida não dava «garantias de isenção».

Abrindo as hostilidades, António Capucho, líder do grupo parlamentar social-democrata e um dos espigões da estratégia salgueirista, alerta para uma realidade: o líder do partido será vice-primeiro-ministro... Leonardo Ribeiro de Almeida não conhece os dossiers do partido nem os do Governo.

Fogo sobre Machete

As horas passam e, entretanto, recuo da linha Mota Pinto: Fernando Amaral «substitui» Leonard Ribeiro de Almeida. Aí, fica-se com a certeza: a linha Mota Pinto sempre tão apressada, num passado recente, a recorrer à arma do voto; nunca predisposta ao diálogo; constantemente em uníssono com o «eu quero, eu posso, eu mando» de um Mota Pinto amparado na certeza de que conta com a maioria... está em fase descendente.

À procura de uma tábua onde se arrimar, a tendência Mota Pinto decide abrir um fogo cerrado contra o primeiro vice-presidente, Rui Machete. Este, considerado há muito como «inadiável», «civilista» e «traidor a Mota Pinto», é o líder escolhido pelas oposições para gerir, pelo menos até ao Congresso, os destinos do PSD.

«Naõ pode ser!», grita Fernando Nogueira, um dos apoios mais fiéis e respeitados de Mota Pinto. «Machete desde há muito que é namorado pelas oposições internas, a sua eleição significa uma derrota política para a maioria», acrescenta.

Nos corredores, os ataques contra Machete vão mais longe: «É um soarista, com ele na liderança do partido o PSD fica subalternizado à estratégia do PS», clama-se.

O mini-gabinete

O diálogo de surdos prossegue sem que o consenso esteja à vista. Até que, perante os impasses seguidos de impasse, João Jardim propõe a criação de uma Comissão alargada, englobando várias personalidades e todas as tendências, para se chegar a um acordo.

Numa sala, reune-se aquilo a que se chamou o «minigabinete da crise».

Leonardo Ribeiro de Almeida, e ou Fernando do Amaral, um dos dois a liderar uma Comissão Política repleta de representantes das Distritais, continua a ser o «leit-motiv» das tropas fiéis a Mota Pinto.

Por seu turno, salgueiristas e marcelistas propõem o nome de Rui Machete ou o de, horas depois, Amândio de Azevedo.

Não há acordo, tanto mais que os mota-pintistas introduzem a dado passo a possibilidade de um regresso de Mota Pinto à liderança do PSD e da sua permanência no Governo.

Nova Comissão Política dos sociais-democratas: Rui Machete mais a junção das sensibilidades..

«Está bem!», concordam as minorias. «Mas com uma condição», acrescentam: «tem que passar a haver idoneidade moral dentro do partido». O recado é claro: Mota Pinto pode regressar à vontade... desde que pessoas que não nomeiam, mas que toda a gente quem são (Ângelo Correia, Calvão da Silva, Eugénio Nobre...), abandonem a direcção do Partido e saiam do Governo.

«Somos uns gajos porreiros, cultivamos o nacional-porreirismo, não queremos esmagar os motapintistas mas... o gang tem que saltar», dizem dirigentes das tendências João Salgueiro e Marcelo Rebelo de Sousa, em contactos com os jornalistas.

Ângelo e a ética

Cerca das 22 horas de sábado, Barbosa de Melo telefona para Coimbra. Braço direito de Mota Pinto, pergunta-lhe: «Aceita regressar?»

«Não, não aceito. A minha atitude não foi uma palhaçada...», responde Mota Pinto, segundo palavras proferidas ao Conselho pelo próprio Barbosa de Melo.

Entre a sala onde se reúne o «minigabinete da crise» e a sala onde está reunido o Conselho, o vaivém é constante. As propostas sucedem-se (Fernando Amaral mais estes, Leonardo Ribeiro de Almeida mais aqueles; Rui Machete e estes, Amândio de Azevedo e aqueles...), os impasses subsistem.

Cansado de tanto «imbróglio» João Jardim vai aos arames: «isto já não é um partido, é uma vergonha!», grita.

Ângelo Correia começa a falar de ética. Ele, um dos homens que está na berlinda, no epicentro da crise que se abriu desde há muito dentro do PSD, acusa Rui Machete de falta de ética. O primeiro vice-presidente social-democrata não pode aceitar a liderança. A fazê-lo, está a trair o ex-líder, diz o ex-ministro da Administração Interna.

Aplausos para Balsemão

Pinto Balsemão, o único fundador do PSD que ainda se encontra, resolve intervir na contenda. Apela a que se desdramatize a situação, dá a «bênção» a uma proposta que entretanto chegou à mesa: Comissão Política liderada por Rui Machete e com as sensibilidades do partido nelas representadas.

Em seguida, defende o referendo e considera: «seria bonito, importante, daria credibilidade que realizássemos um Congresso isento, no próximo dia 25 de Abril».

Discurso apaziguador, de Estado, que merece a Balsemão a maior salva de palmas que se ouviu no Conselho Nacional. Palmas quentes até porque Balsemão soube lembrar: «Poderia vir aqui lembrar que quem com ferro mata...» O «traído» de Montechoro não quis vingar-se em Lisboa. Num gesto significativo, viria horas mais tarde a propor um voto de louvor a Mota Pinto «pelos serviços prestados ao partido». Voto que toda a assembleia se apresou a aceitar.

Luís Fontoura

São cerca das 4 horas da madrugada de domingo, quando uma «bomba» estoira: salgueiristas e marcelistas já têm três nomes ligados à tendência Mota Pinto, para integrarem um lugar de vice-presidente numa Comissão Política liderada por Rui Machete: Luís Fontoura, António Mota e Sousa Tavares.

Luís Fontoura, que veio a ser eleito, só aceitou candidatar-se depois de colocar Barbosa de Melo ao corrente de seguinte dilema: «Fui eleito em Congresso pela lista Mota Pinto. Enquanto o professor se manteve na liderança, o meu voto sempre foi para ele. Agora que se demitiu, fico com as mãos livres. No entanto, e se quiserem o meu voto, demito-me e dou o lugar a outro...».

Barbosa de Melo, não lhe respondeu e Luís Fontoura... ficou com as mãos livres: é hoje o terceiro vice-presidente da nova Comissão Política.

Vamos a votos!

Nada avança. A linha Mota Pinto faz finca-pé na não «remodelação governamental» (o que permitiria a continuação de Eugénio Nobre e outros no Governo e, consequentemente, a continuação da «política de benesses para angariar votos...»); na ideia de que o Conselho Nacional não pode «inverter a lógica do Congresso de Braga». «Somos maioria, maoria devemos continuar...», diz-se.

De repente, e talvez porque o cansaço se faz sentir, as oposições entregam tudo de bandeja: querem o Mota Pinto, pois bem; querem o Amândio, aceitamos; querem uma Comissão Política só compostos por motapintistas, vamos a isso. Mas atenção: existe uma condição: «fora com a cambada», segundo expressão utilizada por um conselheiro em conversa com os jornalistas.

Que não!, é a atitude assumida pelos motapintistas, que impedem Amândio de Azevedo de entrar em consenso. O diálogo de surdos está a chegar ao fim. E é a «juventude» do partido (Rui Oliveira e Costa, Pedro Pinto e Pedro Santana Lopes) mais a «maturidade» de António Capucho que dão um empurrão no... «acabou meus senhores: vamos a votos!».

E foram. O resultado (47 sins, 34 nãos, 10 brancos) fez virar uma página importante do PSD. Ao fim de uma longa maratona de equívocos (que razões levaram os motapintistas a insistir tanto no regresso de Mota Pinto se já sabiam de antemão que o professor não regressava?...); de cedências (quase doentias por parte de uma junção de minorias apostadas em não dar de mão beijada o estatuto de mártir a Mota Pinto); de procura de consensos impossíveis (a radicalização era inultrapassável porque uns diziam sim ao «gang» e outros **nunca**...); de desistências espantosas (que razões levaram a linha motapintista a não propor uma lista?), desaguou-se no imprevisível: a maioria de ontem passa a ser a minoria de hoje.

Um minoria orfã de pai (Mota Pinto – Direcção do PSD) e de mãe (Governo-Benesses), que promete dar luta sem tréguas de uma «maioria ilegítima».

Mas sem Mota Pinto – que abriu a crise, que saiu, que não quis regressar... –, que esperanças poderão alimentar essas hostes, agora que perderam a possibilidade de mexer com dinheiro (Eugénio Nobre), Comunicação Social (Calvão da Silva), de mexer com tudo (Ângelo Correia)?

Já o dia desponta quando Rui Machete, o novo presidente do PSD, abana as consciências, arranca as pessoas ao sono que as vai, conquistando, dizendo: «um partido não pode funcionar como uma monarquia!».

Oxalá o Governo, em vésperas de limpeza, ouça estas palavras. É que, tal como um partido, um Governo não é um conjunto de monarca que espezinhem o Zé Pagode, impunemente.

A nova Comissão Política

A nova Comissão Política do PSD eleita ontem cerca das 6 da manhã tem a seguinte constituição: Rui Machete (presidente);, João Salgueiro, Marcelo Rebelo de Sousa, Luís Fontoura e Miguel Veiga (vice-presidenteès); Antunes da Silva (secretário-geral); Mariana Perdigão, Moura Guedes, Silva Marques e Correia Afonso (vogais). Continuam a fazer parte deste órgão por inerência dos seus cargos: Mota Amaral (Açores) e Alberto João Jardim (Madeira), António Capucho (líder do grupo parlamentar) e Pedro Pinto e Carlos Coelho (pela JSD).

A biografia de Rui Machete

O novo líder do PSD, Rui Machete, 44 anos, natural de Setúbal, é licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa e possui o curso complementar de Ciências Político-Económicas da Faculdade de Direito.

Nascido em 7 de Abril de 1940, Rui Machete foi eleito por 47 votos a favor, 34 contra e dez brancos para presidir à nova Comissão Política Nacional do PSD, resultante da crise gerada no Conselho Nacional, realizado a 2 e 3 de Fevereiro no Porto.

Rui Machete obteve os prémios Gulbenkian em Ciências Histórico-Jurídicas e Político-Económicas em 1960 e 1962.

Além de se ter dedicado à advocacia, foi professor do Instituto de Estudos Sociais e do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, onde regeu diversas cadeiras, e da Faculdade de Direito, onde regeu a cadeira de Direito Constitucional.

Tem publicados diversos trabalhos sobre temas de Direito Administrativo e Constitucional e participou como perito em diversas missões oficiais ao estrangeiro.

Sócio fundador da SEDES, Machete ingressou no então PPD a convite de Sá Carneiro, e de Setembro de 1974 a Maio de 75 foi director do jornal do partido, «Povo Livre».

No PPD exerceu ainda as funções de secretário-geral adjunto.

Por designação do partido, foi indigitado secretário de Estado da Emigração, em Setembro de 1975, para três meses depois tomar posse como ministro dos Assuntos Sociais, funções que desempenhou até à posse do primeiro Governo Constitucional.

Responsável pelas relações internacionais, no III Congresso do partido, reunido em Leiria, foi eleito vice-presidente do partido e, em Janeiro de 1978, no V Congresso, foi eleito vogal da Comissão Política Nacional.

Rui Machete acompanhou a cisão de grande parte dos deputados do PSD e foi um dos fundadores da ASDI, onde militou como independente.

Como independente, Rui Machete foi mandatário distrital de Lisboa da candidatura presidencial do general Soares Carneiro.

Rui Machete reingressou no PSD em Fevereiro de 1981.

Actualmente desempenhava as funções de primeiro-vice-presidente da Comissão Política Nacional do PSD, eleito na lista de Mota Pinto no Congresso de Braga, o ano passado.

Rui Machete é membro fundador da Fundação Oliveira Martins e desde o início presidente do seu conselho de administração, é presidente da direcção da Associação Portuguesa para o Estudo das Relações Internacionais e membro do secretariado da Comissão Portuguesa de Justiça e Paz.

Desde 1981 que é administrador do Banco de Portugal.

MOBÍLIAS
JOGOS DE MAPLES
E SOFÁS-CAMA
COMPRE NO FABRICANTE A
PRONTO OU PRESTAÇÕES
MÓVEIS JORGE
Avenida Almirante Reis, 35 (defronte à Igreja dos Anjos)

Na Feira da Citricultura, em Silves

Mais de 20 mil visitantes e compradores de laranja

Mais de 20 mil pessoas visitaram a primeira Feira Nacional de Citricultura, que ontem terminou em Silves, organizada pela Câmara local.

O certame, que se iniciou na passada quarta-feira, ultrapassou – segundo a entidade organizadora – «todas as expectativas atingindo-se todos os objectivos propostos».

As transacções efectuadas, embora não se encontrem totalmente apuradas, foram muito positivas, tendo-se verificado até algumas solicitações impossíveis de satisfazer devido a limitações da oferta.

A título de exemplo, um empresário espanhol tentou adquirir a um produtor do certame cinco mil toneladas de laranja de uma determinada qualidade.

Uma fonte da organização disse que só não se vendeu mais porque «mais nada havia para vender».

A 1.ª Feira Nacional da Citricultura nasceu de uma sugestão da Região de Turismo do Algarve que, pretendendo associar o turismo a outras potencialidades algarvias, lançou a ideia da realização de uma «Festa da Laranja».

O interesse desde logo manifestado pela iniciativa levou a que a Câmara local, conforme palavras do seu presidente, José Viseu, lhe desse uma outra dinâmica, uma maior amplitude – a 1.ª Feira Nacional de Citricultura.

Cerca de sete mil contos foram investidos nesta primeira edição em que participaram 68 expositores em área coberta. No exterior, foi também totalmente ocupada uma área de três mil metros quadrados destinados a empresas ligadas a equipamento e material agrícola.

Nos cinco dias do certame realizaram-se ainda diversas manifestações recreativas, para além de um conjunto de colóquios que abordaram desde a problemática dos recursos hídricos do Algarve ao campo concreto da citricultura nacional e os efeitos da integração na CEE.

Segundo a Direcção Regional de Agricultura do Algarve, a citricultura, a par das culturas hortícolas e das fruteiras meridionais e subtropicais, é um dos sectores com melhores perspectivas para a agricultura local tendo em vistas a adesão à Comunidade.

Num colóquio efectuado sobre essa temática, foi evidenciado que o actual consumo da CEE, em citrinos, é de 6,7 milhões de toneladas/ano, dos quais somente 3,5 milhões são satisfeitos pelos países membros.

Só que, segundo os técnicos, embora se esteja perante um mercado promissor verifica-se que em Portugal «há uma certa estagnação da produção citrícula» mesmo se comparada com a citricultura de outros países.

Ao abrigo das ajudas de pré-adesão, a Direcção-Regional de Agricultura do Algarve está a lançar um programa visando as estruturas de comercialização, de produção e de serviços, no sector.

Mas, na opinião dos técnicos, esse programa, que tem por objectivo o desenvolvimento da produção citrícula, não terá o êxito desejado se não houver uma mudança significativa na mentalidade das pessoas, sobretudo no respeitante ao espírito individualista que ainda é marcante no agricultor português.

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

VENDA DE HABITAÇÕES DE PREÇOS LIMITADOS

EDITAL

JOSÉ ANTÓNIO MESTRE DE BRITO APOLÓNIA, Presidente da Câmara Municipal da Moita,
FAZ SABER QUE:

1 — A partir do dia 11 de FEVEREIRO e até ao dia 8 de MARÇO, de 1985, estará aberto concurso para a atribuição, por sorteio, em regime de compra e venda, dos seguintes fogos, sujeitos ao regime jurídico das casas de renda limitada:

1.º — 6.º andar direito, lote 24, Banda B3, Av. José Almada Negreiros, Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.

Tipologia : T3
Área : 94,05m²
Preço : 941 contos

2.º — 5.º andar esquerdo, lote 27, Banda B4, Av. José Almada Negreiros, Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.

Tipologia : T2
Área : 89,44m²
Preço : 829 contos

3.º — 3.º andar n.º 38, Bloco F, Célula H2, R. Ferreira de Castro, Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros

Tipologia : T3 Esp.
Área : 115,10m²
Preço : 1387 contos

4.º — 5.º andar esquerdo, lote 39, Banda B7, R. Bordalo Pinheiro, Vale da Amoreira, freguesia da Baixa da Banheira.

Tipologia : T4
Área : 106,65m²
Preço : 1123 contos

5.º — «Cave» n.º 2 (AO NÍVEL DA RUA E DO R/C), Bloco H, Célula H2, R. Eça de Queiroz, Quinta da Fonte da Prata, freguesia de Alhos Vedros

Tipologia: T4 Esp.
Área : 160m²
Preço : 1880 contos

2 — As inscrições são feitas dentro do prazo indicado no n.º 1, nos Serviços Municipais de Habitação, das 9.15 às 12.30 horas e das 14.00 às 15.30 horas dos dias úteis, mediante entrega de um boletim fornecido pelos mesmos Serviços, devidamente preenchido, confirmado e assinado e dos documentos comprovativos dos rendimentos do agregado familiar bem como de outros que possam vir a ser exigidos nos termos legais. No acto da inscrição deverá ser depositada a quantia correspondente a 5% do preço do fogo.

3 — Só serão admitidos ao concurso os cidadãos nacionais, maiores ou emancipados, cujos agregados familiares sejam constituídos por um mínimo de 2 e máximo de 8 pessoas e não aufiram rendimentos mensais ilíquidos superiores aos seguintes limites:

N.º de pessoas	Rendimentos MÁXIMOS
2	96.000$00
3	100.800$00
4	115.200$00
5	120.000$00
6	138.240$00
7	147.840$00
8	153.600$00

4 — Todos os demais requisitos e condições de admissão, os trâmites do concurso e as regras a que o mesmo obedece constam do Programa que deve ser consultado pelos interessados nos Serviços Municipais de Habitação nos dias e horas indicados no n.º 2. No mesmo local serão prestados todos os esclarecimentos considerados necessários.

5 — Os sorteios para a atribuição dos fogos realizar-se-ão, pela ordem constante no n.º 1 do presente Edital, no dia 27 de Março de 1985 no edifício dos Paços do Concelho com início às 15.00 horas.

E para constar se lavrou o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos locais do costume.

Moita, 7 de Fevereiro de 1985

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
José António Mestre de Brito Apolónia

Relaxamento dispensa os barbitúricos

Sofrologia torna o doente consciente dos seus problemas

Combater o «stress» e a insónia sem o recurso a barbitúricos pode estar ao alcance de qualquer pessoa que domine as técnicas de relaxamento muscular — afirmam os especialistas em sofrologia.

Um curso de sofrologia, destinado a terapeutas, psicólogos e estudantes de Medicina, começou ontem na Gulbenkian e vai prolongar-se por três dias, sob a orientação da médica Frida Ergas, que dirige a Secção Portuguesa do Colégio Internacional de Sofrologia Médica.

Ao contrário da Psicanálise, que procura no inconsciente a origem dos problemas psíquicos, a sofrologia pretende tornar o doente mais consciente do seu próprio corpo e, através de técnicas de relaxamento, permitir-lhe controlar os seus estados de espírito e enfrentar sem tensão, os problemas do quotidiano. Assim será, teoricamente, até amanhã, em Lisboa.

Frida Ergas, ao explicar a origem e evolução desta nova disciplina, sublinhou que tendo embora pontos de contacto com a hipnose na sua origem, a sofrologia permite ao paciente manter-se livre e consciente.

«Na hipnose, a consciência é levada a um nível baixo e existe uma amnésia post-hipnótica, enquanto no tratamento sofrológico o doente está sempre consciente, participa nos exercícios e recorda-se de tudo» — diz a terapeuta.

O fundador da sofrologia foi o psiquiatra colombiano Alfonso Caycedo, que estudou em Madrid com o professor Lopez Ibor e mais tarde foi à Índia e ao Tibet, onde aprendeu as técnicas do yoga, fazendo a sua adaptação à mentalidade ocidental. Caycedo já esteve em Portugal...

Inicialmente encarado com desconfiança pelos seus colegas de profissão, Caycedo conseguiu gradualmente ganhar adeptos para as suas teorias. Actualmente existem cerca de 20.000 sofrologistas em 42 países.

O primeiro departamento de sofrologia médica foi criado em 1960 no Hospital Provincial de Madrid, e em 1975 realizou-se em Barcelona um Congresso Mundial da especialidade, onde estiveram 1500 médicos sofrologistas.

Recentemente em países como a Suíça e a França a sofrologia começou a ser aplicada a dsportistas para os ajudar a vencer o medo antes das provas de maior responsabilidade.

Os atletas viram o seu rendimento melhorar, graças a uma melhor coordenação dos movimentos e uma economia da energia dispendida em pleno esforço.

Sublinhando que a sofrologia não é uma panaceia universal, capaz de eliminar todas as doenças, a responsável pelo curso disse que «além de uma terapêutica, a sofrologia é também uma filosofia de vida, que procura libertar o indivíduo das tensões psicológicas e dar-lhe maior equilíbrio.»

Resultados globais em 1986

Plano Nacional de Água: uma ajuda para matar a sede

No próximo ano deverão ser apresentados os resultados globais para o Plano Nacional de Águas cujos trabalhos começaram há um ano e foram apreciados numa jornada de divulgação em Lisboa.

Adolfo Gonçalves, director do projecto e responsável pela Direcção-Geral de Recursos e Aproveitamentos Hidraúlicos (DGRAH) esclareceu que o Plano Nacional de Água que demorará três anos vai ajudar o Governo a tomar decisões apontando prioridades.

Existe apenas um esboço de 1972 mas não sabemos quais as necessidades em termos industriais, ou de agricultura — explicou o director salientando que será através do Plano Nacional que se poderá inventariar as quantidades e qualidades de água e adaptar a utilização possíveis a longo prazo.

Adolfo Gonçalves a propósito das perspectivas de utilização dos recursos hídricos, considerou prioritária a realização de novos aproveitamentos hidraúlicos nas zonas do Algarve, Tejo e Vouga.

Na região do Algarve, «altamente prioritária para a economia do país» é necessário inventariar 56 albufeiras e fazer a reconversão das águas de superfície (rios) para regas e reservas de águas subterrâneas para consumos domésticos.

O responsável pela DGRAH referiu que «não existe falta de água no Algarve mas sim falta de investimentos porque cem por cento da população consome águas subterrâneas e 80 por cento das regas é feita com a mesma água, provocando uma sobrecarga».

Explicou que existem já planos no Algarve que permitem regularizar tais situações, nomeadamente as ligações do Sotavento, Odeceixe, barragens do Beliche e Funcho.

«O Algarve possui tradições de regadio e o clima permite fazer primores, ou seja produzir produtos antes da época» — disse.

Aprovada urbanização da ilha de Armona

A Assembleia Municipal de Olhão aprovou por unanimidade o plano geral de urbanização da ilha da Armona – disse o presidente da edilidade.

O plano mandado elaborar pela Câmara custou 3500 contos e inscreve-se no âmbito do acordo de concessão da ilha, por um período de 30 anos renováveis, assinado entre a autarquia e o Ministério do Mar.

Esse acordo teve por objectivo o ordenamento e o aproveitamento disciplinado das potencialidades turísticas e balneares da Armona, que estavam a ser postos em causa por um número crescente de construções clandestinas.

A ilha tem cerca de 800 habitações, é frequentada no Verão por mais de 8000 pessoas, mas não dispõe ainda de energia eléctrica.

No entanto, o presidente da Câmara anunciou que decorrem negociações nesse sentido com a EDP ao abrigo do acordo de concessão.

O plano agora aprovado proíbe qualquer tipo de novas construções prevendo-se, contudo, uma zona de expansão nos sítios de Bias do Sul e Cavacos, no lado da vila de Olhão.

O plano prevê a construção de um parque de campismo com uma capacidade para 900 pessoas, uma pousada da juventude, arborização da ilha, reforço do abastecimento de água e uma zona comercial de apoio.

Estas obras implicam um investimento de 60 mil contos incluindo a construção de um ancoradouro para embarcações de recreio.

Anunciado por Rosado Correia

Saneamento básico algarvio vai ter reforço financeiro

Uma proposta de decreto-lei que contemple o reforço dos meios financeiros para o saneamento básico do Algarve, vai ser apreciada dentro de alguns dias em Conselho de Ministros, revelou no sábado em Monchique o ministro do Equipamento Social.

O ministro Rosado Correia fez esta revelação num contacto que manteve com os jornalistas no termo de uma visita realizada ao concelho. Sublinhou, na ocasião, que aquele documento deverá merecer o apoio global do Governo que, afirmou, «tem também de assumir a sua quota parte de responsabilidade no seneamento básico algarvio».

«Quando no Verão existem mais de 1,5 milhões de habitantes que são turistas, que nada têm a ver com a população normal do Algarve, eu pergunto se deve competir realmente às autarquias a assunção total da responsabilidade económica de um equipamento que lhe sobrecarrega os seus orçamentos» – afirmou.

«O Governo central tem que tomar a sua quota parte de responsabilidades nesses investimentos», acrescentou o ministro para quem a questão do saneamento básico «é uma questão nacional que tem de ser vista globalmente».

Segundo Rosado Correia, em relação ao Algarve é necessário, contudo, saber a quem deve competir gerir os recursos hídricos da região que se relacionam directamente coma problemática do saneamento.

Sobre esta matéria, declarou que o seu ministério «tem projectos e uma política bem clara e bem definida, que está ao serviço das autarquias, e que se encontra capaz de avançar se elas e o Governo assim o entenderem».

Nas suas declarações aos jornalistas, o ministro do Equipamento Social referiu-se ainda à questão da segurança nas escolas, anunciando que será «elaborado num prazo curto» um regulamento sobre a matéria.

Esse regulamento, que afirmou ter partido de uma proposta do seu ministério, será aplicado em todas as escolas do País, estando a sua elaboração a cargo de uma equipa coordenada pela Direcção das Construções Escolares, do Ministério do Equipamento Social.

PSD era o único adversário

Socialistas ganharam Junta da Freguesia da Bica

O PS venceu ontem as eleições para a Assembleia de Freguesia da Bica, concelho de Paredes de Coura, distrito de Viana do Castelo, obtendo cinco dos nove mandatos em disputa.

A lista dos socialistas recolheu 127 votos, contra 109 do PSD.

Votaram 241 dos 489 eleitores inscritos, registando-se ainda cinco votos nulos.

PS e PSD mantêm os mandatos de que dispunham na anterior Assembleia de Freguesia (cinco para o PS e quatro para o PSD, em lista da AD).

Os representantes do PS apresentaram um protesto ao presidente da mesa de voto, acusando um responsável local do PSD de procedimento irregular junto de eleitores.

A Assembleia tinha caído por demissão da maioria dos seus membros, que acusavam a Junta de Freguesia de não dar cumprimento às decisões tomadas pela Assembleia.

O novo presidente da Junta de Freguesia é Jorge Barreiro Azevedo.

Alpedrinha não votou

Um elemento do PS, outro do PSD e um terceiro do CDS integram a Comissão Administrativa que vai gerir os destinos da Freguesia de Alpedrinha, por decisão da Câmara Municipal do Fundão.

Os 1087 eleitores da freguesia deveriam ter ontem eleito nova Assembleia mas, mais uma vez, a segunda, não surgiram listas, pelo que as eleições não se realizaram.

Deste modo, a Câmara do Fundão nomeou uma segunda Comissão Administrativa que em breve vai tomar posse.

O caso de Alpedrinha começou precisamente a 1 de Fevereiro do ano passado, quando a CP deixou de aceitar despachos de mercadorias na estação local.

Reagindo a esta decisão, a Assembleia de Freguesia, composta por cinco elementos do PS e quatro da AD, demitiu-se em bloco, assumindo as forças partidárias o compromisso de não se apresentarem às eleições enquanto o probelma da estação não fosse resolvido.

Um primeiro acto eleitoral fora marcado para Junho do ano passado mas nenhuma lista se apresentou às urnas.

A Câmara Municipal do Fundão nomeou então uma comissão Administrativa composta por três elementos do PS que geriu a freguesia até às eleições marcadas para ontem.

«Queremos apenas ser tratados como o resto do País. Pagamos os impostos e as contribuições e se vivemos num regime democrático temos o direito de ser ouvidos em decisões que nos afectam» – disse à NP o ex-presidente da Assembleia de Freguesia.

José de Matos justificava assim a decisão de demissão tomada há cerca de um ano pela Assembleia de Freguesia a que presidia.

«Não fomos consultados pela CP quando ela decidiu pôr termo aos despachos. Não podemos tolerar que decisões destas sejam tomadas por qualquer Conselho de Gerência de qualquer empresa sem sermos consultados» – sublinhou.

Especialistas de análises clínicas adiam "medidas duras"

Especialistas em análises clínicas decidiram no sábado, em Coimbra, suspender temporariamente a adopção de «médidas duras» para reivindicar o pagamento dos respectivos serviços por parte do Estado.

A reunião, promovida pela Ordem dos Farmacêuticos, na qual participaram cerca de 100 especialistas em análises clínicas, decidiu adiar a adopção de formas de luta porque – anunciou o presidente da Ordem, Alfredo Albuquerque – «o ministro da Saúde comprometeu-se a desbloquear os pagamentos logo após a aprovação do Orçamento Geral do Estado».

Alfredo Albuquerque disse: «Neste momento regista-se um atraso de sete meses nos pagamentos, quando não deveria exceder os 50 dias previstos no contrato assinado entre as partes».

Os participantes na reunião criticaram a inexistência de legislação específica do sector, o que – dizem – favorece um clima de «autêntica selva».

Alfredo Albuquerque sublinhou, a propósito, que «a inexistência de legislação própria equipara Portugal a um qualquer país do Terceiro Mundo».

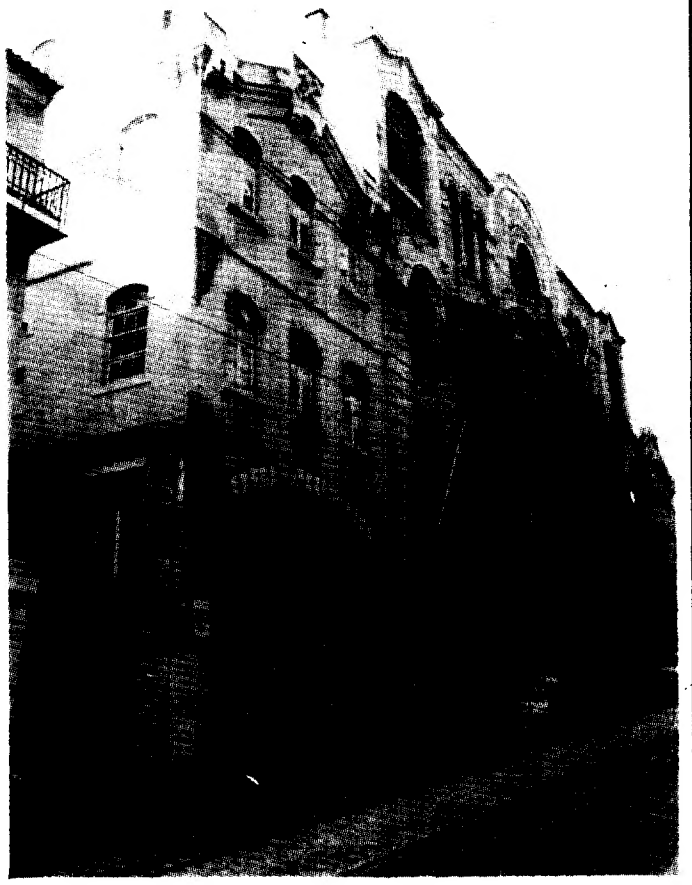
Fundada por iniciativa dos "tabaqueiros"

"A Voz do Operário" faz 102 anos

Criada em 13 de Fevereiro de 1883, fruto da consciência da classe dos operários tabaqueiros, que lutavam em prol de melhores condições de trabalho, a Sociedade «A Voz do Operário» comemora agora 102 anos de existência. Foi principal obreiro desta sociedade de instrução e beneficência Custódio Brás Pacheco, primeiro defensor da constituição de um jornal que desse voz aos operários tabaqueiros. Na véspera da fundação da sociedade, dizia Custódio Pacheco, numa reunião de tabaqueiros realizada no Beco dos Fróes, ao Menino de Deus (hoje Rua Norberto Araújo): «Soubesse eu escrever que não estava com demoras. Já há muito que tínhamos jornal. Bem ou mal o que lá se disser é o que é a verdade. Amanhã reúne a nossa assembleia e hei-de propor que se publique um periódico que nos defenda a todos e mesmo aos nossos companheiros de outras classes».

E assim foi. No dia seguinte a assembleia de tabaqueiros decidiu construir a Sociedade Cooperativa «A Voz do Operário», que serviria de apoio à publicação de um jornal com o mesmo nome. Fundada em plena luta dos operários tabaqueiros, que reivindicavam melhores condições de vida, a sociedade foi desde logo considerada um «baluarte do sindicalismo e do movimento operário».

Nos seus estatutos, redigidos pelo próprio Custódio Brás Pacheco, afirmava-se que era a propósito de «A Voz do Operário» «estudar o modo de resolver o grande problema do trabalho procurando, por todos os meios legais, melhorar as condições deste, sob os pontos de vista económico, moral e higiénico». A sociedade propunha-se também, «estabelecer salas, gabinetes de leitura, caixa económica e tudo quanto em harmonia com as sociedades desta natureza, e com as circunstâncias do cofre, possa concorrer para a construção e bem-estar da classe trabalhadora em geral e dos sócios em particular».



«A Voz do Operário» assim continua há 102 anos

A primeira direcção de «A Voz do Operário» era constituída na sua maioria por elementos do Partido Socialista. Naquela fase, a «Voz do Operário» tinha 316 sócios, que pagavam uma quota semanal de 20 réis. Em 1932 era já de sete mil o número de associados e mais de 300 alunos, pagando os sócios uma quota mensal de dois escudos e cinquenta centavos e os estudantes três escudos, a quem era distribuída uma sopa e pão por dois tostões, alimentação que era gratuita para quem não pudesse pagar.

Actualmente, a sociedade tem cerca de 150 trabalhadores e cerca de 12 mil sócios, e desenvolve uma série de actividades de entre as quais se destaca o ensino. Neste âmbito, cerca de mil crianças frequentam a instrução infantil e a pré-primária em cinco escolas espalhadas por Lisboa, estando assegurado o transporte a 300 e a alimentação a cerca de 500.

A sociedade, cujo lema é «o esforço pertinaz tudo consegue», integra, ainda, um balneário público, uma biblioteca muito vasta (com dezenas de milhares de volumes) e desenvolve várias actividades desportivas e cursos nocturnos de alfabetização e línguas estrangeiras. O edifício de «A Voz do Operário» começou a ser construído em 1912, mas só ficou concluído em 1930. A Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» foi galardoada com a medalha de ouro da cidade.

federação nacional dos sindicatos da função pública

federação

NÃO À PROPOSTA DO GOVERNO DE ORÇAMENTO DO ESTADO PARA 1985

CONCENTRAÇÃO FRENTE À ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA 14 DE FEVEREIRO — 18.00 HORAS

A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública apela à participação de todos os TFP, na concentração promovida por vários sectores, frente à Assembleia da República às 18 horas, de 14 de Fevereiro. Esta acção visa protestar contra a proposta de Orçamento do Estado, apresentada pelo Governo à Assembleia da República e exigir a eliminação das disposições mais gravosas. Através da lei do Orçamento, o Governo pretende responsabilizar os deputados pela aprovação de medidas altamente impopulares, como são os despedimentos e a criação de excedentes.

De facto, o projecto do Governo prevê medidas claramente inaceitáveis, tais como:

— Extinção dos organismos de coordenação económica e a colocação dos respectivos trabalhadores na situação de excedentes.
— Extinção, reestruturação ou fusão de organismos públicos, também com a passagem dos respectivos trabalhadores à situação de excedentes.
— Redução em 10% das remunerações dos trabalhadores colocados na situação de excedentes.
— Retirar os direitos sociais e a Segurança Social aos trabalhadores com vínculo precário, bem como o seu consequente despedimento.
— O congelamento com vista à eliminação de todas as remunerações acessórias.
— A realização de importantes cortes orçamentais, o que trará como consequência a degradação do funcionamento dos serviços.

ESTE ORÇAMENTO NÃO!

- **Pela defesa da estabilidade de emprego.**
- **Contra a degradação dos serviços.**
- **Pela melhoria das condições de vida e de trabalho.**

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1985

O Secretariado

de ontem para hoje

Salpicão: indústria do futuro?

SE o preço pega, não há dúvida de que rapidamente a indústria dos «croissants» levará um grande sopapo e dará a vez à de salpicões. Tudo resulta do preço atingido por este tipo de enchido na III Feira Anual de Fumeiro, realizada em Vilar, Trás-os-Montes: quatro contos por quilo. O objectivo expresso do certame é a defesa da qualidade mas, indesmentivelmente, os expositores não perdem o preço de vista, enquanto os apreciadores não regateiam. Assim, os fabricantes de produtos fumados que participaram na feira de Vilar foram este ano 160. Claro que todos terão ficado contentes... A par dos chouriços, salpicões e presuntos, mais havia: uma exposição de artistas ao vivo e uma outra de alunos das escolas primárias e preparatórias de todo o concelho. Não atingiram cotação que fizesse notícia.

«Se ele nem tem gado, senhor»

Para falar deu, também, a III Feira Anual de Queijo da Serra, realizada em Penalva do Castelo. E decorre inquérito. A intenção era das melhores, tanto que ali se deslocou o secretário de Estado do Desenvolvimento Regional. O presidente da Câmara local não resistiu e assinalou que por Penalva não passava qualquer governante desde há 30 anos. Boa memória revelaram, igualmente, quantos foram ver a distribuição dos prémios. Estava para ser atribuído o 1.º lugar a José Joaquim, de Sezures, quando alguém teve um lampejo. Qual quê?! Se o homem é conhecido como negociante e não como produtor... «Pois se ele nem tem gado, senhor!» — eram palavras generalizadas. Foi escândalo.

Deu um pulo até à França

Foi comando e não gostou, Fernando Vasco Pereira, de 35 anos, agora condenado a prisão perpétua em França. Por isso terá desertado. Mas acaba por voltar e submeter-se ao RDM, para insistir e entrar na Legião Estrangeira. Mas também aqui desertaria. Voltou à tropa portuguesa, depois do 25 de Abril, acabando por ser expulso: uma briga de café, com insultos a um oficial... Então foi à Suíça. Empregado de restaurante, talvez não tenha resistido às saudades da sua conhecida França. Do que a Polícia suspeitou há alguns pormenores. O português foi tido como um patife de renome, incluindo assaltos vários e valiosos: na Ópera Stylos, por exemplo, teria ajudado a roubar 73 mil francos de canetas e isqueiros de boa marca. O «liberation» foi agora descobri-lo em saída precária e ouviu-lhe a inocência. Mas os polícias franceses insistem em não perdoar.

Giacometti já vendeu ao Estado

Tem sido conforme os hábitos: Michel Giacometti queria vender o produto de muitos anos na sua actividade de recolher os hábitos, folclore, cultura popular, dos portugueses. Da RFA até lhe vinha uma proposta vantajosa. Por cá, nas instâncias competentes, andava-se a contar os tostões, olhos no OE e no FMI. Era difícil arranjar os 7500 contos pedidos por 109 horas de música popular inédita, cinco de fados populares, dez de música e literatura populares, além de poesia tradicional já editada, entre outros trabalhos. A Câmara de Cascais, porém, tem-se revelado mais prestimosa: foram agora iniciadas obras na Casa Museu Verdades de Faria para ali instalar a colecção de instrumentos populares, que Giacometti vendeu há alguns anos, por três mil contos, à autarquia.

Em Leiria, o que é de «Guiness»

Já há «Guiness» em português. Para o lançamento desta edição foi naturalmente escolhida a cidade de Leiria, dado o interesse que os recordes ali têm suscitado. Uma das marcas que figuram no livro foi estabelecida por Carlos Vieira, um bombeiro leiriense a quem, por isso, foi dada honra de presença especial e sessão de autógrafos. Além dele, há outros nomes portugueses no «Guinesse Book of World Recorde»: Salazar, por motivos óbvios, Alves dos Reis (burla), Santo António de Lisboa (canonização rápida) e Carlos Lopes, Fernado Mamede, Rosa Mota.

Rezou, tocou... e andou

É a (con)sequência do «milagre» de Lanhoso. Manuel Alves, de 56 anos, assegura que começou a andar na sexta-feira, abandonando as muletas após uma sua manifestação de fé na imagem da Virgem que percorre o concelho. Ele afirma que rezou, implorou e, por fim, tocou no andor. Pouco depois, garante, soltavam-se-lhe as pernas e não precisava de apoios. Dizem as crónicas que desatou a correr e a chorar para mostrar a toda a população o que se tinha passado. Há alguns dias outros «sinais» de milagre tinham sido avistados por muitos populares e, mesmo, o padre de Lanhoso.

Carris pede para autocarros

Assegurar os transportes em Lisboa, mesmo que a maioria dos passageiros tenha de viajar de pé, obriga a Carris a contrair um empréstimo de um milhão e 700 mil contos. A quantia para os 282 autocarros em vista é libertada por quatro bancos, com aval do Fundo Especial de Transportes Terrestres.

Fronteiras têm menos uso

Menos dois milhões de pessoas cruzaram as fronteiras (entradas e saídas) do nosso país, em 1984. Segundo a Guarda Fiscal, o movimento registado no ano passado totalizou 43 milhões de nacionais e estrangeiros. Entre estes últimos, deram-nos preferência sete milhões de espanhóis.

«Luto na Escola Secundária da Damaia»

A propósito da notícia que, nesta mesma secção, publicámos sobre a morte num acidente de viação de um aluno do 9.º ano daquele estabelecimento, Virgílio Pires Monteiro, de 16 anos, o Conselho Directivo da Escola Secundária da Damaia afirma não ter decidido encerrar as aulas na sexta-feira, dia do funeral. A mesma fonte refere que essa decisão não ficou a dever-se a qualquer impedimento por parte do Ministério da Educação.

Apenas 331 gozam de asilo político

Residem em Portugal 90 mil estrangeiros

Cerca de 90 mil estrangeiros habitam em Portugal (apenas 331 gozam de asilo político), tendo o seu número aumentado significativamente desde 1977, ano em que viviam no nosso país à volta de 30 mil. Um informador do Serviço de Estrangeiros do Ministério da Administração Interna (MAI) disse à NP que aquele total respeita a cidadãos de mais de uma centena de nacionalidades, e inclui também residentes pertencentes a representações diplomáticas consulares, e respectivos familiares, e 331 com estatuto de asilado político.

A maior representação estrangeira residente em Portugal continua a ser a de Cabo Verde com 25 389 cidadãos, seguida da do Brasil (7924), Espanha (7343), Estados Unidos da América (6670) e Grã-Bretanha (5014).

Presentemente vivem em Portugal 334 elementos com o estatuto de refugiados, sendo a sua grande maioria proveniente de Moçambique, de Angola, Guiné-Bissau, Chile e Cuba. As autoridades portuguesas expulsaram durante o ano findo 97 cidadãos estrangeiros, sendo a grande maioria de Cabo Verde (42), Guiné-Bissau (12), Angola (7), Jugoslávia (5) e Espanha (4). As razões das expulsões devem-se fundamentalmente a quatro razões: delito comum (39), incumprimento das leis portuguesas para estrangeiros (38), estupefacientes (14) e entrada irregular (6).

Durante o ano de 1984 foi concedida residência a 7556 estrangeiros, sendo as maiores representatividades de Cabo Verde (1161), Venezuela (807), Brasil (709), Estados Unidos (525) e Espanha (99).

O estatuto de refugiado em Portugal entrará em vigor em 1 de Agosto deste ano. Têm direito a asilo os estrangeiros e os apátridas que, temendo serem perseguidos em virtude da religião que professam ou das opiniões políticas que defendem, não possam ou não queiram voltar aos seus países de origem. A lei portuguesa concede também asilo por razões humanitárias aos estrangeiros e aos apátridas que «não queiram voltar ao Estado da sua nacionalidade ou da sua residência habitual por motivos de insegurança devido a conflitos armados ou da sistemática violação dos direitos humanos que ali se verifique.

Protocolo de Nova Iorque

Após o 25 de Abril de 1974, Portugal, que não tinha relações diplomáticas com um número elevado de países, abriu as suas fronteiras marítimas, terrestres, aéreas e tornou-se, em consequência, um país de asilo para todos quantos, perseguidos politicamente, pensavam encontrar entre os portugueses um refúgio seguro e fraterno, referiu a mesma fonte citada pela NP.

Em Agosto de 1974, chegaram os primeiros refugiados políticos, oriundos sobretudo de países da América do Sul e de África. Em 1 de Outubro de 1960 Portugal aderiu à Convenção de Genebra, de 1951. Este documento, no entanto, restrito no tempo, dado que abrange apenas os países europeus, destinava-se a regular os casos de asilo decorrentes da Segunda Guerra Mundial, sobretudo os da guerra fria, que opunha o Ocidente ao Leste.

Por sua vez, e após o 25 de Abril, Portugal aderiu ao protocolo de Nova Iorque, de 1967, que tornou extensivo o direito de asilo político a todos os perseguidos em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opinis políticas que provem estar necessitados de protecção de um Estado estrangeiro por se encontrarem em risco a sua liberdade, a segurança ou a vida. Esta disposição não se aplica aos perseguidos por delitos comuns.

A Constituição Porruguesa, no seu Artigo 22, garante o direito de asilo aos estrangeiros e partidos perseguidos em consequência da sua actividade em favor da democracia, da liberdade social e nacional e da paz entre os povos, da liberdade e dos direitos da pessoa humana e remete para a lei ordinária a definição do Estatuto do Refugiado Político.

Estudantes portugueses desaparecem no mar em visita a Espanha

Dois jovens estudantes portugueses desapareceram no mar, quando tiravam fotografias numas rochas perto da localidade espanhona de Bayona.

Trata-se de Fernando José de Sousa, de 21 anos, e Rui Manuel Ribeiro Pereira, de 18 anos, que se integravam numa excursão organizada pelo Colégio de Braga.

Quando o autocarro escolar português efectuou uma paragem junto do posto de turismo «Conde de Gondomar», os dois jovens afastaram-se do grupo e dirigiram-se à costa para tirar fotografias do mar.

Devido à força do mar, uma onda arrebatou Fernando José de Sousa e o seu companheiro lançou-se à água na intenção de o salvar, mas desapareceram ambos.

Crianças facilitam os furtos

Tem cerca de 45 anos, estatura média e um pouco forte. Faz-se acompanhar por duas crianças de poucos anos que apresenta como seus filhos. Dirige-se às residências que escolhe para alvo com o alegado propósito de comprar papéis e jornais velhos.

Só que o seu objectivo é aproveitar qualquer momentânea distracção das locatárias para deitar a mão a jóias, dinheiro, ou outros valores de fácil encobrimento.

São já em grande número as pessoas lesadas pela mulher do papel, que por vezes até actua sem as crianças, mas, até agora, as autoridades policiais ainda não lhe conseguiram deitar a mão.

Descontava cheques falsificados

«Especializara-se» em trocar cheques roubados, cujas assinaturas falsificava, por dinheiro que levantava aos balcões dos bancos alegando «necessidades imediatas» o jovem madeirense cuja prisão foi ontem anunciada pela Polícia Judiciária.

Sousa, 19 anos, natural de São Vicente, Norte da Madeira, roubou os cheques, a par de outros objectos e documentos, falsificou as assinaturas dos titulares e conseguiu levantar certas quantias lesando os bancos onde «depositava» os cheques furtados.

A Judiciária do Funchal, anunciou também a captura de um homem de 33 anos, de apelido Vieira, natural desta cidade, suspeito de vários furtos em residências, estabelecimentos comerciais e veículos. Na sua posse foram encontradas cinquenta chaves.

Equipa da RTP roubada no Algarve

Uma equipa da RTP foi terça-feira à noite alvo de um roubo, em Almancil, Faro, tendo os gatunos levado o equipamento de reportagem guardado no interior de uma carrinha — soube-se de fonte policial.

O departamento de relações públicas da RTP disse não ter conhecimento do furto.

O assalto verificou-se, segundo fonte policial, quando os elementos que compõem a equipa de reportagem dormiam numa pensão, naquela localidade algarvia.

A equipa de reportagem havia-se deslocado ao Algarve para fazer a cobertura da inauguração da primeira feira nacional de citricultura em Silves, chegando a colher algumas imagens do certame na tarde de terça-feira.

A mesma fonte policial disse estranhar a atitude dos gatunos, visto o material roubado ter uso exclusivamente profissional.

Desconhece-se ainda o montante dos valores roubados.

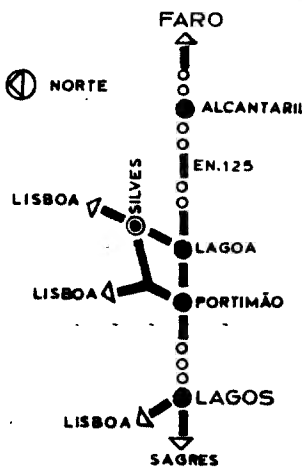
MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL • SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

JAE

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DO SUL

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DA:

EN 125 - BENEFICIAÇÃO DO PAVIMENTO ENTRE OS KMS 28,190 A 36,100, 55,750 A 56,650, 60,100 A 60,900 E 62,050 A 62,900



- PREÇO BASE ..... 165 000 000$00
- CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 4 125 000$00
- ALVARÁ EXIGIDO: IV CATEGORIA E OU DA 1a. SUBCATEGORIA DA IV CATEGORIA, NA CLASSE CORRESPONDENTE AO VALOR DA PROPOSTA.
- LOCAL, DIA E HORA PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS: DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DO SUL, DSRES R. DO CICIOSO, 18-7000 ÉVORA, ATÉ ÀS 15 H DO DIA 25 DE MARÇO DE 1985.
- LOCAL, DIA E HORA DO ACTO PÚBLICO DO CONCURSO: DSRES ATÉ ÀS 15 H DO DIA 26 DE MARÇO DE 1985
- LOCAL E HORÁRIO PARA EXAME DO PROCESSO: DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE CONSERVAÇÃO, R. MARIA DA FONTE, 55 - 1100 LISBOA, NA DSRES E NA DIRECÇÃO DE ESTRADAS DO DISTRITO FARO, PODENDO OS INTERESSADOS ADQUIRIR CÓPIAS DOS ELEMENTOS PATENTES NA SEGUNDA DESTAS ENTIDADES.

OOO LANÇOS A BENEFICIAR

ÉVORA, 7 DE FEVEREIRO 1985

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS

(Alberto de Sequeira Queiróz)

Por não existirem condições de segurança

Associação de Pais boicotou reabertura das aulas na Secundária do Cartaxo

A Associação de Pais dos Alunos da Escola Secundária do Cartaxo boicotou esta manhã a reabertura das aulas naquele estabelecimento escolar, que tinham sido marcadas pela comissão de gestão. Segundo o «DL» apurou ao princípio desta manhã junto de uma funcionária «a escola não está a funcionar pois não apareceram alunos».

No passado sábado, a generalidade dos pais e encarretados de educação dos alunos da escola decidiram não permitir que os seus filhos frequentem as aulas. «A segurança ali não existe nem nãos temos garantias de que os responsáveis pelas inspecções efectuadas na escola assegurem condições de segurança», afirmou Jorge Lúcio, encarregado de educação de um dos alunos. Deste modo, a comissão de pais nomeou um grupo de técnicos de obras e electricidade para proceder a uma inspecção sobre as condições de segurança. Por outro lado, em moção aprovada a enviar ao ministro da Educação, a comissão de pais solicita, ainda, a reabertura do inquérito iniciado pela Polícia Judiciária ao acidente ocorrido, bem como uma investigação sobre os materiais de construção utilizados na obra, comparando-os com os constantes no caderno de encargos.

Feridos do Cartaxo melhoram

Também presentes na reunião, os professores, bem como elementos que integravam o conselho directivo agora suspenso, manifestaram a sua surpresa pela decisão da comissão de gestão, até porque não receberam qualquer convocação nem tinham sido oficialmente avisados da reabertura das aulas.

Aliás, os professores reunidos em plenário no passado dia 7 reiteraram o seu apoio total ao CD e exigiram da actual comissão de gestão a convocação do conselho pedagógico para discutir especificamente o problema da reabertura das aulas, condição que não tinha sido respeitada quando a CG decidiu reabrir as aulas. Os professores decidiram ainda aceitar a reabertura da escola apenas quando as condições de segurança forem garantidas por uma peritagem feita por elementos idóneos, neutros e alheios à Direcção-Geral do Equipamento Escolar, à empresa construtora e com conhecimento público do seu relatório. Esses peritos, de acordo com a proposta aprovada, assinariam um termo de responsabilidade. Por fim, foi exigida a realização de vistorias periódicas por entidades competentes e a reconstrução, o mais rápido possível, das instalações destruídas e das estruturas danificadas.

Entretanto, o estado dos alunos e da professora feridos na sequência da explosão melhorou, estando apenas uma das vítimas na Unidade de Emergência Cirúrgica do Hospital de S. José. Trata-se da jovem Ana Cristina, enquanto que todos os outros feridos estão sob vigilância médica no serviço de queimados.

Professores ameaçam com greve em Março

Representantes de 168 escolas preparatórias e secundárias da área do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, reunidos no passado dia 31 de Janeiro, solidarizaram-se com os seus colegas do Cartaxo e decidiram, caso não sejam feitas as vistorias e realizadas as reparações, apoiar a posição de recusa ao funcionamento da escola.

Para o SPGL, «o ministro da Educação, tentando mais uma vez manipular a opinião pública, decretou a abertura da Escola Secundária do Cartaxo em condições piores do que as que existiam na altura do acidente».

Questões de segurança e condições de trabalho estão também na origem de uma possível greve dos professores, na primeira quinzena de Março, ontem decidida pelo Conselho Nacional de Professores. A realização desta forma de luta está apenas dependente das conclusões da reunião do próximo dia 20 entre os representantes dos professores e José Augusto Seabra. «Reina uma preocupação geral quanto à política governativa e à verba a atribuir ao ensino, a mais baixa dos últimos anos», declarou Vasgo Graça, da Federação Nacional dos Professores. «A incompetência manifesta do ministro da Educação, a desorientação reinante no seu departamento e a incapacidade de resposta aos problemas mais elementares não nos dão muitas esperanças para a reunião com José Augusto Seabra», acrescentou a mesma fonte. Para além dos aspectos já mencionados, um dos principais pontos reivindicados pelos professores relaciona-se com a negociação das carreiras dos docentes não superiores.

Escolas encerradas

De acordo com um comunicado divulgado à Imprensa pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa encontram-se encerradas, por falta de condições de segurança, os seguintes estabelecimentos de ensino: Preparatória de Torre da Aguilha, Secundária do Restelo, Escola Primária do Bairro do Salvador, em Santarém, Secundária de Odivelas, Preparatória de Sesimbra, Secção da Secundária Gama Barros, Secundária Afonso Domingues, Secundária da Bela Vista, Secundária de Telheiras e Secundária do Cartaxo.

O Bispo de Setúbal e a crise na sua diocese

É "coincidência" a confluência de posições com o Partido Comunista

«Meramente coincidente», foi como o bispo de Setúbal classificou a confluência de posições entre o Partido Comunista e as suas próprias, relativamente à situação que se vive naquela cidade do Sado.

D. Manuel Martins, entrevistado no programa «Cartas na Mesa» da Rádio Renascença, disse que a «crise material gera a crise moral, havendo uma profunda interligação entre ambas», e referiu que todos os bispos portugueses estão atentos a toda esta crise moral.

Referindo-se à descristianização do distrito de Setúbal, D. Manuel Martins apontou três razões: uma religião sem fé, o facto de Setúbal ser um mosaico de «raças» e de aí haver religião a mais, acrescentando que «para uma população de dez mil habitantes havia 18 conventos e 26 igrejas».

Quanto aos padres operários existentes na diocese de Setúbal, D. Manuel Martins considerou o facto positivo, porque «manifesta um testemunho de verdadeiro empenhamento».

«O facto de padres estarem no mundo operário, acrescentou, prova a esse mesmo mundo que a Igreja está empenhada nele e aquilo que diz é dito com sinceridade e verdade».

Sobre a Teologia da Libertação, o bispo de Setúbal salientou que foi um dos caminhos que a Igreja encontrou, principalmente em regiões do mundo onde a situação social é pior.

Referiu ainda que «a Igreja não condena a Teologia da Libertação, a Igreja alerta para o método dessa teologia: a pretexto de libertarem os pobres, vão criar novas formas de escravidão, porque pelo método marxista nós iríamos lançar pessoas contra pessoas, grupos contra grupos, classes contra classes e isto a Igreja não pode aceitar».

A concluir, sublinhou que «nos países onde se segue uma versão incorrecta desta teologia, vamos encontrar os seus próprios defensores sentados nas cadeiras do poder, e não a largarem-nas, como está a acontecer actualmente na Nicarágua».

Mau tempo 'amarra' barcos à maioria dos portos

Mar cavado, com uma ondulação de três a quatro metros na costa Ocidental e de três metros na costa Sul, «amarrará» os barcos aos portos em que se abrigam até aos próximos dias, segundo fontes do INMG e da Marinha contactadas pelo «DL» esta manhã». Céu muito nublado, encoberto, com vento moderado de Sudoeste, vão obrigar-nos a andar de gabardina, capa e chapéu de chuva. Embora moderado de Sudoeste, nas previsões da meteorologia nacional, para hoje, o vento fustigou ontem particularmente as Penhas Douradas, com rajadas fortes, variando entre 100 a 109 quilómetros, disse-nos um informador da serra da Estrela.

Há quatro dias que os barcos de pesca não largam para a faina devido ao mau tempo e assim continuará por mais alguns dias. Esta manhã permaneciam encerrados os portos de Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Aveiro, Figueira da Foz e Sines. Abertos encontravam-se ainda os de Leixões, Peniche, Lisboa e Setúbal. Foi ao porto de Peniche que atracaram sexta-feira barcos de portos que não abriram e que esta manhã ainda aí continuavam.

Na Madeira o estado do tempo melhorou no último fim-de-semana, depois de alguns dias de grandes chuvadas e forte ondulação do mar que impediram os barcos de sair. Uma embarcação afundou-se junto às Ilhas Desertas e várias estradas foram cortadas ao trânsito. Muitas delas reabriram esta manhã, enquanto as embarcações permaneciam nos seus portos. Os concelhos de Ribeira Brava, Calheta e Ponta do Sol foram os mais afectados pela ondulação do mar.

«Cortada» a estrada Piornes-Sabugueiro

A estrada entre Piornes e Sabugueiro, com acesso à Torre, na serra da Estrela, está desde o meio da tarde de sexta-feira cortada ao trânsito.

Apesar disso, mais de três centenas de autocarros chegaram ontem à serra da Estrela, segundo um funcionário da torre, esta manhã contacto pelo «DL».

De acordo com a mesma fonte, os autocarros subiram pela Covilhã e desceram por Manteigas e Gouveia. O espectáculo que todos procuram ao irem à serra, o tapete de neve em que a Estrela já foi pródiga este ano, por mais de uma vez, havia desaparecido na berma da estrada e no cume da serra devido à chuva que desde sábado à noite começou a cair. Sexta-feira e sábado a neve chegou a atingir 1,90 metros de espessura em alguns pontos da serra. Ontem

O temporal tem-se feito sentir com particular intensidade junto à costa, como testemunha a foto colhida em Cascais

ainda se podiam ver alguns pedaços de manto branco nas trincheiras, aí acumulados pela acção do vento.

Nas Penhas Douradas choveu ontem todo o dia, tendo a água das chuvas atingido os 85 milímetros. Um funcionário dos Serviços de Meteorologia fez-nos esta manhã o ponto da situação nestes termos: o vento continua a soprar forte, com rajadas próximas dos cem quilómetros» «parece que quer abanar as pessoas», ironizou o mesmo informador), prevendo-se uma temperatura máxima de cinco graus.

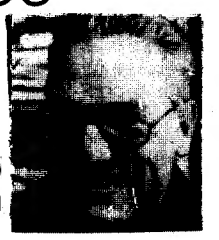
Concelho de Loures com alguns problemas

O mau tempo que se tem feito sentir um pouco por todo o País nos últimos dias não procovou prejuízos na Região Centro, segundo disseram várias corporações de bombeiros, que a Estrela é parte integrante.

Registaram-se pequenas inundações em algumas localidades e quedas de árvores em Viseu e Coimbra. Choveu abundantemente em Leiria e Pombal, mas sem problemas de maior.

Na Grande Lisboa ocorreram os problemas dos costume quando a água das chuvas abunda, os rios e ribeiras enchem, e a protecção civil e os responsáveis pela habitação não olham a tempo e horas para a segurança das populações: os habitantes de muitas barracas abandonaram-nas, temendo inundações semelhantes às de 19 de Novembro de 1983, em especial na Pontinha e em alguns sítios de Sacavém, no concelho de Loures. O rio Trancão subiu nas últimas horas – sem que ponha em perigo os moradores das barracas, a Apelação e o Tejo –, apresentando-se esta manhã barrento e com o caudal que há muitos se não via.

ARTIGO DE FUNDO



MÁRIO CASTRIM

«Quando entrei na sala pomposamente denominada ***Metrópolis,*** *já ela estava quase cheia —* ***assim começou o meu amigo a sua história.***

«Mal entrei, ouvi logo que dizia: 'Aí vem outro malandro'. Não fiz caso. Nesse momento, subia à tribuna o chefe da Ala Barbuda, que luta pela lidrança. Palmas de um lado, assobios do outro. Vozes: 'És o maior!' 'Fora o ladrão!' 'És mais estúpido que o teu pai!' Quase não se ouviu o que ele disse. 'Silêncio!' — gritou-se. 'Silêncio que se vai cantar o fado...' comentaram do galinheiro. 'Estes piratas só querem poleiro' disse um exaltado. 'Nas minhas costas não montam eles' — acrescentou outro. Era o momento em que usava da palavra o chefe da Ala Endireita, também candidato à lidrança, que começou à maneira do Serafim Saudade: «O grande político é aquele...»

«Ouviram-se vozes de todos os quadrantes: 'Que passou por cunhas... Que viveu à custa do nome do pai... que vive à custa do dinheiro da mulher... que pensa viver à custa da protecção do partido...' Gritos mais veementes: 'Garoto! Chulo! Cretino!' Algumas palmas se fizeram ouvir noutro sector.

«O chefe da ***Ala Majorette,*** *ciente de ganhar a lidrança, trazia a claque em peso mas escutou das boas. Desde* ***bandido a corrupto,*** *foi um vendaval. Quando ia a principiar a falar, há uma voz que irrompe do silêncio momentâneo, para lhe perguntar: — Olha lá, é verdade que ganhaste dez mil contos naquele negócio do...»*

«Risos, pateada e sururu não deixaram ouvir o resto. Mas o discurso do chefe já não foi o mesmo: perdera todo o gás.

«A minha vez chegara. Levantei-me, mas antes de me chegar à tribuna já apanhara com três tomates, dois ovos, quatro cenouras. Os ataques vinham de todos os lados. Xingaram-me o pai e a mãe. Acusaram-me de contrabando e de usar o cargo de ministro para protecções a amigos e conhecidos, houve palavras dispersas: 'Flick... Aviões... Cereais...' Ofenderam a minha virilidade...

«Aqui, perdi a cabeça. Não suporto mentiras. Desato ao soco em todas as direcções, parto os óculos a um, esborracho o nariz a outro, sou o Gary Cooper enfrentando os 500 maus da fita. Resultado: quando acordei, estava no hospital, todo preso por aramés.

«No Telejornal falava o porta-voz do meu partido: ***'A reunião da noite passada*** *— dizia ele —* ***decorreu com muita vivacidade, característica aliás de um partido democrático como é o nosso. As tendências tendem a esbater-se'.***

As tendências, talvez. As dores, não. E corista que só me dão alta para a semana».

Weinberger: cruzada na Europa em defesa da "guerra das estrelas"

Os sistemas defensivos espaciais tornarão inteiramente supérfluas as armas nucleares no solo, poupando à humanidade o medo da guerra nuclear, afirmou o secretário norte-americano da Defesa.

Caspar Weinberger defendeu a pesquisa desses sistemas, que qualificou de racional e tendente à criação de um melhor equilíbrio estratégico Leste-Oeste.

O discurso do chefe do Pentágono, dirigido a um congresso de estudos militares em Wehrknde, perto de Munique, a que assistem 150 políticos ocidentais, académicos e jornalistas, foi lido pelo seu adjunto Richard Perle. Weinberger chegou tarde, porque o mau tempo impediu o seu avião de aterrar no aeroporto de Munique.

O congresso tem-se centrado na iniciativa de defesa estratégia (SDI) do presidente Ronald Reagan, conhecida por Guerra das Estrelas, como a questão militar crítica dos próximos anos.

Para Weinberger, Reagan propôs apenas a possibilidade de se pesquisar como «nos defendermos e aos nossos aliados» dos mísseis a partir do solo tendo em conta os «enormes avanços soviéticos em armas espaciais».

O secretário da Defesa assegurou que a Guerra das Estrelas resolverá os problemas nas negociações com a URSS sobre verificação de mísseis antibalísticos, uma vez que com esta iniciativa os soviéticos não poderiam ocultar centenas de mísseis nucleares sem serem detectados.

A recusa da Guerra das Estrelas por medo de violar o acordo sobre limitação de mísseis antibalísticos, deixaria os Estados Unidos numa situação do passado, frisou.

Segundo Weinberger, o problema, hoje, não reside em como pode ser firmado o acordo entre os Estados Unidos e a União Soviética, mas sim em como poderia ser limitado o desenvolvimento de um sistema defensivo norte-americano.

O secretário de Estado interrogou-se se os Estados Unidos são uma presa do passado, que não pode escolher o melhor caminho, «o caminho da paz que oferece a esperança de se estar sempre sob o equilíbrio do terror».

Afirmou que a defesa estratégica em que os Estados Unidos estão a trabalhar também será eficaz contra os mísseis soviéticos SS-20 e outras armas semelhantes de médio alcance, reduzindo o risco de um primeiro ataque e criando a estabilidade. Por outro lado, a perspectiva de uma defesa viável estimularia as negociações EUA-URSS com vista a cessar a acumulação de armas ofensivas desestabilizadoras.

O debate no encontro internacional centrou-se na oposição francesa à Guerra das Estrelas, por provocar uma nova corrida armamentista e ao fascínio da Alemanha Federal e dos Estados Unidos pelo novo «salto em frente» tecnológico.

Oradores alemães-federais sugeriram haver o perigo de os Estados Unidos seguirem sós, se a Europa não cooperar.

Howe na Roménia

O presidente romeno, Nicolai Ceausescu, voltou a exigir a participação dos países europeus nas conversações entre os Estados Unidos e a União Soviética sobre o desarmamento nuclear, marcadas para Março em Genebra.

Ceausescu defendeu a participação dos países europeus, em especial dos membros do Pacto de Varsóvia e da NATO, durante as conversações que teve com o ministro britânico dos Negócios Estrangeiro, Geoffrey Howe, que terminou ontem uma visita oficial de dois dias à Roménia.

Uma fonte oficial romena disse que as duas partes consideraram necessário desenvolver esforços no sentido de se alcançarem resultados tangíveis na conferência de Estocolmo, sobre segurança, e na de Viena, sobre a redução de forças armadas na Europa Central.

Mandela rejeitou liberdade sob condições

O dirigente nacionalista sul-africano Nelson Mandela rejeitou a liberdade que lhe foi oferecida sob condição de renunciar à violência como meio político, confirmou ontem um porta-voz da oposição.

Mandela, de 66 anos, a cumprir prisão perpétua há 21 anos, disse que «o governo tem primeiro de abandonar a violência inerente à legislação do 'apartheid'», declarou o porta-voz da Frente Democrática Unida (UDF), na oposição.

Disse que o dirigente nacionalista negro considera que a sua «liberdade individual» é desprovida de valor enquanto os sul-africanos negros tiverem de ser portadores permanentes de um passe e pedir autorização para viajar dentro do seu próprio país.

Mandela insistiu que os seus adeptos fossem informados da sua decisão antes de anunciar a sua reacção à oferta feita pelo presidente da África do Sul, Pieter Botha, que a condicionou à renúncia à violência de todos os dirigentes do Congresso Nacional Africano (ANC) presos.

O porta-voz confirmou a rejeição, poucas horas antes, de Zinzi, filha de Mandela, anunciar formalmente a posição do pai num comício da UDF no Soweto, subúrbio negro de Joanesburgo.

Mandela foi encarcerado em 1964 pelas suas actividades como dirigente do ANC e por alegada sabotagem.

O porta-voz declarou que o ANC não abandonará a sua luta pela liberdade enquanto o governo não renunciar à opressão da maioria negra e não rescindir a ilegalização do ANC, que dura desde 1960.

Mandela «sublinha a sua fidelidade ao ANC e à sua direcção sob Oliver Tambo», acrescentou o porta-voz.

Entretanto, um informador da administração das prisões da África do Sul confirmou que um preso político da ilha penal de Robben, ao largo da Cidade do Cabo, aceitou incondicionalmente a oferta de liberdade.

O nome do preso, que há 20 anos cumpria prisão perpétua, será revelado na altura da sua libertação, acrescentou.

Washington aprova treino militar no Sri Lanka

O governo norte-americano aprovou uma concessão de cerca de 160 mil dólares para treino militar das Forças Armadas do Sri Lanka nos Estados Unidos, noticiou um jornal de Colombo.

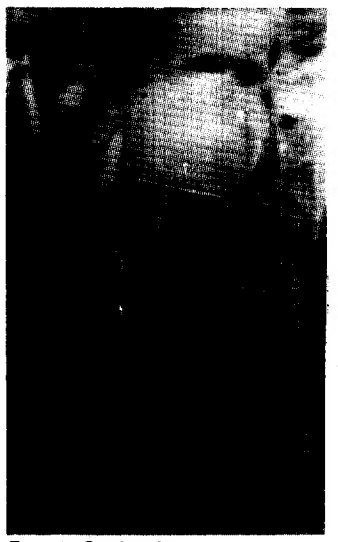
O jornal, o «Sunday Observer», em notícia enviada pelo seu correspondente em Nova Iorque, disse que a ajuda, concedida para o ano fiscal de 1986, que se inicia em Outubro próximo, foi atribuida no âmbito do Programa de Ensino e Treino Militar Internacional dos EUA (IMET).

Esta ajuda é a maior jamais concedida ao Sri Lanka no quadro deste programa, afirmou o jornal, acrescentando que a ajuda prestada no ano passado totalizou 150 mil dólares.

O jornal acrescentou: «não estão previstas vendas de equipamentos militares norte-americanos ao Sri Lanka no orçamento de Defesa divulgado na semana passada.

O Sri Lanka desmentiu notícias de que estava a tentar obter ajuda em armamentos norte-americanos com vista a controlar a violência provocada pelos guerrilheiros separatistas que, no norte da ilha, lutam pela instalação de um Estado independente para a minoria de dois milhões e meio de tamiles.

O ministro da Segurança Nacional, Latith Athulathmudali, visitou Washington na semana passada e manteve conversações com altos funcionários norte-americanos acerca da questão étnica do Sri Lanka.



Ernesto Cardenal

Decisão injusta do Vaticano a suspensão de Cardenal

— afirma o cónego Arez Caldera

O cónego nicaraguense Arez Caldera disse ontem à ANOP que considera «desacreditada do ponto de vista moral, histórico e cristão» a decisão do Vaticano de suspender o ministro sandinista da Cultura, Ernesto Cardenal.

Arez Caldera – que é detentor da mais alta condecoração nicaraguense, a «Carlos Fonseca» – veio a Lisboa integrado numa missão, que se deslocou a várias capitais europeias, para explicar a situação que se vive naquele país.

«A decisão do Vaticano é legal, só que nem tudo o que é legal é justo», explicou o cónego nicaraguense.

O Vaticano deveria ter compreendido que estes sacerdotes não se puseram ao serviço de uma fracção do povo contra outra. Eles aceitaram a tarefa, verdadeiramente cristã, de ajudar todo o povo a sair da situação de miséria em que o tinham colocado» – acrescentou.

De resto Arez Caldera considera que a Nicarágua os sacerdotes «se têm substituído aos bispos na missão que estes deveriam ter de ajudar o povo».

Acrescentou que estão actualmente em curso conversações, entre uma delegação sandinista e a Conferência Episcopal, para tentar resolver os diferendos, que frequentemente surgem entre a hierarquia religiosa e o Governo nicaraguense. Os sandinistas apelaram para o Vaticano, acusando os bispos nicaraguenses de interferirem nas decisões do Governo.

Quanto ao conflito existentes entre os Estados Unidos e o Governo sandinista, Arez Caldera considera que «a maior esperança» de que o diferendo seja resolvido é o esforço de paz desenvolvido pelo Grupo de Contadora. Este grupo – constituído pela Venezuela, México, Colômbia e Panamá – procura, há dois anos, encontrar uma solução de paz para toda a América Central.

O cónego acredita mais que a Nicarágua «venha a conseguir a sua paz» no âmbito dessa solução, do que através de conversações directas com os Estados Unidos. Isto – acrescentou – porque os Estados Unidos sempre se recusaram a essas conversações, à muito propostas pela Nicarágua».

«Quem sabe se o Grupo de Contadora não acabará, por incluir, nas suas propostas, a realização de conversações directas?» – pergunta Arez Caldera. E acrescenta»: a Nicarágua aceitá-las-á de bom grado».

Arez Caldera afirmou que se mantém de pé a «Grande ameaça de uma invasão norte-americana na Nicarágua, que aliás não seria inédita na nossa história».

Domingo de violé causou um total

Aviões israelitas atacaram hoje uma base da guerrilha palestiniana situada próximo da auto-estrada Beirute - Damasco, no Leste do Líbano, anunciou um porta-voz israelita.

Os aviões atingiram um prédio de um só piso perto da aldeia de Taalabaya, 35 quilómetros a Sudeste de Beirute, utilizado como quartel-general e ponto de lançamento de ataques anti-israelitas pela Frente Democrática de Libertação da Palestina, adiantou o mesmo porta-voz.

A mesma fonte disse que todos os aviões a jacto regressaram à sua base e que os seus pilotos relataram ter acertado nos alvos previstos na operação.

O raide aéreo foi o primeiro desde 9 de Janeiro último, quando aviões israelitas atacaram outra alegada base palestiniana no vale de Bekaa.

Este raide segui-se a crescentes ataques contras as tropas de ocupação israelitas no Sul do Líbano. Num ataque guerrilheiro, ocorrido na passada sexta-feira, o ministro israelita da Polícia, Chaim Bar-Lev, em digressão pelo Sul do Líbano, foi forçado a proteger-se do fogo de armas automáticas contra uma posição israelita na cidade portuária de Tiro.

Segundo Beirute, um total de 15 mortos e 26 feridos é o balanço da violência ocorrida em várias partes do Líbano.

Assim, na cidade portuária de Tripoli, no Norte do país, um carro armadilhado matou sete pessoas e feriu 20 junto de um centro religioso muçulmano.

No Leste, zona do Líbano controlada pela Síria, os jactos israelitas mataram uma família (pai mãe e filho), durante o raide atrás referenciado, disseram testemunhas.

Dois membros da Frente Democrática de Libertação da Palestina (DFLP), de tendência marxista, ficaram também feridos no bombardeamento.

Entretanto, em Telavive, um porta-voz militar confirmou que três soldados israelitas foram mortos no Sul do Líbano em dois incidentes separados, elevando-se para 612 o total de mortes entre os homens das forças de Israel desde que em 6 de Junho de 1982 invadiram o país.

Explosão no Cairo

Pelo menos dois carros ficaram destruídos, devido a uma explosão nos arredores do Cairo, onde está localizada a embaixada de Israel.

A explosão ocorreu ontem à noite e, segundo uma testemunha, o rebentamento foi causado por um objecto explosivo que foi atirado de um carro.

Fontes policiais disseram contudo, que o rebentamento foi causado por uma explosão de uma instalação de ar condicionada no edifício perto da Embaixada de Israel, a sul do Cairo.

O incidente foi o primeiro que envolveu uma Embaixada israelita desde que o Egipto e Israel firmaram o tratado de paz em 1979. Contudo, durante os últimos anos, rebentaram bombas numa sinagoga israelita no Cairo

"Componente po mais activa depoi

— afirmou Jacinto Veloso

A componente portuguesa da RENAMO é a força que a tem vindo a apoiar continuadamente, depois dos acordos de Nkomati– disse em entrevista à ANOP e à Rádio Comercial, o ministro moçambicano da Presidência para os Assuntos Económicos.

Jacinto Veloso encontra-se em São Tomé chefiando a delegação moçambicana à quarta reunião ministerial preparatória da quinta cimeira de chefes de Estado africanos de língua oficial portuguesa, que decorrerá em São Tomé a 14 e 15 deste mês.

Veloso disse que a componente portuguesa integra antigos proprietários, antigos industriais e comerciantes de diferentes estaturas, que têm financiado as actividades da RENAMO em Moçambique com o objectivo de desastabilizar a situação política no país.

O ministro moçambicano foi muito crítico com a imprensa portuguesa, afirmando que o «porta-vozes dos bandos armados sucedem-se em Lisboa, cidade que utilizam para divulgar as suas acções terroristas».

«A máquina da desestabilização política em Moçamique já vem de há muitos anos. Particularmente após a independência do Zimbabwe tem sido apoiada por vários sectores, quer a nível militar, quer com conselheiros, a partir da África do Sul – disse Veloso à ANOP.

«Nesta máquina de desestasbilização existem interesses de portugueses que viveram em Moçambique e pretendem por em causa, os acordos de Lusaca de 1974 entre a FRELIMO e o Governo português», considerou o ministro moçambicano.

Jacinto Veloso

Até ao acordo de Nkomati, a principal força de apoio à RENAMO era a África do Sul, disse Jacinto Veloso, para acrescentar que depois da assinatura daquele acordo, a força que continuamento tem apoiado os rebel des moçambicanos é o que vulgarmente tem sido designado por componente portuguesa.

O ministro moçambicano que tem liderado as negociações com a África do Sul para o estabelecimento da paz, da zona disse à ANOP que «existem organizações em diferentes países que favorecem o apoio a desestabilização política em Moçambique».

Veloso citou concretamente o Malawi e as Comores como centros de apoio a RENAMO e acusou de envolvimento os países islâmicos, que, por motivos políticos e religiosos, são hoje uma das principais fontes de financiamento da RENAMO.

lência no Líbano l de 15 mortos

Guerrilheiros observam as ruínas de um escritório da Frente Democrática para a Libertação da Palestina, alvo de uma acção da aviação israelita no espaço aéreo do Líbano

e no consulado de Israel em Alexandria.

Advertência de Shimon Perez à Jordânia

O primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, afirmou que a Jordânia se está a enganar a si própria, se acredita que a guerrilha palestiniana moderará posições políticas a bem das negociações de paz com Israel.

«Os líderes da OLP estão a tentar restaurar a perdida unidade da sua organização e sugerem aos jordanos uma resposta evasiva, só para manter as suas bases na Jordânia, mas não há alteração no seu ponto de vista político», disse Peres.

«É uma perda de tempo e uma perda de esperança», acrescentou.

Peres, que defende conversações com a Organização de Libertação da Palestina, disse que, desde a sua chegada ao Poder, em Outubro, não mais houve qualquer contacto significativo com Amã.

O primeiro-ministro israelita desmentiu informações de que estava pronto a entregar à Jordânia, 60 por cento da ocupada margem ocidental do Jordão.

«Nunca utilizo percentagens quando se trata de futuras soluções para problemas importantes entre nós e os árabes», acrescentou Shimon Peres.

O líder da Organização de Libertação da Palestina, Yassser Arafat, está de novo em Amã, para conversações com o rei Hussein, anunciou a televis ao jordana.

Arafat tem sido, um visitante regular na capital jordana desde que a OLP decidiu, há um ano, reiniciar consultas para uma eventual atitude comum numa solução para a paz no Médio Oriente.

George Marchais reeleito secretário-geral do PCF

● *Juquin mantém-se no Comité Central*

O Partido Comunista Francês reelegeu ontem George Marchais como secretário-geral, apesar do declínio eleitoral do partido e dos apelos de dissidentes para a necessidade de reformas, revelaram fontes partidárias em Paris, citadas pela NP.

Marchais, de 64 anos, foi eleito para um quinto mandato de três anos como líder do Partido Comunista Francês no final do 25.º Congresso, que se prolongou por cinco dias e durante o qual os líderes do partido resistiram às exigências de reformas, de acordo com a mesma agência.

Pierre Juquin foi reeleito para o Comité Central.

Pierre Juquin encabeça o sector «renovador» que se opunha à linha política traçada pelo secretário-geral, Georges Marchais.

Não obstante, Pierre Juquin foi exluído da direcção do partido (Comissão Política), pensando os observadores que, para o Partido Comunista de França, um «opositor» no Comité Central representa uma garantia pública de democracia, mas levar o mesmo à cúpula do partido é um risco inconveniente e excessivo.

Dois outros críticos – o ex-ministro da Formação Profissional, Marcel Rigout e Felix Damette – figuram entre os 145 membros do Comité Central, embora tivessem sido reeleitos por um número de votos inferior ao dos outros membros do organismo, 1328 e 1320 votos respectivamente, num total de 1717 congressistas.

Para a generalidade dos observadores, apenas uma conclusão persiste deste congresso – a do triunfo de George Marchais e a do seu reinado sobre o partido que, em quatro anos, passou de cerca de 20 por cento dos votos para pouco mais de 10 por cento.

Eleições amanhã na Coreia do Sul

Kim Dae Jung continua vigiado em sua casa

O líder da oposição sul-coreana, Kim Dae Jung, continua hoje com a sua casa sob vigilância policial, a fim de ser evitada a sua participação nas eleições gerais de amanhã.

Kim, ex-candidato presidencial recém-chegado ao país após um exílio de dois anos nos Estados Unidos, foi informado pelas autoridades de que esta vigilância se destina unicamente a protegê-lo.

O grupo de norte-americanos que acompanhou Kim na sexta-feira, quando do seu regresso a Seul, protestou já junto da Casa Branca devido aos incidentes que se registaram à chegada ao aeroporto da capital sul-coreana e pediram o cancelamento da prevista visita do presidente Chun Doo Hwan aos Estados Unidos em Abril próximo.

Segundo as autoridades norte-americanas, a visita efectuar-se-á, apesar de ser enviado um protesto ao Governo sul-coreano referindo o desagrado da Casa Branca por este incidente.

Quando Kim chegou ao aeroporto de Seul, as forças de segurança sul-coreanas utilizaram a violência para o separar da delegação de norte-americanos que o acompanhava.

Kim e 14 outros políticos sul-coreanos estão impedidos de participar em qualquer actividade política até 1988, data em que cessa o actual mandato de Chun.

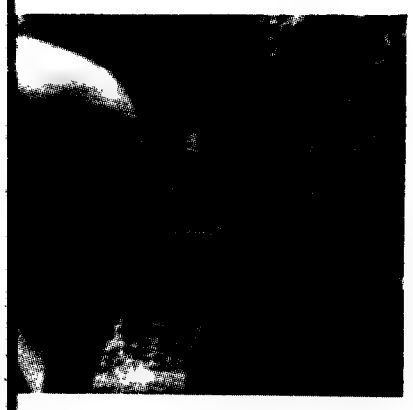
O dirigente regressado não recebeu qualquer boletim de voto para as eleições ao contrário de sua mulher.

O Partido da Justiça Democrática, partido presidencial, deverá ganhar as eleições gerais apesar de o novo Partido Democrático da Coreia (NKDP), da oposição, ter feito uma agressiva campanha eleitoral contra o Governo.

O NKDP é apoiado por Kim e por muitos outros dissidentes do actual regime da Coreia do Sul. Tidavia, devido ao complicado e contestado processo de contagem proporcional dos votos, o partido presidencial deve assegurar a maioria dos lugares no Parlamento.

ortuguesa" da Renamo ois de Nkomati

so em São Tomé



«Outra das principais fontes de financiamento das actividades terroristas em Moçambique – afirmou Veloso à ANOP – são cidadãos portugueses com capacidade para o fazerem».

Concretizando esta acusação, o ministro Veloso disse à ANOP: «Corre que Manuel Bulhosa está por detrás daqueles financiamentos».

Acrescentou que há organizações em que participam portugueses que dão apoio político, militar, logístico e de treino às actividades terroristas em Moçambique: «Não é, no entanto, correcto dizer que esses cidadãos portugueses estão apoiados em instituições estatais», frisou.

O ministro moçambicano considerou que os países islâmicos agem por motivos religiosos, porque existe a ideia de que em Moçambique há perseguição religiosa, e em particular aos muçulmanos.

«Creio que essa ideia pode facilmente ter-se espalhado porque existiram alguns casos de religiosos muçulmanos que foram inquietados e locais de culto profanados contra as directivas e orientação do governo moçambicano», disse Veloso.

Politicamente, disse Jacinto Veloso, pode haver países muçulmanos que foram motivados a apoiar a pseudo-oposição à FRELIMO, por, após a independência, ter sido divulgado que Moçambique era uma base soviética e do comunismo internacional e, por isso, um alvo a abater.

«Hoje é claro que esses receios não têm razão de ser e os factos demonstram a sua falsidade – disse o ministro.

O ministro moçambicano considerou que existe, agora, um melhor conhecimento mútuo entre Moçambique e os Estados Unidos, pelo que as relações bilaterais têm evoluído positivamente nos últimos dois anos. «O apoio dos Estados Unidos pode ser significativo para a mudança da situação da zona» — sublinhou Jacinto Veloso.

O ministro da presidência para os Assuntos Económicos afirmou à ANOP que a cooperação triangular Portugal-Estados Unidos-Moçambique é possível e necessária, mas tem que resultar de um acordo de «todos os vértices do triângulo» quanto ao modo de a fazer funcionar.

«Não pode ser apenas uma das partes do triângulo a desenvolver acções por sua iniciativa» — frisou Jacinto Veloso.

O ministro moçambicano considerou que a «falta de definição do Governo português relativamente aos cinco países africanos de expressão portuguesa e à situação em Timor-Leste tem entravado o desenvolvimento normal de acções de cooperação».

Jacinto Veloso disse que gostaria de ver muitos empresários portugueses a investir em Moçambique, citando o caso de dois ex-proprietários que voltaram para debater com as autoridades de Maputo a forma de retomar as suas actividades no campo industrial.

O ministro admitiu que, durante um certo período, os empresários portugueses não foram muito apoiados em Moçambique: «Agora estamos a incentivá-los para reabilitarem o que lhes pertence e que não tem funcionado ao máximo, de modo que eles possam até ampliar a sua produção».

Quanto aos antigos proprietários que abandonaram as suas instalações considerou que muitos foram movidos pela intenção de sabotarem as fábricas. «Não será o caso de todos, pelo que podemos examinar a possibilidade de retomarem as suas actividades», disse o ministro.

Veloso afirmou que existem muitos projectos em perspectiva para investimentos em Moçambique, mas a falta de segurança em algumas zonas do país, nomeadamente nas áreas rurais, não permite a sua concretização imediata.

O ministro citou concretamente projectos em sectores como a agricultura, indústria, transportes e energia, onde tem havido interesse de investidores privados, na medida em que o governo moçambicano garante o repatriamento de parte dos seus lucros.

Mau tempo voltou ao "Velho Continente"

● *Acidentes graves na Inglaterra e na RFA*

Ventos de rajada, quedas de neve e baixas, temperaturas afectaram outra grande parte da Europa, matando 15 pessoas, causando centenas de acidentes de viação e perturbando o tráfego aéreo e marítimo.

Um acidente envolvendo três camiões e sete veículos ligeiros, causado pela queda de neve, provocou, nove mortos numa auto-estrada do centro de Inglaterra, oito dos quais num só carro – informou a Polícia.

Um outro acidente envolvendo 50 carros, numa auto-estrada alemã federal coberta de gelo e por entre denso nevoeiro, causou seis mortos e 56 feridos no sábado, ao fim do dia.

A onda de frio, a segunda deste Inverno na Europa, estendeu-se desde a Grã-Bretanha ao centro e Norte da Europa e a Escandinávia.

O porta-voz do centro de meteorologia de Londres, Roy O'Sullivan disse que as tempestades eram causadas por uma massa de ar frio vinda da União Soviética e que não se prevêem melhoras para os próximos dias.

As temperaturas desceram aos 24,9 graus negativos em Oslo ontem de manhã, um recorde em 19 anos, e foram negativas em muitos outros pontos.

A neve atingiu 23 centímetros de altura no centro de Inglaterra e, no Sudoeste, os ventos sopraram a mais de 90 quilómetros horários.

Os fortes ventos e vagas paralisaram o serviço de «ferry-boats» no canal de Mancha a partir do porto inglês de Folkestone e obrigaram ao encerramento da estrada marginal dm Torquay, na costa Sudoeste britânica.

O serviço de «ferry-boats» a partir da Dinamarca foi também afectado por uma concentração de gelo nos estreitos dinamarqueses.

Na Suíça, cerca de 750 turistas britânicos que estiveram a esquiar em França ficaram retidos no aeroporto de Genebra por os 16 aviões «charter» que os deviam ir buscar não terem poido descolar do aeroporto londrino de Gatwick.

Etiópia

Presidente anuncia plano contra a fome e a seca

O presidente etíope, Mengistu Haile Mariam, anunciou medidas de austeridade, como o racionamento de combustíveis e proibição de importação de artigos de luxo, no âmbito de um plano para combater a situação nacional de seca e fome.

Numa mensagem à nação através da Televisão e da Rádio, Mengistu anunciou que todos os etíopes capazes serão organizados para trabalharem nos campos de emergência de auxílio às populações desesperadas e para ajudarem a pôr em prática o seu controverso plano de deslocação das populações.

Todos os etíopes, independentemente de viverem no país ou no estrangeiro, serão chamados a contribuir com dinheiro, de acordo com o seu rendimento. Para ajudar a minimizar os efeitos da fome, disse.

Mengistu não esclareceu qual a percentagem do rendimento a tributar, mas há dez, aquando de uma seca menos catastrófica que a presente, os etíopes tiveram de pagar uma quantia igual a um mês de salário durante o período de um ano.

A proibição de produtos de luxo incluirá veículos e todos os artigos têxteis, anunciou. «Até que possamos produzir as nossas próprias roupas partilharemos e usaremos com parcimónia os nossos produtos nacionais, feitos pelas nossas indústrias, pelos nossos artesãos e pelos nossos talentos».

As dívidas assim poupadas serão utilizadas «para o urgente programa de salvamento de vidas e para o decisivo trabalho de desenvolvimento social», anunciou.

O anúncio do racionamento de combustíveis provocou de imediato a formação de longas bichas de automóveis nas bombas de gasolina da capital etíope.

'A luta é o caminho certo e seguro para a vitória'

— *afirmou A. Teixeira da Silva, ao encerrar o Congresso da USS*

«Só a luta dos trabalhadores determinará a resolução dos problemas do País por isso se impõe uma significativa resposta de massas à situação actual» – sublinhou Armando Teixeira da Silva, ao usar da palavra na sessão de encerramento do I Congresso da União dos Sindicatos de Setúbal (USS), durante o qual foi aprovado um caderno reivindicativo e eleito um conselho distrital.

«Vamos sair daqui mais reforçados e mais determinados para participar nas lutas que se avizinham, porque a luta é o caminho certo e seguro para a vitória» : afirmou o dirigente da CGTP-IN.

Destacou, em seguida, a importância do congresso que, disse, «constitui um contributo sério para a resolução dos problemas que afectam os trabalhadores».

Armando Teixeira da Silva anunciou que no próximo plenário da CGTP-IN, a realizar no dia 15, será debatida a presente situação política e social do País e decididas novas acções a desenvolver.

Na última sessão do congresso, que reuniu 64 sindicatos, 14 dos quais não filiados na central sindical, foi aprovado o relatório do sercretariado, apresentado por José Encarnação.

O caderno reivindicativo, igualmente aprovado, exige o pagamento imediato dos salários em atraso, a defesa da segurança no emprego, a defesa do sector público, a Reforma Agrária e das liberdades democráticas e sindicais.

A lista única ao conselho distrital, de 37 membros, foi eleita por 323 votos a favor e três nulos.

Entre os 37 elementos do conselho distrital encontra-se uma religiosa trabalhadora na função pública.

Delegações da Nicarágua e das Comisiones Obretas (Espanha) estiveram presentes no congresso.

Loiças de Sacavém

Administração confirma afastamento de membros da CT

A Fábrica de Loiças de Sacavém tem paz laboral porque a administração «foi obrigada a manter afastados elementos da CT perturbadores da disciplina interna» – afirmou a administração.

Em comunicado citado pela ANOP, a administração, afirma que a renovação da fábrica está a processar-se a ritmo mais lento do que o desejado, devido não só à recessão económica como também à descapitalização da empresa, «resultante principalmente dos acontecimentos de 1982».

O comunicado responde a um documento do sindicato da Cerâmica e Cimentos, recentemente divulgado, que denunciava a existência de salários em atraso e afirmava que os trabalhadores «são perseguidos e despedidos», um terço dos operários são contratados a prazo, e que a empresa está «descapitalizada em favor da Sanicer».

Acrescentava que há antigos membros da CT a quem não é permitida a entrada na empresa (embora recebam ordenado) apesar de reintegrados pelo tribunal.

O comunicado da administração afirma, reportando-se ao comunicado sindical, que «lamentavelmente os factos apresentados são essencialmente correctos».

A administração acrescenta que as causas da situação se radicam nos acontecimentos de 1982, altura em que «a empresa foi forçada a paralisar a sua actividade fabril em consequência de agitação política programada».

«Quanto à afirmação da existência de perseguição, despedimentos e clima de medo e terror exercidos sobre os trabalhadores, entende a administração, que só os tribunais competentes poderão decidir sobre esta matéria».

CTT: tribunal favorável aos trabalhadores

O Tribunal de Trabalho acaba de se pronunciar favorável à reposição da legalidade nos Correios e Telecomunicações de Portugal (CTT), ao condenar a empresa a pagar as seis horas de trabalho descontadas pela administração, durante os quatro dias de greve, em Agosto de 1981 (6, 7, 10 e 11).

Acrescidos de juros de mora, tais quantitativos perfazem entre cinco e seis mil escudos por trabalhador, sendo a sentença considerada, pela Federação dos Sindicatos das Comunicações e Telecomunicações, uma «vitória espectacular da democracia e dos trabalhadores».

O administrador de pessoal já admitiu liquidar a dívida a todos os trabalhadores, segundo a Federação, mas até ao momento ainda não foi ordenado o pagamento aos respectivos serviços.

Face ao adiamento do problema, as organizações sindicais resolveram convocar uma concentração de trabalhadores e órgãos representativos da zona de Lisboa para o próximo dia 14, data em que o conselho da administração dos CTT se vai reunir para analisar, entre outras questões, a da referida dívida ao pessoal.

Trabalhadores a prazo atingem 13 por cento

Cerca de 13 por cento dos trabalhadores por conta de outrém estão vinculados a entidades patronais por um contrato a prazo, afirma um relatório da Secretaria de Estado do Trabalho.

O realtório, feito pela Inspecção Geral do Trabalho e hoje divulgado na Rádio Comercial, indica ainda que 1,9 por cento da mão-de-obra é constituída por jovens com idades até aos 14 anos.

A lei portuguesa não permite trabalho remunerado antes dos 14 anos.

Os trabalhadores com menos de 18 anos representam no conjunto da população empregada cerca de seis por cento.

Seminário sobre problemas da Função Pública

O técnico Orlando Ré afirmou que «a primeira e mais forte condicionante da organização da Administração Pública resulta do papel e legislação que os grupos sociais entendem competir ao Estado».

Orlando Ré, do Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado, falava durante o seminário «Os Caminhos da Função Pública», que decorreu este fim-de-semana em Lisboa, por iniciativa da organização sindical. Visou questões relacionadas com a formação de técnicos do Estado e a análise da situação, nomeadamente, carreiras, remunerações e gestão dos recursos humanos.

«Para a generalidade dos cidadãos, a Administração apresenta-se como um enorme aglomerado de serviços, com quem tem dificuldades de relacionação, funcionando mal, desbaratando enormes somas de dinheiro de uma forma incompetente, com legiões de funcionários pouco competentes e pouco trabalhadores», disse Orlando Ré.

Este sindicalista afirmou que «é urgente inverter o plano inclinado em que se encontra a Administração de forma a proporcionar a sua recuperação qualitativa e garantir os direitos dos utentes.»

expressos RN

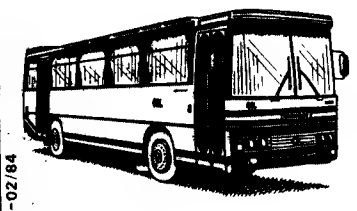
«VASCO DA GAMA»

LISBOA-SINES

ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS
EM VIGOR A PARTIR DE 28.1.85

HORÁRIO

A						B	A				
12H30	14H30	17H00	19H45		LISBOA	09H00	09H00	11H00	15H05	18H45
13H15	15H15	17H45	20H30 C		SETÚBAL	P08H15	08H15	10H15	14H20	18H00
13H20	15H20	17H50	20H35 P		ALCÁCER GRÂNDOLA	C08H12	08H12	10H12.	14H17	17H57
14H32	16H32	19H02	21H47			07H25				
15H02	17H02	19H32	22H17 C		SANT. CACÉM	07H00	07H00	09H00	13H05	16H45
15H02	17H02	19H32	22H17 P		B.º St.º ANDRÉ SINES	P08H30	08H30	08H30	12H35	16H15
15H15	17H15	19H45	22H30			C06H28	06H28	08H28	12H33	16H13
15H30	17H30	20H00	22H45			06H15	06H15	08H15	12H10	16H00
						06H00	06H00	08H00	12H05	15H45



A — Excepto Sábados, Domingos, Feriados Nacionais e 3.ª-Feira de Carnaval

B — Aos Domingos, Feriados e 3.ª-Feira de Carnaval

Efectua-se diariamente

EA-02/84

RN RODOVIARIA NACIONAL

PARA MAIS INFORMAÇÕES

LISBOA – Telefones 72 58 07 – 72 58 32 – 72 58 54 (Dias úteis das 08H00 às 20H00)

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

Serviço de Aquisições

(ANÚNCIO)

CONCURSOS PÚBLICOS:

1. — N.º 3 — 0526/85 — Carteiras de Plástico.
2. — N.º 3 — 0527/85 — Sacos de Plástico.
3. — N.º 3 — 0528/85 — Pulseiras para identificação de doentes.
4. — N.º 3 — 0529/85 — Luvas de Plástico.
5. — N.º 3 — 0530/85 — Pensos Rápidos.
6. — N.º 3 — 0531/85 — Pasta de Celulose.
7. — N.º 3 — 0532/85 — Pensos Cinúrgicos.
8. — N.º 3 — 0533/85 — Algodão Cardado.

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 25 de Fevereiro próximo, para os mencionados concursos.

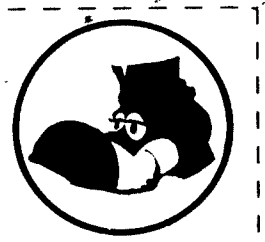
Os concorrentes poderão pedir ao Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 29 de Janeiro de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO

Ilídio Luís de Sousa

123 RTP concurso



NOME .....

Idade ..... Profissão .....

Morada .....

Localidade ..... Cod. Postal .....

Telefone .....

Freguesia ..... Concelho .....

Tem televisor? ..... N.º Licença .....

ACOMPANHANTE .....

Idade ..... Profissão .....

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 1508 Lisboa Codex.

DESPORTO

ponta esquerda

César Torres: distinção

O Colar de Honra ao Mérito Desportivo vai ser entregue hoje pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares, ao presidente do Automóvel Clube de Portugal, César Torres.

A cerimónia, que terá lugar na residência oficial de S. Bento, visa distinguir «a actividade relevante desenvolvida por César Torres na área do desporto automóvel e, em particular, a contribuição prestada para a realização em Portugal do Grande Prémio de Fórmula Um», afirmou o comunicado do Ministério da Qualidade de Vida.

Águeda: crise agudiza-se

A crise directiva e financeira no Recreio de Águeda vai conhecer quinta-feira um dia essencial pois foi a data limite aprovada em assembleia geral para o encontro de uma plataforma de entendimento com os atletas credores.

Os futebolistas profissionais do clube exigem o pagamento de ordenados em atraso e alguns deles afirmam estar já em situação desesperada, sem crédito para alimentação e alojamento.

Uma comissão administrativa formada por ex-presidentes da direcção já adiantou alguns valores para resolução dos casos mais imperiosos, mas recusou assumir mais responsabilidades, por não terem chegado a bom termo negociações com os representantes dos atletas.

Fonte próxima dos profissionais adiantou que esta comissão pretendia que os jogadores prescindissem de cerca de 40 por cento do que o clube lhes deve.

Coimbra: pavilhão para o União

O pavilhão da DGD de Coimbra, ainda em construção, vai ser gerido pelo União de Coimbra nos próximos 20 anos – disse à ANOP um dirigente do clube.

O mesmo dirigente referiu que o protocolo de utilização vai ser assinado no dia 24, por responsáveis da Secretaria de Estado dos Desportos e do União. «De acordo com os termos do protocolo, o União assume a responsabilidade pela conclusão das obras e compromete-se a colocar o pavilhão ao serviço do fomento desportivo» – acrescentou.

O dirigente do União de Coimbra referiu que «o prazo de 20 anos poderá ser alargado por igual período de tempo, desde que as partes envolvidas assim o acordem».

As obras de construção do pavilhão da Direcção-Geral dos Desportos estão paradas há dois anos.

Desporto: jornada técnico-científica

A importância de se trabalhar em equipa, desde o atleta ao médico, passando pelo técnico e dirigente, foi sublinhada em Lisboa no encerramento das jornadas técnico-científicas de reabilitação.

As jornadas, organizadas pelo Centro de Investigação da Climefire, tiveram a participação de médicos e especialistas portugueses e estrangeiros, e encerraram com uma mesa-redonda sobre medicina desportiva. «É preciso que em Portugal se comece a pensar no fisiatra para a recuperação do atleta», afirmou Renato Graça, do Centro de Medicina Desportiva de Lisboa, que interveio nos trabalhos com o tema «lesões no ombro em diferentes modalidades desportivas».

Ora Renato Graça, que também é atleta, referiu que determinado tipo de lesões nos atletas não se agravaria se o assunto fosse acompanhado de princípio por escecialistas. A patologia do ombro foi o tema genérico da mesa-redonda, em que intervieram os médicos Carlos Ribeiro, Renato Graça (ambos do Centro de Medicina) e Manuel Martins, do Hospital de Santa Maria.

As jornadas decorreram durante dois dias, com a maioria das sessões subordinadas ao tema de «reabilitação em reumatologia».

"Caso Moses" não terá publicidade

O juiz municipal, David Horwitz, impôs sábado um bloqueio informativo total em torno do caso do campeão olímpico norte-americano Edwin Moses, acusado de solicitar um acto de prostituição a uma mulher polícia de Los Angeles.

A ordem judicial proíbe aos advogados de defesa, às testemunhas, aos promotores públicos e a quaisquer outros participantes no caso de fazer declarações à imprensa.

Moses (de 29 anos) foi detido pela Polícia no decurso de uma operação contra a prostituição num bairro de Los Angeles. As autoridades asseveram que o atleta ofereceu dinheiro a uma mulher polícia que se acercou do seu carro. Os defensores de Moses alegam que ele foi escolhido pela Polícia, em busca de publicidade para a sua luta contra o vício.

Moses foi posto em liberdade pouco depois da sua detenção e comparecerá perante um tribunal na próxima semana. Se for considerado culpado enfrenta uma pena de seis meses de prisão ou uma multa de mil dólares.

O atleta norte-americano ganhou medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Montreal (Canadá), em 1976, e de Los Angeles, em 1984.

Hóquei em patins:

Confirmação do Sporting

O Sporting isolou-se no comando do Nacional de Hóquei em Patins da Primeira Divisão, ao bater em Alvalade, por 5-2, a Sanjoanense, que partilhava com os «leões» o primeiro posto. Sporting (36 pontos) e Sanjoanense (34) vêem todavia aumentar cada vez mais de tamanho a «sombra» do FC Porto, que segue na terceira posição com 33 pontos mas menos um jogo e que no fim-de-semana aplicou duas goleadas a visitantes lisboetas (12-5 ao Paço de Arcos e 23-6 ao Belenenses). O Cascais não jogou sábado (adiado o encontro em Tomar, com o Sporting) e ontem, na 13.ª jornada, perdeu em Oliveira de Azeméis por 4-5, estando no 4.º lugar com 29 pontos, mas menos um jogo. O Sesimbra, depois de excelente triunfo sábado no recinto da Oliveirense (3-2), perdeu, 5-8, em Tomar e vai com 28 pontos, mais um que o Benfica, duplo vencedor: 12-7 ao Valongo e 9-5 ao Turquel. A Académica da Amadora, frente aos mesmos adversários, mas por ordem inversa, ganhou também os dois encontros (3-2 ao Turquel e 7-2 ao Valongo), igualando o Paço de Arcos no sétimo lugar. Além da derrota nas Antas, os homens da linha cederam por 5-7 em Famalicão.

Famalicense e Tomar (25), Juventude de Viana e Oliveirense (24), Belenenses e Oeiras (19), Valongo (18) e Turquel (15) constituem a metade inferior da tabela, sendo de destacar a vitória do Oeiras em casa sobre os vianenses (5-4 depois de ter perdido com a Sanjoanense, 2-5).

Resultados

12.ª jornada: FC Porto-Paço de Arcos, 12-5; Famalicense-Belenenses, 4-3; Sporting-Juventude de Viana, 11-2; Oeiras-Sanjoanense, 2-5; Oliveirense-Sesimbra, 2-3; Académica da Amadora-Turquel, 3-2 e Benfica-Valongo, 12-7.

13.ª jornada: FC Porto-Belenenses, 23-6; Famalicense-Paço Arcos, 7-5; Sporting-Sanjoanense, 5-2; Oeiras-Juventude Viana, 5-4; Sp. Tomar-Sesimbra, 8-5; Oliveirense-Cascais, 5-4; Académica da Amadora-Valongo, 7-2 e Benfica-Turquel, 9-5.

Classificação: 1.º Sporting, 36 pontos; 2.º Sanjoanense, 34; 3.º FC Porto, 33 (menos um jogo); 4.º Cascais, 29 (menos um jogo); 5.º Sesimbra, 28; 6.º Benfica, 27; 7.os Paço de Arcos e Académica da Amadora, 26; 9.º Sp. Tomar, 25 (menos um jogo); 10.º Famalicense, 25; 11.os Juventude de Viana e Oliveirense, 24; 13.os Belenenses e Oeiras, 19; 15.º Valongo, 18 (menos um jogo) e 16.º Turquel, 15.

Basquetebol:

Formado o "grupo dos seis"

O Olivais entrou no «clube dos seis» do basquetebol português, ao conseguir a qualificação para a segunda fase do Campeonato Nacional.

A qualificação da equipa de Coimbra surgiu graças à sua vitória em casa diante do Illiabum, por 75-73, no que constituiu uma autêntica «final de apuramento».

FC Porto, Benfica, Sangalhos, Queluz e Barreirense são os outros cinco apurados.

Os outros jogos da 22.ª ronda (última da primeira fase) apresentaram desfechos normais, com o Queluz, no jogo mais importante, a vencer o Barreirense por 92-84, em mais uma demonstração de que está pronto a tentar defender o título. Benfica e FC Porto impuseram-se nos seus recintos ao Belenenses (119-88) e à Sanjoanense (97-67), enquanto Sangalhos e Ginásio triunfaram em campo alheio, diante da Ovarense (97-80) e do Conimbricense (79-74).

Os seis apurados para a segunda fase partem para ela com os seguintes pontos: FC Porto e Benfica, 40, Sangalhos e Queluz, 37, Barreirense, 36 e Olivais, 33.

A segunda fase, a quatro voltas, começa a disputar-se em 2 de Março e na primeira jornada encontram-se: Barreirense-Benfica, Queluz-Olivais e FC Porto-Sangalhos.

Resultados da jornada: FC Porto-Sanjoanense, 97-67; Ovarense-Sangalhos, 80-97; Queluz-Barreirense, 92-84; Benfica-Belenenses, 119-88; Olivais-Illiabum, 75-73 e Conimbricense-Ginásio Figueirense, 74-79.

Classificação final da primeira fase: 1.os FC Porto e Benfica, 40 pontos; 3.os Sangalhos e Queluz, 37; 5.º Barreirense, 36; 6.º Olivais, 33; 7.os Illiabum e Ginásio, 32; 9.º Sanjoanense, 30; 10.º Ovarense, 29; 11.º Belenenses, 26 e 12.º Conimbricense, 24.

Andebol: Torneio de Valência

Portugal: quatro derrotas

A União Soviética venceu Portugal por 33-15 na última jornada do Torneio Internacional de Andebol «Carlos III Domecq», disputado em Valência.

A equipa soviética vencia ao intervalo por 15-8.

O encontro disputou-se no Pavilhão Gimnodesportivo de Valência, perante cerca de duas mil pessoas.

Durante todo o encontro, a iniciativa atacante pertenceu sempre aos soviéticos, que chegavam sempre com perigo à baliza de Carlos Silva e Santa Bárbara, que não estiveram bem.

Dirigiram a partida os espanhóis Arguello e Martinez, que expulsaram Maseikin, Zacharow e Zubihk,e as duas selecções alinharam e marcaram:

URSS: Sukosian e Wolsicho; Baran (3), Zuk, Zenkewitsh (5), Swiridenko (11), Defiukin (1), Pugattschew (1), Masaalakaow (1), Mseikin (2), Zacharow (3, 1 penalty), e Zubihk (6).

Portugal: Silva e Bárbara; Marques (2), Gentil (1), João Luzia (1), Pires (1), Crespo (1), Areyas (3), Aguiar, Costa (3), e Ferreira (3, 1 de penalty).

A classificação final foi a seguinte:

	J	V	E	D	B	P
Jugoslávia	4	4	0	0	111-67	8
Espanha	4	3	0	1	99-57	6
URSS	4	2	0	2	94-83	4
Argélia	4	1	0	2	56-88	2
Portugal	4	0	0	4	56-121	0

Ténis:

João Silva: novo triunfo

O português João Silva venceu a final de singulares do Torneio Internacional de Ténis Milo, na categoria de juniores, disputada em Santiago do Chile.

João Silva (17 anos), derrotou o argentino Mauricio Yoma, pelos parciais de 6-2 e 6-4.

O jovem tenista português demonstrou ser o jogador com mais experiência de todos quantos participaram na zona chilena do torneio Milo em tenis.

Ciclismo

Torreense: regresso que se aplaude

O antigo ciclista do Sporting João Roque é o treinador da equipa do Torriense ontem apresentada em Vila Franca do Rosário. O relançamento do ciclismo no Torriense é a nossa melhor homenagem a Joaquim Agostinho, afirmou o presidente do clube. O Torriense volta ao ciclismo 34 anos depois de ter deixado a modalidade e pretende ter na próxima temporada uma boa equipa de seniores, acrescentou.

A equipa agora apresentada, designada de Torriense/Sicasal, é de seniores-B.

À apresentação compareceu Francisco Inácio, o primeiro dos oito torrienses que já ganharam uma Volta a Portugal em 1941. Dos onze ciclistas hoje apresentados seis são de Torres Vedras: Carlos Nunes, 21 anos, Hermínio Marcelino, 26, João Bernardino, 18; João Carvalho, 24, João Costa, 18, João Roque Junior, 18 (ex-Sporting), José Ferreira, 18, José Jorge, 19, José Nicolau, 19 (neto de José Maria Nicolau), Luis Cruz, 24, e Mário Alberto, 18 (ex-Sporting).

A equipa do Torriense/Sicasal pretende participar em todas as provas do calendário nacional de seniores-B, tendo a sua estreia no próximo domingo, no campeonato nacional, em Lisboa.

«Rota do Sol» Zeferino continua

O alemão Rolf Golz, da equipa italiana Tongo, venceu a quarta etapa da Rota do Sol em ciclismo e manteve o primeiro lugar da classificação geral individuial.

Os animadores da tirada de 184 quilómetros, entre Priego de Cordoba e Cabra, foram o belga Frank Hoste (Tongo) e o holandês Fritz Pirard (da KAS), que estiveram em fuga 100 quilómetros, chegando a ter mais de três minutos de vantagem sobre o pelotão.

A poucos metros da linha da meta e devido ao ataque da equipa da TEKA, os dois ciclistas absorvidos pelo pelotão, com a vitória do alemão Golz ao sprint.

Primeiros classificados na etapa: 1. Rolf Golz, Tongo 5h00,11m; 2. Jesus Blanco Villar, Teka, mt; 3. Miguel Indurain, Reynolds, mt; 4. Vicente Belda, Kelme, 5.00,14; 5. Angel Camarillo, Zor, 5.00,17.

O português **Manuel Zeferino** da equipa espanhola ZOR, encontra-se na 37.ª posição da classificação geral individual com 19 horas e 53,30 minutos após a quarta etapa.

TOTOBOLA a chave

A chave do Concurso número 6 do Totobola é a seguinte:

1. Malta - Portugal 2
2. Chelsea - Aston Villa ... 1
3. Coventru - Everton 1
4. Ipswich - Leicester X
5. Liverpool - Arsenal 1
6. Newcastle - M. United .. X
7. Stoke - Norwich 1
8. Watford - West Ham ... 1
9. Ascoli - Sampdoria 1
10. Nápoles - Torino 1
11. Fiorentina - Como 1
12. Cremonese - Milão 2
13. Udinese - Verona 2

(O símbolo dos jogos 2, 3, 4, 5, 7, e 8, foi obtido por sorteio.)

Montante para cada prémio: 21 141 234 escudos.

Matrizes: 1 380 580.

Apostas: 15 100 882.

Xadrez: Kasparov complica

Garry Kasparov infligiu a segunda derrota consecutiva ao seu compatriota Anatoly Karpov na final do mundial de xadrez, em Moscovo, criando maior emoção e expectativa para as próximas partidas da prova.

Kasparov, o mais novo pretendente ao título mundial na posse de Karpov, obrigou este último a abandonar no reatamento da 38.ª partida e após 67 lances.

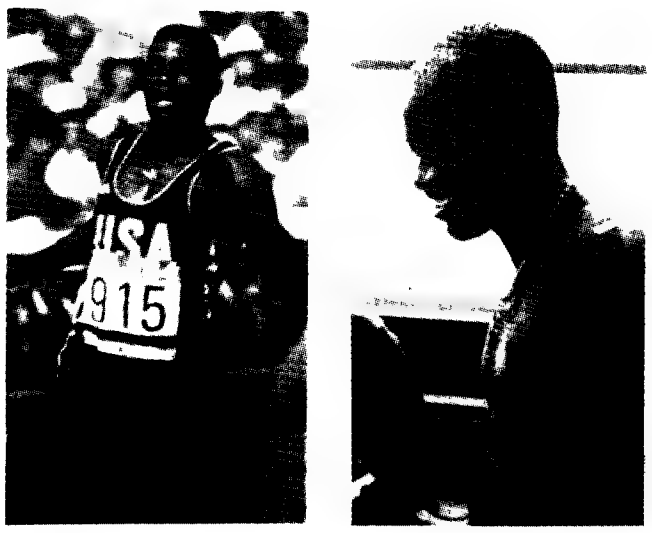
Kasparov, que reduziu a sua desvantagem frente a Karpov para 5-3, jogou com as brancas, tendo optado pela abertura russa. Karpov, que detém o título desde 1975, chegou a estar a vencer por 4-0 após as primeiras nove partidas do mundial, mas após uma longa série de empates consecutivos, Kasparov foi melhorando o seu rendimento, obtendo três vitórias contra uma do seu opositor.

Segundo os especialistas presentes, os dois xadrezistas estão a acusar algum cansaço físico e mental, após as 48 partidas disputada desde que a final se iniciou a 9 de Setembro último.

DESPORTO

ponta esquerda

Lewis e Moses na "galeria da fama"



Carl Lewis e Edwin Moses foram propostos na sexta-feira passada para integrar a galeria olímpica da fama dos Estados Unidos.

A proposta, feita pela Associação Nacional de Escritores e Locutores Desportivos, é constituída por 31 medalhados de ouro dos jogos Olímpicos de Verão e de Inverno.

Os resultados da selecção a efectuar apenas serão conhecidos no dia 8 de Abril próximo.

Olímpicos: transfusões proibidas

O Comité Olímpico dos Estados Unidos vai pedir ao Comité Olímpico Internacional a proibição de transfusões de sangue para os atletas, anunciou o coronel Miller, antigo dirigente do organismo norte-americano.

O regulamento do COI sobre o «doping» não prevê as transfusões de sangue como estimulante, e como tal foram praticadas por muitos dos atletas da equipa de ciclismo olímpica norte-americana durante os Jogos de Los Angeles em 1984.

Miller referiu que as transfusões deveriam ser proibidas, como acontece com os estimulantes que fazem parte de uma lista do COI que determina 90 produtos poribidos aos atletas.

O novo presidente do Comité Olímpico Norte-americano, John Kelly Jr., que tomou posse sábado, reafirmou que o organismo proibira as transfusões de sangue a todos os desportistas dos Estados Unidos.

Maratona: fortuna recusada

Os organizadores da tradicional maratona de Nova Iorque recusaram um prémio de um milhão de dólares (cerca de 174 mil contos) oferecido pela companhia de seguros inglesa Lloyds.

A Lloyds oferecia o dinheiro ao atleta que conseguisse correr a maratona de Nova Iorque em menos de 2 horas e 7 minutos, em homens, ou 2 horas e 20 minutos, na prova feminina.

As melhores marcas mundiais são de 2.08,05 horas, Seteve Jones, em Chicago (1984) e 2.22,43, Joan Benoit, em Boston (1983).

O director da corrida de Nova Iorque, Fred Lebow, afirmou que teve contactos há dois meses com a Lloyds. «Ouvi a proposta deles, mas não pensei mais nela, pois penso que iria em detrimento do desporto devido à importância excessiva em dinehiro que propunham. Além disso, sabia que as federações nacionais e internacionais não aprovariam», afirmou Lebow.

Inglaterra: bomba no estádio

Uma bomba da segunda guerra mundial com mais de mil quilos, por deflagrar, obrigou a suspender um jogo de futebol da segunda divisão da liga inglesa.

A bomba foi descoberta por operários numa obra perto do estádio Bramall Lane, onde deveriam defrontar-se o Sheffield United e o Oldham Athetic.

A Polícia inglesa retirou milhares de pessoas residentes na zona e não permtiu a realização do jogo de futebol, enquanto os especialistas tentam desactivar a bomba, de 1100 quilos, e procuram outros possíveis engenhos nos terrenos em obras.

Depois de encontrada a bomba, de fabrico alemão, a Polícia pediu o auxílio do Exército e posteriormente decidiu não permitir a realização do encontro de futebol, após reunião com a direcção do Sheffield United, proprietário do estádio Bramall Lane.

China e países do Golfo dominam futebol asiático

O nível do futebol nos países do Sueste Asiático está em rápido declínio — considerou o secretário-geral da Confederação Asiática de Futebol. Peter Vellapan acrescentou serem necessárias medidas urgentes para inverter a situação, devendo os países da região agir para elevar o nível da modalidade. O dirigente asiático disse que a Malásia perdeu muito da sua supremacia no continente, e que não vê, Singapura, Indonésia e Birmânia a progredirem no futuro próximo.

Surpreende este fraco nível, tendo-se em conta a abundância de bons jogadores em potência e as boas instalações desportivas na região, comparativamente a outras zonas da Ásia, diz Vellapan.

Para o secretário-geral da Confederação Asiática, dentro de cinco anos a China será o país hegemónico no futebol do continente, mas o Japão e as Coreias do Norte e Sul também vão ter boas selecções.

Atletismo

Canário foi "lince" em Paris

Ezequiel Canário conseguiu a primeira grande vitória da sua carreira internacional e no meio de uma chuva de aplausos de emigrantes ganhou o 3.º Crosse Internacional do «L'Equipe», nos arredores de Paris.

A vitória de Canário foi conseguida frente a uma concorrência importante e entre ela o campeão do mundo de corta-mato e campeão olímpico da maratona, Carlos Lopes, que foi quinto classificado.

A prova feminina registou também a presença feminina e a bracarense **Albertina Machado** obteve o terceiro lugar queixando-se no final de que tinha forças para ganhar mas conhecia mal o percurso.

Canário prosseguiu a senda de êxitos portugueses em França na temporada de atletismo, sucedendo a Fernando Mamede (duas vitórias) e a João Campos na pista coberta.

Prova de atletismo em França com portugueses tem sido sempre ganha por eles e o Crosse do «L'Equipe» não fugiu a esta regra. Na prova principal, para homens, com 9,600 metros, Canário foi sempre primeiro ou segundo, mostrando a boa forma que há uma semana lhe deu o segundo lugar nas Açoteias.

A corrida foi muito rápida, como mostra o tempo final de 29.58 segundos e o grupo dos mais credenciados esteve sempre junto na frente até aos 7300 metros: Canário, Lopes, os franceses Brianon e Levisse, o belga Rousseau e o britânico Hackney. Mas nessa altura Canário atacou e conseguiu um avanço que nunca mais foi anulado. Lopes ficou no pelotão da frente não fazendo qualquer tentativa para se chegar a Canário.

Canário (24 anos), 2.º na final olímpica da légua e que este ano já tinha conseguido extra-muros vitórias em Espanha (Ventas de Banos e El Goybar), deixou o belga Rousseau, o melhor do curto «sprint» final com que a prova terminou, a nove segundos. Hackney ficou a 10 segundos, Levisse a 13 e Lopes cortou a meta 15 segundos depois do seu compatriota.

Na prova feminina, de 5600 metros, Albertina Machado partiu bem, esteve sempre nos três primeiros lugares, juntamente com a vencedora, a inglesa Smeeth e a segunda, a belga Steenbroeck. Quando se deu o ataque das primeiras, ficou um pouco para trás, mas a curta distância, e terminou com 19.54 minutos, apenas a cinco segundos da primeira e a três da belga. No final, queixou-se de mau conhecimento do traçado e garantiu que podia ter doseado melhor o seu esforço para discutir a vitória.

Classificações

Prova masculina, 9.600 metros: 1.º, **Ezequiel Canário, Portugal,** 29.58 minutos; 2.º, Vincent Rousseau, Bélgica, 30.07; 3.º, Roger Hackney, Grã-Bretanha, 30.08; 4.º, Pierre Levisse, França, 30.11; 5.º, **Carlos Lopes, Portugal,** 30.13; 6.º, David Lewis, G. Bretanha, 30.18; 7.º, Abderazak Bounouri, Argélia, 30.20; 8.º, Jean-Louis Brianon, França, 30.23; 9.º, Jacky Boxberger, França, 30.40; 10.º, David Clarke, Inglaterra, 30.44.

Prova feminina, 5.600 metros: 1.º, Ruth Smeeth, G. Bretanha, 19.49; 2.ª, Bety Van Steenbroeck, Bélgica, 19.51; 3.ª, **Albertina Machado, Portugal,** 19.54; 4.ª, Jacqueline Lefebvre, França, 20.00; 5.º, Maria Celut, França, 20.11.

Canário eufórico e crítico

Ezequiel Canário (24 anos) assinalou a **vitória numa prova de tanto r. nome pode servir para que a partir de agora passe a receber convites do estrangeiro directamente e a não ser apenas escolhido pela Federação quando outros atletas não aceitarem.**

O atleta ficou vivamente impressionado pela habitual festa dos imigrantes portugueses no final: **apesar de ter já corrido algumas vezes no estrangeiro, nunca me tinha apercebido da festa dos imigrantes, especialmente porque nunca tinha ganho. Fiz os últimos 500 metros sob um barulho ensurdecedor, com gente a gritar e alguns até a chorar. E qualquer coisa de que nunca mais me esquecerei na vida.**

Atleta habituado a estas coisas e mantendo a frieza habitual era **Carlos Lopes,** para quem foi mais uma corrida de quase dez mil metros. **Vim, para ganhar mas perdi porque houve quem andasse mais,** referiu, admitindo: não tenho a mesma força de antigamente e o percurso tinha muita lama. Isto não serve de desculpa. Aliás, o percurso do Mundial será bastante parecido com este, se bem que com menos subidas.

A bracarense **Albertina Machado,** embora satisfeia com o terceiro lugar, tinha uma mágoa: **acabei cheia de força,** e foi pena que não conhecesse o percurso, porque depois da última subida, muito difícil é que me apercebi de que a meta estava logo à frente. Ainda ataquei, mas não havia já qualquer possibilidade. Estou convencida de que se a prova tivesse mais 500 metros acabaria por ganhar. De qualquer modo estou contente e depois do terceiro lugar de Madrid há uma semana penso que esta classificação vai ajudar a minha carreira internacional.

Cristina Coutinho triunfa em Madrid

A atleta Cristina Coutinho, do Benfica, venceu o Crosse Internacional Maraton, na categoria de juniores, realizado em Arganda Del Rey, arredores de Madrid.

Em seniores, os vencedores foram Ana Isabel Alonso em femininos e Abel Anton, em Homens.

Resultados: Sénior femininos (4350 metros); 1.ª, Ana Isabel Alonso, Maraton, 15.36,18; 2.º, Carmen Valero, Independente, 15.48,16; **Señior Masculino** (11 350 m); 1.º, Abel Anton, Hélios, 35.13,67; 2.º, Ramiro Matamoros, Mam- Galgo, 35.28,65. **Júnior Feminino** (3760). 1.º, **Cristina Coutinho,** Benfica, 13.32,25; 2.º, Lúcia dos Santos, Palência, 14.04,25; 3.º, Glória Rico, Palência, 14.14,20. **Júnior Masculino** (6400 m) 1.º, António Perez, Valência, 21.14,52; 2.º, José Luís Gruneiro, Moratalaz, 21.20,55.

INATEL vence crosse internacional

O atleta/trabalhador português, José Simões, representando o INATEL, venceu o corta-mato internacional do Comité Desportivo Internacional do Trabalho, realizado em Argenteuil, na França.

José Simões obteve o tempo de 34,51 minutos para os cerca de 11 quilómetros do percurso.

O conjunto do INATEL, também obteve o primeiro lugar na classificação por equipas, com 41 pontos, seguido da França (65) e da Irlanda (89).

Os restantes atletas da equipa masculina portuguesa obtiveram as seguintes posições: Raul Cruz, 8.º; Joaquim Pereira, 9.º; Francisco Vaz, 10.º; Joaquim Antunes, 13.º, e António Riscado, 15.º.

No sector feminino a melhor atleta portuguesa foi Paula Teixeira, que chegou em 7.º lugar. Fátima Gonçalves obteve a 10.ª posição, Fátima Pacheco a 11.ª e Maria Polónia a 22.ª. Por equipas, no sector feminino, o INATEL ficou em 2.º depois da Irlanda.

Zola Budd: mais um recorde

A atleta Zola Budd estabeleceu no sábado um novo recorde da comunidade britânica nos 3000 metros ao fazer 8 minutos e 56,13 segundos.

O recorde foi obtido na estreia internacional em pista coberta da atleta britânica de origem sul-africana, durante o encontro de atletismo Inglaterra-Alemanha Federal, terminado com os resultados de 63-53, em femininos, e 71,5-65,5 em masculinos.

As vitórias de Todd Benett, nos 400 metros, e Axel Harries, nos 800 metros foram decisivas para os ingleses superarem os alemães.

O recorde mundial dos 3000 metros ao ar livre, na posse da norte-americana Mary Decker desdeo mês passado, é de menos nove segundos do que o tempo agora realizado por Budd.

Futebol por cá

O Gil Vicente eliminou o Amora da Taça de Portugal em futebol, ao vencer por 3-2 o jogo de desempate dos dezasseis avos de final.

O encontro disputou-se no campo Adelino Ribeiro Novo, em Barcelos.

Terceira Divisão

O Juventude de Évora derrotou o Louletano, por 3-0, em jogo antecipado da 17.ª jornada do campeonato de futebol da terceira divisão, série F.

O encontro disputou-se no campo Sanches de Miranda em Évora.

●

O Ovarense derrotou a Oliveirense por 2-1, em jogo antecipado da próxima jornada do campeonato da 3.ª divisão, série B.

O Ovarense é o guia da série agora com 25 pontos, e a Oliveirense manteve o quarto lugar com 19 pontos.

Juniores

O Portimonense venceu o Desportivo Quimigal, por 1-0, no jogo em atraso da série F do campeonato de futebol de juniores. O encontro, que concluiu a 15.ª jornada, disputou-se em Portimão.

O Portimonense obteve a sua 2.ª vitória em 15 jogos, ficando agora com cinco pontos, e Quimigal manteve a sua posição com 14.

O gula da série é o Barreirense com 26 pontos.

Jogos particulares

O Rio Ave venceu o Varzim, por 2-1, em jogo de futebol particular, cuja receita reverterá para as famílias dos pescadores vítimas do naufrágio de 1 de Fevereiro.

Devido ao mau tempo o encontro teve apenas cerca de dois mil espectadores pagantes e a organização do encontro, incluindo o policiamento, foi gratuita. Recorde-se que o naugrágio da motora «Flor do Sol», à saída da barra da Póvoa.

●

O Torralta derrotou o Silves (por grandes penalidades) em encontro de futebol particular disputado em Silves, após o empate a uma bola nos 90 minutos regulamentares.

O encontro integrava-se no programa desportivo da I Feira Nacional de Citricultura a decorrer em Silves.

A festa de Carriço

O Vitória de Setúbal e o Sporting empataram 1-1, em seniores e «velhas guardas», nos jogos de futebol realizados no Bonfim, integrados na homenagem ao antigo jogador Carriço.

No encontro principal, Venâncio abriu o activo aos 85 minutos para o Sporting, e Aparício, dois minutos depois, empatou. Foi um jogo equilibrado, em que no primeiro período a defesa do Sporting se mostrou frágil e os sadinos não aproveitaram.

No segundo tempo os «leões» dominaram, mas não concretizaram a sua superioridade.

No encontro entre as velhas guardas do Setúbal e do Sporting, que teve a duração de 60 minutos, Guerreiro marcou para os sadinos aos 20 minutos, e Osvaldo Silva repôs a igualdade aos 40.

Assistiram cerca de duas mil pessoas.

Vítor Baptista: mais um golo

O antigo internacional Vítor Baptista abriu o activo na goleada do Estrela do Faralhão ao Lagoa da Palha, da segunda divisão do campeonato de futebol distrital de Setúbal.

Vítor Baptista, demonstrando boa forma, marcou o primeiro golo do estrelas, depois de driblar sucessivamente três defensores do Lagoa da Palha, que foi derrotado por 6-0.

O antigo jogador do Benfica e da selecção nacional apontou o quarto golo em cinco jogos que realizou no Estrelas do Faralhão, clube que ainda não conheceu a derrota desde que contratou Vítor Baptista.

DESPORTO

Malta, 1-Portugal, 3

A "malta" continua na rota do México

Gomes: o «vício» continua

Carlos Manuel: um golo «à Eusébio»

Portugal reassumiu o comando do grupo dois europeu de qualificação para o campeonato mundial de futebol de 1986 no México, ao vencer a selecção de Malta por 3-1 em La Valletta.

Foi a terceira vitória da equipa portuguesa em quatro jogos disputados no grupo 2, tendo marcado sete golos e sofrido cinco, três dos quais frente à Suécia na derrota registada em Lisboa em 14 de Novembro de 1984.

A equipa portuguesa iniciou o jogo ao ataque, imprimindo maior velocidade e tentando controlar as operações, o que conseguiu na primeira parte, apesar de logo aos dois minutos DeGiorgio mostrar ser o elemento mais perigoso, num lance impetuoso em que chocou com Manuel Bento.

No segundo tempo os atacantes portugueses não mostraram o mesmo engodo pela baliza de Mifsud, embora continuasse a ser deles o maior número de oportunidades, entrecortadas por alguns contra-ataques dos malteses. O primeiro golo da equipa das «quinas» surgiu na sequência do domínio inicial imprimido pelos portugueses, com **Carlos Manuel**, que foi um dos jogadores mais influentes da equipa, a fazer 0-1 na transformação directa de um livre. Lima Pereira, aos 12 minutos, aliviou uma situação de apuro junto à baliza de Bento, e no minuto seguinte **Fernando Gomes** fez o segundo tento. Na sequência de uma jogada de ataque, constantes dos portugueses nos primeiros 45 minutos, João Pinto «serve» Gomes com um toque de habilidade, e o «capitão» do FC Porto desfeiteou Mifsud pela segunda vez.

Tal como aconteceu depois do primeiro golo, de Portugal, também após o tento de Gomes os locais estiveram à beira de marcar, com Lima Pereira aparentemente a ser afastado irregularmente, e DeGiorgio a rematar forte mas a bola a embater na barra.

Aos 22 minutos Portugal poderia ter aumentado, quando Paulo Futre, em boa posição para o remate final, cruzou para Carlos Manuel que enviou a bola ao lado da baliza. Lima Pereira foi admoestado com o cartão amarelo aos 24 minutos, por carga a um maltês na sequência dos contra-ataques ensaiados pela equipa local.

O último lance com perigo da primeira parte foi também dos portugueses, com Carlos Manuel a atirar ao lado um remate forte de livre.

No período complementar, e embora os portugueses não perdessem por completo o domínio das operações, a equipa de Malta subiu mais, com Leonard Farrugia e DeGiorgio a cotarem-se como mais os perigosos para Bento. O único tento de Malta surgiu numa das poucas, mas por vezes embaraçosas, descidas de DeGiorgio, que de longe rematou forte e bem colocado para o canto inferior direito de Bento, que não segurou a bola, surgindo oportuno Farrugia a empurrar para a baliza.

Cinco minutos depois os portugueses marcaram, mas o árbitro húngaro Nagy anulou, alegando fora-de-jogo a Jaime Magalhães, que recebera o cruzamento de Gomes. Com os jogadores portugueses de nova à procura do golo da tranquilidade, este surgiu aos 73 minutos, com **Fernando Gomes** a marcar.

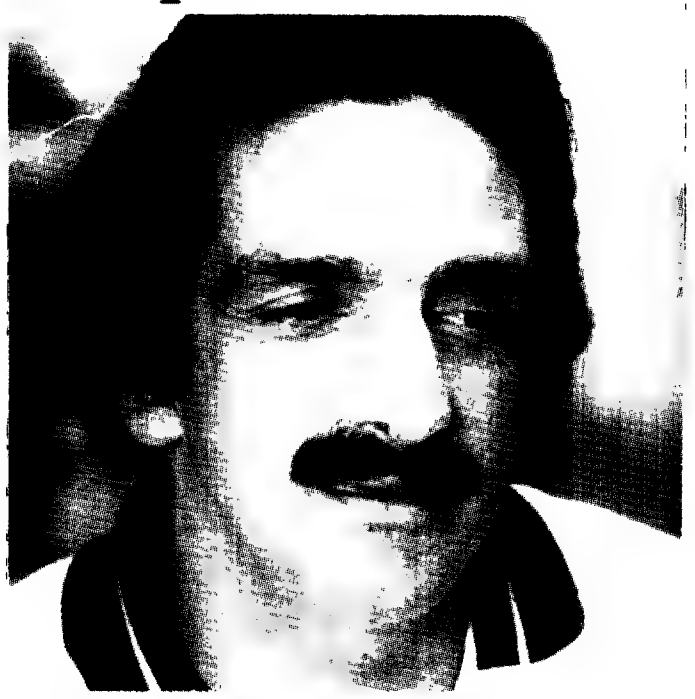
José Torres fez as suas substituições a oito minutos do termo do encontro, talvez mais para benefício dos próprios jogadores do que para garantir a vitória, pois o domínio continuava a ser da sua equipa. Jaime Magalhães criou a última grande oportunidade da sua equipa, a quatro minutos do fim, rematando forte e apanhando Mifsud de surpresa, que defendeu a pontapé, mas não surgiu ninguém para a recarga.

Vitória fácil de Portugal, numa tranquilidade que poderia não suceder se a Alemanha Federal tivesse vencido com à vontade em La Valletta a 16 de Dezembro. As dificuldades encontradas pela equipa de Franz Beckenbauer para vencer Malta por 3-2 foram uma viso e grande estímulo para os portugueses.

O árbitro húngaro N. Nagy dirigiu as equipas:
Malta: Mifsud; Aquillina (Emmanuel Farrugia 28), Sciciuna (Muscat 34), Buttigie e Azzopardi; Woods, Busuttil, Vella e Leonard Farrugia; Ray Xuerebe DeGiorgio.
Portugal: Bento; João Pinto, Eurico, Lima Pereira e Inácio; Jaime Magalhães, Frasco (Virgílio 82), Carlos Manuel; Gomes, Futre (Diamantino 81) e André.
Acção disciplinar: cartão amarelo a Lima Pereira (24).
Assistência: 35 mil espectadores.

Após o regresso:

Torres: "dever cumprido"



José Torres afirmou estar tranquilo e com a consciência do dever cumprido, conquistando o resultado de 3-1 que nos interessava a abdicando da exibição, disse à chegada de Malta.

Tranquilo era também o ambiente que se vivia no aeroporto da Portela, onde apenas algumas dezenas de pessoas, sobretudo familiares e amigos, esperavam a equipa portuguesa que acabara de arrecadar em Malta dois pontos necessários na caminhada para o México. Afinal não houve surpresas para ninguém — acrescentaria Torres, aludindo quer ao seu «plano para o jogo» quer «a boa reacção dos malteses que aceitaram a nossa superioridade».

Segundo o seleccionador nacional, «apenas houve o senão do vento fortíssimo que se fez sentir, para além das irregularidades do terreno que já conhecíamos, factores impeditivos de juntarmos o útil do resultado ao agradável da exibição.

A própria arbitragem mostrou-se equilibrada, embora Torres distinguisse dois tempos, antes e depois do golo, que nos anulou, mais parecendo comprometido e passando a ser menos caseiro, sobretudo nos lances duvidosos.

Marinho vai observar Fernando Chalana

Em relação ao próximo obstáculo, Torres afirmou que **a confiança mantém-se apesar da Alemanha ser uma superpotência no futebol, confiança reforçada pelos objectivos alcançados em Malta e pelas boas notícias do provável regresso em breve de Chalana.**

Acerca do ex-benfiquista ao serviço do Bordéus, a ANOP confirmou junto do seleccionador nacional a deslocação a França do seu adjunto Marinho na «próxima terça-feira e sábado exclusivamente para observá-lo em jogo, e se estiver bom, **cento com ele.**

Tanto Eurico como Carlos Manuel — quando estamos ao serviço da selecção baixamos as bandeiras dos nossos clubes — se afirmaram dispostos a manter a serenidade e a confiança para atingirmos os nossos objectivos que apontam para o mundial do México no próximo ano.

Quanto à vitória sobre Malta, **Eurico** limitou-se a registar que estava na nossa contabilidade, o que importa é continuarmos.

O golo debitado à defesa da equipa portuguesa só possível devido ao estado do terreno e ao vento, disse Eurico, que fez questão de garantir que o guarda-redes Bento nunca sofreria aquele golo em condições normais.

Para **Carlos Manuel a consagração está na vitória sobre a Alemanha,** os louros do golo que marcou pertencem à equipa como um todo que queremos preservar. De resto — acentuaria Carlos Manuel — estou há seis anos na selecção e apenas no «europeu» do ano passado me dei mal com o ambiente, mas isso para mim foi definitivamente enterrado.

Beckenbauer:

Elogio (Gomes) e censura (Bento)

O seleccionador alemão Franz Beckenbauer, encarou como «natural e lógica» a vitória da selecção portuguesa contra Malta.

Em declarações no final do jogo disputado em La Valleta, Beckenbauer afirmou: «O resultado e o desenrolar da partida não me surpreendeu. Tenho repetido várias vezes que os portugueses são os meus no nosso grupo e eu esperava que eles ganhassem este jogo», disse o antigo campeão do Mundo.

Beckenbauer considerou Gomes «o jogador mais perigoso» do encontro e elogiou o trabalho do quarteto defensivo, mas fez reparos à actuação do guardião Bento. «Bento continua a revelar problemas nos cruzamentos curtos sobre a baliza. Vamos tentar tirar partido daquele 'handicap' no jogo de Lisboa», acrescentou o responsável pela equipa nacional da RFA.

Sobre o jogo Portugal-RFA, no dia 24, em lisboa, o «kaiser» manifestou-se convencido de que «será um encontro completamente diferente, quanto mais não seja porque Portugal, depois da derrota contra a Suécia, precisa de uma vitória.

Como 'marcha' o grupo

Após o encontro de ontem, a classificação do «nosso» grupo de qualificação está assim ordenada:

	J	V	E	D	G	P
1.º PORTUGAL	4	3	—	1	7-5	6
2.º RFA	2	2	—	—	5-2	4
3.º Suécia	4	2	—	1	7-4	4
4.º Checoslováquia	2	1	—	1	5-2	2
5.º Malta	4	—	—	4	3-14	0

Próximos jogos:
24 Fev. — Portugal-RFA
27 Março — RFA-Malta
21 Abril — Malta-Checoslováquia
1 Maio — Checoslovaquia-RFA

Havelange confirma:

Fase final poderia começar amanhã

A quinze meses do começo oficial do campeonato mundial de futebol de 1986 no México, tudo está a postos para o acolhimento às vinte e quatro selecções que discutirão o título máximo da modalidade.

Os estádios onde se realizarão os desafios estão prontos, os relvados são excelentes e no dizer do presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), João Havelange, «o campeonato poderia começar amanhã».

O presidente do Comité Organizador dos campeonatos mundiais e da Federação Internacional o alemão federal Hermann Neuberger, disse que a remodelação dos estádios, a preparação dos alojamentos para as equipas e os campos de treinos praticamente prontos.

O presidente do comité organizador mexicano, Guillermo Calledo, disse entretanto que 50 por cento dos ingressos para os estádios serão vendidos no México e os restantes 50 por cento vender-se-ão no estrangeiro a partir do próximo mês por Março.

Segundo Havelange, **«o México realizou da melhor maneira possível os preparativos»** para o campeonato.

Ontem no Maputo

Eusébio na televisão durante hora e meia

Televisão Experimental de Moçambique preencheu a emissão da noite de ontem com o programa «Venha Tomar Café Connosco» produzido pela Televisão Portuguesa e cujo convidado era Eusébio.

Durante mais de 90 minutos, os telespectadores de Maputo puderam acompanhar o diálogo entre o jornalista Jorge Cobanco e o maior jogador de sempre do futebol português.

O progama foi oferecido pela RTP à Televisão Experimental de Moçambique, que só emite aos fins de semana.

Eusébio da Silva Ferreira, natural do Bairro de Mafalala, em Maputo, está desde sábado na capital moçambicana como convidado de honra do clube Maxaquene.

O antigo jogador internacional do Benfica e da selecção portuguesa será hoje o «centro da festa» de homenagem que o clube moçambicano organiza para imposição das faixas de campeões nacionais às suas equipas de futebol, basquetebol, andebol e natação.

A festa será transmitida em directa pela Televisão Experimental numa emissão especial.

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

prémio literário

MARÉ VIVA 85

REGULAMENTO

1 — A Câmara Municipal do Seixal, com o objectivo de incentivar o aparecimento de novas obras no domínio da produção literária, dentro e fora do concelho, institui, em colaboração com a Associação Portuguesa de Escritores, o PRÉMIO LITERÁRIO «MARÉ VIVA» 1985 nos géneros de **ficção narrativa** e **poesia**.

2 — Os concorrentes devem ser de nacionalidade portuguesa.

3 — O conteúdo temático das obras é livre, não dependendo de qualquer prescrição.

4 — As obras apresentadas, além de serem inéditas, terão de respeitar as seguintes características gerais:
— serem escritas em língua portuguesa;
terem: na **ficção narrativa** — um mínimo de 40 páginas dactilografadas em folhas de formato A4, com 30 linhas a 2 espaços;
na **poesia** — um mínimo de 80 páginas dactilografadas em folhas de formato A4;
— terem todas as folhas numeradas e assinadas com pseudónimo no canto superior direito.

5 — Todos os originais deverão ser enviados para os SERVIÇOS CULTURAIS da Câmara Municipal do Seixal, 2840 — Seixal, em 3 exemplares, até 31 de Agosto de 1985, devendo indicar no invólucro: «concorrente ao Prémio Literário 'Maré Viva 1985' da Câmara Municipal do Seixal.»

6 — Os originais deverão ser agrafados ou apresentar as folhas presas por qualquer outro sistema.

7 — Os originais deverão ser acompanhados de um sobrescrito lacrado com a inscrição do pseudónimo no exterior e contendo a identificação do autor. O não cumprimento desta cláusula implica a eliminação do concorrente.

8 — Só serão abertos os sobrecritos relativos aos originais premiados ou recomendados para publicação.

9 — Os prémios serão atribuídos por dois júris — um para a ficção narrativa, outro para a poesia — constituído cada um deles por 3 pessoas de reconhecida idoneidade intelectual designados pela Câmara Municipal do Seixal e Associação Portuguesa de Escritores.
As decisões são tomadas por unanimidade ou maioria e os membros do júri não podem concorrer.

10 — O júri pode tomar deliberações que, embora não estando previstas, são determinadas pelos resultados da selecção dos originais e não contrariem o Regulamento, antes o reforcem.

11 — O júri, se assim o entender, pode recomendar para publicação outros originais além dos premiados, devido ao valor literário dos mesmos.

12 — Caso as obras apresentadas em qualquer dos géneros não manifestem valor e interesse literários, o júri, única instância deliberativa na matéria, pode não atribuir o(s) prémio(s).

13 — As deliberações do júri serão tornadas públicas até 31 de Novembro de 1985; para o efeito, os membros do júri determinarão entre si as datas das reuniões e a metodologia de trabalho julgada necesssária.

14 — As deliberações do júri são soberanas.

15 — Os prémios deverão ser entregues até 31 de Janeiro de 1986.

16 — A Câmara Municipal do Seixal e a Associação Portuguesa de Escritores determinarão entre si a entrega do(s) prémio(s) em sessão pública.

17 — Os valores dos prémios serão os seguintes:
— Ficção Narrativa: 65 000$00 (sessenta e cinco mil escudos).
— Poesia: 65 000$00 (sessenta e cinco mil escudos).

18 — Se os premiados assim o entenderem, a Câmara Municipal do Seixal e a Associação Portuguesa de Escritores providenciarão junto de editoras e outras entidades no sentido da publicação da 1.ª edição da(s) obra(s) premiada(s), assim como a(s) divulgarão junto dos órgãos de Comunicação Social.

19 — A Câmara Municipal do Seixal compromete-se a adquirir 250 exemplares do(s) obra(s) premiada(s) para publicação.

20 — Os concorrentes poderão levantar os originais até 31 de Janeiro de 1986. A Câmara não se responsabiliza pela devolução dos mesmos.

21 — Considera-se que a partir do momento em que entregam os originais os concorrentes aceitam este regulamento.

APROVADO POR UNANIMIDADE
NA SESSÃO DE CÂMARA DE 1 DE FEVEREIRO 1985

Azteca Camera de "faca" na mão

Entre o velho e o novo

«Knife» é o mais recente álbum do grupo britânico Aztec Camera. Produzido por Mark Knopfler, dos Dire Straits, reitera um estilo próprio criado pelo grupo, uma mistura do velho e do novo rock, com letras bastante emotivas escritas pelo seu fundador, Roddy Frame.

Roddy Frame foi qualificado em Inglaterra como menino prodígio. Nasceu em East Kilbridge, um subúrbio de Glasgow. Estava ainda no liceu quando fundou, em Janeiro de 1980, o grupo Aztec Camera, com o seu grande amigo Campbell Owens, o baixo. Os dois têm sido nestes cinco anos uma constante.

Ambos haviam tocado num conjunto semipunk de Glasgow, The Dole. Saíram juntos dessa banda para entrarem noutra do mesmo estilo, The Stilletoes. Também não encaixaram nesta formação e resolveram criar o seu próprio grupo.

A companhia discográfica Postcard Records ofereceu-lhes um contrato que aceitaram e, com a sua formação inicial, gravaram dois «singles», «Just Like Gold» e «Mattress Of Wire» em 1981. A eles próprios surpreendeu a difusão alcançada por esses discos e permaneceram durante um ano com a mesma editora, durante o qual mudaram de guitarrista e de baterista.

Em 1982, outra companhia se interessou pelo grupo, a Rough Trade, que acabaria por os contratar. Nessa etiqueta gravaram o primeiro LP, «Hig Land, Hard Rain». Desde essa altura, para alguns, Roddy Frame é o novo Dylan.

«As pessoas acham que eu sou um novo Dylan? Bom, a fase 'punk' foi afinal uma desilusão e, agora trata-se de procurar a nossa identidade, olhando para trás, para a música de Dylan e de Simon & Garfunkel, que era ouvida pelos nossos irmãos mais velhos. Admira muito Bob Dylan, as suas letras são incríveis. «Mr. Tambourine Man» é a melhor letra que conheço».

O tema «Oblivious» do LP «High Land, Hard Rain» conseguiu em 1982 entrar no Top 20, recebendo o reconhecimento geral, tanto do público como da crítica. Os Aztec Camera são fundamentalmente conhecidos nas zonas de língua inglesa, razão por que realizaram uma «tournée» pelos Estados Unidos.

Em 1983, juntam-se aos fundadores, Roddy e Campbel, o baterista dos The Ruts, David Ruffy e o guitarrista dos Orange Juice, Malcolm Ross. É nesta fase que começam a preparar o presente álbum, «Knife», de que Roddy Frame é autor dos oito temas que o compõem.

Cerca de cem filmes na quinta edição do Fantasporto

Cerca de 100 filmes entre os quais 70 longas-metragens, participam na quinta edição do Festival Internacional de Cinema do Porto – Fantasporto/85 – que se iniciou nesta cidade.

O certame, que decorre no Auditório Carlos Alberto e nas salas dos Cinemas Lumière até ao dia 17 «vai ter este ano o seu melhor ano, pelo menos no que diz respeito a cinema» declarou Mário Dominsky, director do festival.

«Mas se os apoios custam a chegar, 1985 será para o Fantasporto um ano em grande» salientou o promotor do festival, informando que desde as mais recentes superproduções do género, tais como «The Company of Wolves» de Neil Jordan e «Never Ending Stor», de Wolfgang Peterosn, até aos clássicos de Jacques Torner e Kaul Zeman, de tudo haverá».

Do programa desta quinta equição do Festival Internacional de Cinema do Porto destaca-se ainda a exibição de «Frankenstein 90» de Alain Jessua e das ante-estreias para a próxima época como «Dark Places» de Don Sharp e «Out of Order» de Carl Schenkel.

Segundo revelôu Mário Mominsky, Portugal vai estar presente no Fantasporto com três médias-metragens de alta qualidade produzidas em 84 – «O Visitante», de Ana Luísa Guimarães, «Necrogilia», de Vítor Silva e «Juqneira» de Cristina Hauser.

Manuel Costa e Silva, este ano membro do júri internacional do certame, também vai apresentar em antestreia absoluta a longa-metragem «A Moura Encantada» – disse.

Filmes de 12 países, num total de 18 longas-metragens e 15 curtas-metragens constituem a secção oficial competitiva da quinta edição do Fantasporto-/85.

Casos desconhecidos de inspiração africana

«Masimbabele» é o maxi-single do grupo alemão, os Unscnown Cases dois músicos oriundos de Colónia, os quais em 83, após terem colaborado com diversas bandas, decidiram formar o seu próprio conjunto.

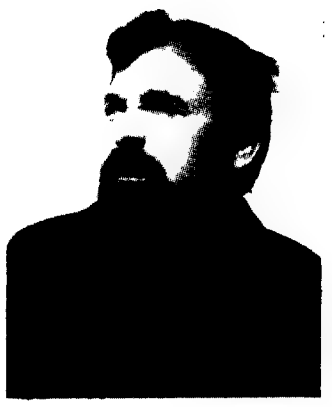
Os dois músicos, Helmut Zerlett e Stefan Krachten, estiveram três anos antes na origem dos Dunkelziffer, cujo álbum «Coloure And Soul» chegou a convencer os mais conceituados críticos de que se tratava de uma formação africana ou de músicos fazendo parte de cenas «underground» de Londres ou Nova Iorque.

O nome do conjunto deve-se precisamente ao facto que, apesar de terem influenciado diferentes artistas germânicos, os seus autores permaneceram injustamente desconhecidos. O desejo de se voltarem para uma sonoridade mais universal, combinando uma grande variedade de estilos de diferentes horizontes étnicos é o resultado de uma longa colaboração com os Can.

«Masimbabele» é da autoria do antigo percussionista dos Traffic, Reebop Kwaku Baah, um dos principais responsáveis pela introdução dos ritmos africanos no rock. A sua vocalização, uma das últimas da sua carreira, é um «Masimbabele» uma improvisação que tem como base uma rima infantil. Cheio de calor e ritmo, que nos leva à dança, este é um dos temas mais representativos da nova onda musical de inspiração africana.

Na galeria de S. Bento

Luís Machado empresta a voz a doze poetas



«Não Só Poesia... Mas Também» é uma iniciativa do actor Luís Machado que se está a realizar na Galeria de Arte de S. Bento, na Rua do Machadinho, quinzenalmente, às quintas-feiras, pelas 21.30 h. Este espaço encontra-se aberto ao diálogo com a arte poética, associando a poesia a outras formas de arte, como a música e a pintura.

Estas sessões irão dinamizar o espaço da galeria durante seis meses, com intervenções ao vivo de nomes consagrados de pintores e compositores portugueses, cujas obras serão executadas por eles próprios, a ilustrar doze poetas contemporâneos.

Luís Machado foi o responsável pelas sessões de «A Poesia Serve-se Quente» que, polemicamente, levaram à mesa de um restaurante lisboeta, há dois anos, alguns dos mais destacados poetas portugueses.

A primeira sessão decorreu há duas semanas com a poesia de Mário Cesariny, a pintura de Artur Bual, a voz de Luís Machado e a música de Jorge Peixinho.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Afinal a revista ainda mexe

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO», de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. **Música:** João Vasconcelos, F. Correia Martins e N. Nazareth Fernandes. **Encenação:** Henrique Santana. **Coreografia:** José Luís Ardiz. **Cenografia:** Moniz Ribeiro. **Figurinos:** Helena Reis. **Interpretação:** Ivone Silva, Eugénio Salvador, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, Nuno Emanuel, Carlos Ivo, Maria Cabral, Fernando Mendes, Leonor Edviges, Marília Barroso, Alice Gomes, Raquel Almeida, Soraya Arrais. Corpo de baile TMV. **Produção:** Ausenda Bastos e Hélder F. Costa. Estreia: **Teatro Maria Vitória,** 31.1.1985.

Quando se fala na necessidade de renovação da revista, tende-se a esquecer que essa necessidade já foi sentida e que um projecto que tinha em vista a ultrapassagem dos esquemas gastos de revista, o seu rejuvenescimento, fora lançado ainda antes do 25 de Abril, no Teatro ABC, pela equipa chefiada por Francisco Nicholson e depois levada mais longe pela mesma equipa no Ádoque. Desse projecto a revista «A Paródia» foi provavelmente o momento mais alto e o modelo de uma renovada revista à portuguesa.

A partir de 1976 e nestes anos 80 a revista do Parque volta a um marasmo estético e a um conformismo ideológico, que atingiu as raias da provocação reaccionária e mesmo fascista, que justificavam os discursos que começavam a ouvir-se. Pela minha parte, desistira ultimamente de me interessar pelo espectáculo, forma de protesto, mesmo que inútil, perante um estado de coisas que me parecia inaceitável.

O novo espectáculo do Maria Vitória demonstra, mesmo que provisoriamente, que ainda é cedo para encomendar as coroas e para redigir o elogio fúnebre da revista – e todos temos a lucrar com isso.

O que há de mais surpreendente no espectáculo, consiste exactamente no facto de nele se fazer uma ligação, que nada tem afinal de espúria, entre a estética adoquiana (será mais correcto dizer nicholsohiana?) e estética da mais tradicionalista das nossas salas do género, a do Teatro Maria Vitória. Que isso tenha sido possível já é motivo para espanto (os tempos mudam, felizmente), mas os resultados é que contam: e os resultados são quase sensacionais: «Não Batam Mais no Zezinho» é uma revista (relativamente) nova sem deixar de ser uma revista (relativamente) tradicional, e só não é uma grande revista, mas pouco falta para o ser, pela debilidade de uma segunda parte a precisar de uma mexidela e sobretudo pelo recurso sistemático ao «play-back», eliminando um dos trunfos do espectáculo: a música e o canto ao vivo. Se esquecermos o desequilíbrio entre a primeira e a segunda parte, que precisamente caracteriza o novo espectáculo do Maria Vitória é o equilíbrio que revela. Equilíbrio entre a crítica, a política e a crítica social (aqui se prova como uma e outra são compatíveis com a limpeza dos processos, com a sua despartidarização e, sobretudo, com o facto dessas críticas poderem e deverem ser feitas a partir de um ponto de vista democrático, isto é, de defesa dos valores que o 25 de Abril tornou possível). Mas equilíbrio também entre o humor próprio da revista e a qualidade do texto em que voltamos a encontrar metáforas dignas dos bons tempos do ABC e do Ádoque: «Os recipientes laranjas do lixo são o «snack-bar» dos indigentes», «Ninguém ouve as escutas telefónicas», para citar dois exemplos. Equilíbrio finalmente entre os aspectos plásticos do espectáculo (embora a montagem de Moniz Ribeiro, imaginativa, nem sempre tenha o sinal de bom-gosto dos figurinos de Helena Reis), e sobretudo equilíbrio entre as figuras principais (Ivone, Salvador, Santana), as segundas figuras (Carlos Cunha, Linda Silva e Marina Mota), e as figuras secundárias, sem esquecer a participação dos restantes elementos, equilíbrio portanto entrer a experiência de uns e a juventude de outros, embora a juventude seja uma das marcas mais gratas desta revista.

Se acrescentarmos a estes elementos de equilíbrio, a qualidade de alguns quadros («Liberdade, Democracia», «Malmequeres», cenas de «Alan & Alan, Ld.ª», «A Declamadora», «Certidão e Requerimento», «O Julgamento do Povo», etc.), o ritmo já conseguido, alguns bons momentos musicais, a procura de um elemento tão importante na revista como é a comunicação directa com o espectador, entenderemos as razões que fazem deste espectáculo um dos mais importantes e interessantes apresentados depois do 25 de Abril, não só no Maria Vitória, como no Parque Mayer.

Mas à qualidade global do espectáculo, para além dos trabalhos de Nicholson e de Henrique Santana como autores, o segundo assinando uma encenação insuficientemente renovadora mas limpa e correcta, devemos acrescentar as intervenções no texto, certamente influentes, de um novo autor do Parque, Mário Zambujal, a recuperação parcial de um velho senhor da revista, Salvador, que faz bastante bem dois dos três números principais que lhe cabem, e em especial a espantosa interpretação de Ivone Silva em «Malmequeres», número bem concebido e bem escrito, que a grande actriz transforma num número antológico; e em «A Taradinha dos Telefones», que é o exemplo do quadro fraco que só uma grande intérprete, uma grande actriz de revista, como Ivone, é capaz de transformar num quadro em que a comicidade é intensa e a piada do telefone como sugestão fálica nunca é grosseira. E até Henrique Santana parece renovado nos seus processos criativos, não obstante continuar agarrado a fórmulas convencionais, tanto cénicas como de texto, que seriam bem dispensáveis. Estas três vedetas apoiam-se no trabalho, que podemos considerar notável, de Carlos Cunha, um dos nomes já grandes da nova geração da revista, Marina Mota, que é, para mim, a grande revelação, consagrando-se desde já como outro desses valores (penso que poderemos esperar tudo de ambos se souberem escolher os seus trabalhos e reivindicar os seus direitos de artistas), e Linda Silva, que volta a ser uma excelente actriz da revista. Nuno Emanuel, Carlos Ivo, Maria Cabral, Fernando Mendes, entre outros, colaboram da melhor maneira com o naipe citado.

Esta revista é importante por tudo o que foi dito. E é também importante pelo momento que o País atravessa. Estou a lembrar-me de uma revista do Maria Vitória, «Vota, Vota, Camarada Zé!», em que havia um quadro intitulado «A Batalhão da Produção», protagonizado por Salvador. Isto foi em 1976. Tratava-se de um ataque soez ao direito à greve e mais geralmente, aos trabalhadores que tinham saído de quase cinquenta anos de repressão. Um dos quadros de «Não Batam Mais no Zezinho», estupendamente interpretado por Carlos Cunha, em que um representante da burguesia diz: «O País está muito mal servido do Povo», esse quadro, «O Julgamento do Povo»; termina com um grito angustiado do réu: «Porra, arrangem-me um emprego», final aplaudidíssimo pelo público. É claro que a vida tem sempre razão, como até a revista do Parque Mayer é capaz de reconhecer.

Se não fosse o «play-back», tão desagradável, se não fossem dois ou três números fracos (entre eles um pretensioso «digest» da «Carmen»), que grande revista seria a revista do Maria Vitória. E – mesmo assim – que grande revista é a revista do Maria Vitória!

CLINICA DE TELEVISÃO A CORES SOS
A MELHOR ASSISTENCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S João de Deus 13 B ● R de Macau 8-1 LISBOA

No programa Aplauso desta noite, na RTP-1, poderemos ver «Kid Creole» e as suas «coconuts», na selva

Das **13.35** às **17.30** **Ciclo Preparatório TV**
18.17 **Notícias**
18.22 **Tempo dos Mais Novos**
19.00 **Telereglões**
19.25 **Computadores** – programa de divulgação sobre as modernas tecnologias dos microcomputadores pessoais e das suas aplicações.
20.00 **Telejornal**
20.27 **Boletim Meteorológico**
20.35 **«Chuva na Areia»** – 26.º episódio.
21.10 **Aplauso** – «Kid Creole» e as suas «Coconuts», na selva.
22.00 **«Uma História de Amor»**
23.00 **Último Jornal**

RTP2

Exibe-se na RTP-2 o 6.º episódio da série «Guilherme de Orange»

20.02 **Desenhos Animados**
20.30 **RTP/ Madeira** – «Porto Santo, Ilha Dourada».
21.05 **«Guilherme de Orange»** – intérpretes: Jeroen Krabbé, Linda van Dijck, e Nele Vandendriessche, entre outros. Realização: Walter Van Der Kamp.
22.00 **Jornal da Noite**
22.25 **«A Sucessora»** – 26.º episódio.

Programação

RTP1

13.35: Ciclo Preparatório TV; **18.17**: Notícias; **18.20**: Tempo dos Mais Novos; **19.00**: Telereglões; **19.20**: Era Uma Vez um Músico – Berlioz; **19.50**: Boletim Meteorológico para a Agricultura; **20.00**: Telejornal; **20.27**: Boletim Meteorológico; **20.30**: «Chuva na Areia»; **21.05**: Actual; **22.05**: «Cagney e Lacey»; **22.55**: Último Jornal.

RTP2

20.00: Desenhos Animados; **20.25**: Conheça Melhor; **20.50**: Caminhos do Eterno; **21.15**: Encontros; **22.00**: Jornal da Noite; **22.25**: «A Sucessora».

No Pavilhão Cascais dia 18

Leonard Cohen concorre com Carnaval

Leonard Cohen, senhor de três décadas da música e das letras, actuará em Portugal, no dia 18 de Fevereiro, segunda-feira de Carnaval, no Pavilhão Dramático de Cascais. Esta é uma das raras digressões ao continente europeu do canadiano de 50 anos de idade, autêntico ex-libris da geração norte-americana dos anos 60 e 70.

O nome de Leonard Norman Cohen, antes de se tornar um músico conhecido a par de Joan Baez e Bob Dylan, saltou para a ribalta dos circuitos intelectuais norte-americanos e europeus através das suas obras literárias.

Diplomado em 1955 pela McGill University, o seu primeiro livro foi a novela «The Favorite Game» e o livro de poesia «Parasites Of Heaven», que lhe conferiram o estatuto da mais brilhante esperança da literatura canadiana, popularizando-o em todos os países de língua inglesa.

Cohen é um dos talentos mais elogiados da década de 60. Tem mais de 300 mil exemplares vendidos das obras citadas e os melhores elogios da crítica. É no final de 1966, quando já consagrado escritor, que decide abraçar a música.

A sua primeira composição foi «Suzanne», uma das canções revelação interpretadas com êxito por Judy Collins, através da qual o músico teve o seu primeiro grande contacto com o público no Festival Folk de Newport e, mais tarde, no Central Park de Nova Iorque, onde este tema se consagrou como um dos clássicos da música popular norte-americana. Mas este seria apenas o primeiro de uma vasta série assinada por Cohen.

O primeiro disco

No ano seguinte, Leonard Cohen publica o seu álbum de estreia «Songs of Leonard Cohen», que é recebido com o mesmo entusiasmo com que o tinham sido os primeiros livros, tanto pelo seu público literário como um novo recrutado entre os tradicionais apoiantes do rock e do folk.

Público que, surpreendido e impressionado pela beleza invulgar dos textos e simplicidade das melodias, o eleva desde logo ao nível de uma Joan Baez ou Dylan, então líderes incontestados dos novos caminhos que a música americana se dispunha a seguir.

Os novos trabalhos que se seguiram vieram cimentar a dupla faceta de compositor e poeta que Cohen tinha junto do público cada vez mais vasto, desde o erudito ao do rock, para quem as suas canções melancólicas arrastadas por uma voz típica e personalizada, perdida entre a amargura e o desespero, funcionaram sempre como uma lufada de ar fresco dentro do que rege o rock.

As canções deste músico e poeta de talento universalmente reconhecido despertam uma devoção que torna o aparecimento de cada novo disco uma autêntica festa e consequente espectáculo.

Espectáculos que são cada vez mais raros e manifestações dignas de um mito que incarna a música popular.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...
RTP1
«Mátria» (22.15)
RTP2
«Guilherme de Orange» (21.05)
CHUVA NA AREIA
Em Vila Nova da Galé tem finalmente lugar a inauguração do Hotel. Muitos convidados acorrem à festa. D. Odete acompanha a mulher e a filha do presidente da Câmara. O tenente Ferreira vê-a chegar, surpreendido.
Os alemães são apresentados à mulher do Vilela a quem beijam a mão cerimoniosamente. Há alguns ministros na sala, que recebem os cumprimentos da edilidade.
O grupo Brandão-Vidigueira entra e aprecia, ironicamente, a festa. Apercebendo-se que vai haver discurso, António Brandão, convida o amigo a visitar a piscina. Helena acompanha-o e sentam-se na borda do tanque, conversando.
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871

Informação Ecológica

Em cada minuto são destruídos no nosso planeta 21,6 hectares de florestas tropicais, o que equivale a 11,4 milhões de hectares por ano, área esta muito superior à superfície total da Suíça, revelam dados da Organização para a Alimentação e Agricultura da ONU (FAO).

Esta acelerada destruição das florestas verifica-se com particular intensidade na Ásia e conduz, por vezes, a consequências absolutamente inesperadas e extremamente perigosas. Na Índia, essas destruições maciças das florestas provocaram inundações desvastadoras e, na Indonésia, originaram uma seca de grandes proporções.

Na Tailândia, por sua vez, o derrube de árvores em grande número originou a obstrução dos sistemas de irrigação e, nas Filipinas, causou uma diminuição considerável da produção de electricidade das centrais hidroeléctricas.

Atraso e neocolonialismo

Frequentemente, é o atraso económico que caracteriza estes países que herdaram dos tempos coloniais, que leva os Estados asiáticos a permitir o abate das florestas tropicias, que tão necessárias são para manter o equilíbrio ecológico nestas regiões.

As florestas são derrubadas para se obter espaço para as plantações que, por sua vez, são imprescindíveis para alimentar uma população com um crescimento demográfico muito acelerado. Devido aos preços elevados dos outros tipos de energia, a madeira (mesmo os tipos valiosos) é utilizada como combustível. A grande massa dos abates de árvores destina-se, contudo, à exportação, como meiop de obtenção dos recursos necessários ao desenvolvimento da economia.

A actividade das multinacionais tem, neste aspecto, particulares responsabilidades. São abatidas florestas inteiras, sem a preocupação sequer de se proceder à sua recuperação. Em consequência, só na Indonésia há 43 milhões de hectares de florestas que foram destruídas e

que necessitam agora urgentemente de serem recuperadas.

As ilhas Salomão constituem outro «mártir» desta actividade. Em tempos passados, os colonialistas britânicos concederam à companhia transnacional «Unilever» o «direito» de desvastar as florestas desse país. Ainda hoje, as escavadoras dessa empresa multinacional arrancam os coqueiros pelas raízes em grandes superfícies do país, quando acontece que essas árvores são a única fonte de receita e o único meio de sobrevivência para muitos dos habitantes das ilhas. «Depois da 'Unilever',» – escrevia nas suas páginas a revista australiana «Habitat» – «só ficará a terra desfigurada e devastada pelas chuvas».

Privação de recursos

O Japão, que é o maior país importador de madeiras tropicais de todo o mundo, consumindo 53 por cento da produção mundial, tem posições muito fortes na indústria de exploração florestal dos países em desenvolvimento.

Na Indonésia, há cerca de 400 firmas estrangeiras, na sua maior parte nipónicas, que dominam a indústria madeireira e que devastam as suas florestas, exportando anualmente cerca de quatro milhões e meio de metros cúbicos de madeiras. Em consequência dessa acção destruidora, são abatidas no país árvores numa área total de florestas que atinge os 600 mil hectares por ano.

Segundo cálculos realizados por economistas da Indonésia, a transformação das madeiras no país e a exportação de artigos totalmente manufacturados a partir desta matéria-prima permitiria aumentar os rendimentos do país para o quádruplo!

O predomínio dos monopólios japoneses priva a Indonésia de enormíssimos recursos e impede a criação de um grande número de postos de trabalho. Além disso, os métodos utilizados põem em perigo a própria sobrevivência das florestas indonésias.

Tendo em conta este aspecto, durante o ano passado, o governo anulou 127 licenças de exploração florestal a várias empresas estrangeiras, por violarem constantemente as regras vigentes para esse tipo de trabalho. O governo da Malásia também adoptou medidas semelhantes.

Contudo, as proibições oficiais nem sempre conseguem fazer as empresas estrangeiras parar e estas, em prol dos seus lucros, não hesitam em violar abertamente as leis. Nas Filipinas, por exemplo, é contrabandeada anualmente para fora do país uma quantidade de madeira igual à que segue pelas vias oficiais de exportação.

Reservas neozelandesas ameaçadas

A imprensa neozelandesa noticiou que uma companhia americana tenciona comprar a água de alguns rios e lagos do país, a fim de a pôr à venda nas lojas dos Estados Unidos. Os cursos de água naquela grande ilha constituem reservas únicas da natureza selvagem, visto que são alimentados com a água extraordinariamente pura que se forma na sequência do degelo dos cumes das montanhas próximas.

Segundo a imprensa, a concretizar-se aquele negócio, enormes navios-tanques entrarão nos cursos de água neozelandeses para encher os seus porões e transportar o líquido para a Califórnia, onde será engarrafado.

A realização destes planos – alertam os jornais – poderá destruir o equilíbrio ecológico da região e conduzir à formação de depósitos de sais na água e à poluição das costas.

Vítimas da poluição

Nos países em vias de desenvolvimento morrem anualmente cerca de 10 mil pessoas, vítimas da poluição química do meio ambiente, anunciou o Programa Internacional da ONU para Garantir a Segurança da Utilização de Substâncias Químicas, no decurso de uma sessão realizada na capital do Quénia.

Segundo os cientistas, podem calcular-se anualmente no Terceiro Mundo perto de 370 mil casos de intoxicação com pesticidas, diversas substâncias químicas e resíduos industriais. Este número tem vindo a aumentar todos os anos.

O «pano de fundo» desta situação consiste na prática das multinacionais de transferir para os países em vias de desenvolvimento as empresas e ramos industriais mais poluidores, cuja instalação, nos seus próprios países, esbarra com grandes obstáculos. A isto se acrescenta o facto de, frequentemente, essas empresas se recusarem a instalar aparelhos de purificação, alegando o seu alto custo.

Castores voltam à Estónia

Após cem anos de ausência, os castores voltaram a construir os seus diques nos rios e ribeiras das florestas da Estónia, república báltica soviética.

Estes animais tinham sido completamente exterminados durante o século XIX. Há 25 anos iniciou-se um plano de criação, tendo sido instaladas colónias de castores na reserva criada para o efeito, no curso inferior do rio Miadaiga (sudeste estoniano). Esse povoamento foi igualmente feito no norte da república, onde existem actualmente 300 castores.

Os programas de protecção dos animais na República não se limitam, porém, aos castores. Cerca de 300 espécies de animais e pássaros foram colocados sob protecção estatal. Instituída uma reserva para os ursos castanhos nas espessas florestas do nordeste da república, o seu número subiu já para o nível de há um século. Ao todo, as reservas ocupam 6 por cento do território da Estónia.

TROCA-SE TERRENO

COM 600 M² EM BREJOS DE AZEITÃO POR CARRINHA A GASÓLEO

TELF.: 208 13 93
DAS 22H ÀS 23H

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	84$70	90$70
ALEMANHA FED (marco)	53$70	54$80
ÁUSTRIA (xelim)	7$55	7$75
BÉLGICA (franco)	2$516	2$16
BRASIL (cruzeiro)	$030	$060
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	130$65	132$65
(notas de 5 a 1000)	131$15	133$15
DINAMARCA (coroa)	15$05	15$45
ESPANHA (peseta)	$925	1$045
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	174$65	176$65
(notas de 5 a 1000)	175$15	177$15
FINLÂNDIA (marka)	25$80	26$40
FRANÇA (franco)	17$60	18$30
HOLANDA (florim)	47$45	48$45
IRLANDA (libra)	167$95	171$95
ITÁLIA (lira)	$079	$089
JAPÃO (iene)	$643	$678
NORUEGA (coroa)	18$70	19$20
REINO UNIDO (libra)	195$30	199$30
SUÉCIA (coroa)	18$95	19$55
SUÍÇA (franco)	63$05	64$15
VENEZUELA (bolívar)	10$60	11$60

Observações:
1 – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2 – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.**

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **17.50**: RDP-/Regiões; **18.05**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: Cozinha económica; **21.30**: Noites de luar. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.30: Música de piano na era romântica; **16.00**: Música do século XX; **16.32**: Solos de instrumentos; **16.45**: Trechos de óperas; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.35**: Música medieval; **18.00**: Um poema; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Música de tecla; **19.00**: Música, de Johannes Brahms; **19.21**: Sonata, para clarinete e fagote, de Francisco Poulenc; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.00**: Música de câmara; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: Os anos 80; **22.25**: O canto e os seus intérpretes; **23.25**: Intercâmbio musical; **01.00**. Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00** Rápido das cinco; **19.00** Cabo da Boa Esperança; **20.00**: Conta corrente, **21.00**. Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15** Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**. 24 ª hora; **01.00**. O passageiro da noite; **02.00**: No calor da noite Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor, **16.00**: O som da frente; **17.00**: Ondas luisianas; **18.00**: Circulo em FM; **19.00** Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **24.00**: Pé--de-vento; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

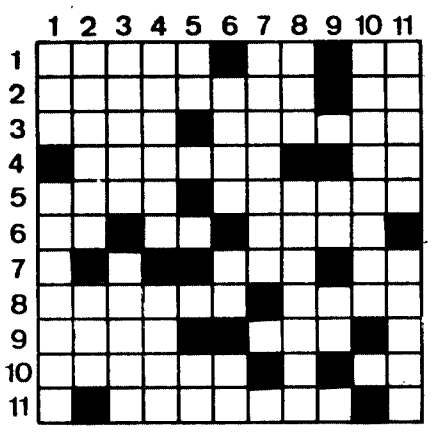
15.00: Meia terde; **16.00**: Rua capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Universidade na Rádio; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entre-Campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Porto belo; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14353



HORIZONTAIS:

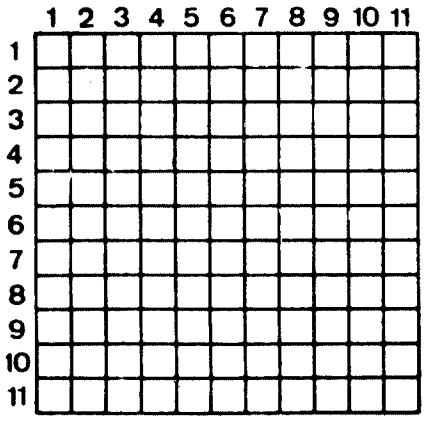
1 Nome de peixe. Preposição. Aqui.
2 Sofriam. Átomo.
3 Forma antiga de Sara (deserto). Acorrento.
4 O mesmo que remela. Sódio (s.q).
5 Fruto do jiloeiro. Deslizem.
6 Preposição e artigo. Cidade da China. Cidade da Colômbia.
7 Rio de França. Batráquio.
8 Nome da ilha de Egina. Freguesia do concelho e distrito de Leiria.
9 Palmeira da Amazónia. Com. Da Bélgica.
10 Rio que separa, ao N. Moçambique do território de Tanganhica. Sua Alteza.
11 Restos mortais.

VERTICAIS:

1 Medida de extensão usada na Índia. Nome de mês.
2 Género de crustáceos. Recusa.
? Campesino. Ilha dos Açores.
4 Guameceu de arames. Naipe das cartas de jogar.
5 Letra do alfabeto árabe. Manuscrito.
6 Valor escrito. Lantânio (s q). Autores.
7 Capital da Síria.
8 Ave pernalta. Região meridional do antigo Congo Belga.
9 O lado do vento (inv). Sua Majestade (inv)
10 O mesmo que ariete (arma).
11 Levam à sirga. Cidade de França.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14103



HORIZONTAIS:

1 Estado da Europa Setentrional ao N da Alemanha
2 Ilha do Estado da Baía Ossos dos braços
3 Transferiram para outro dia. Nome de astro.
4 Em as Irmãos do pai. Níquel (s.q)
5 Sadio Pessoa manhosa.
6 Freguesia do concelho e distrito de Braga Clima.
7 Bário (s.q). Rainha ou princesa hindu. Nome de mulher.
8 Instrumento para atirar setas Efemino.
9 Ligara. Demónio.
10 Imputasse aleivosamente.
11 Alternativa. Maltrate (fig).

VERTICAIS:

1 Antiga cidade de Itália. Rebuçados.
2 Ainda. Cidade de França.
3 Rio da Polónia Prédio
4 Deusa da manhã que abria ao Sol as portas do Oriente.
5 Vila e concelho do distrito de Aveiro. Ferro temperado
6 Estimai. Nome de mulher. Ouro (s.q).
7 Mordidas muitas vezes.
8 Crómio (s q). Ecoa. Tosta
9 Preposição e artigo (pl). Causes amuo a.
10 Devaneador
11 Ligara Rio de Portugal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14352

HORIZONTAIS:

1 A. QUEM. MAL.
2 Vou. Melaram.
3 Amadora.
4 Ralos. Mim.
5 Astro. Noiva.
6 Roer. Sião.
7 Miara. TSF.
8 Variada. Aer.
9 Ira. Rasgo.
10 Vã. Matas. Ut.
11 Empatara. Ea.

VERTICAIS:

1 Avisar. VIVE.
2 O. Somaram.
3 Quarteira.
4 Marrai. Ma.
5 Emalo. Rabat.
6 MEDO. Dão. Ta!
7 Losna. Arar.
8 Mar. Oil Asa.
9 Aramistas.
10 La. IV. SEGUE.
11 Mima. Frota.

PROVÉRBIO: A quem mal vive o medo o segue.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14102

HORIZONTAIS:

1 Cardeal.
2 Ado. Ária. Ce.
3 Lamas. Tar.
4 Omar. Samora.
5 Mar. Redomas.
6 Cu. Iaras.
7 Ocasos. Or.
8 Asa. As. Lu.
9 IV. Rs. Coral.
10 Maçãs. Ios.
11 Aoros. Iroso.

VERTICAIS:

1 Salomão. Imã.
2 Dama. Cavão.
3 Comarcas. Cr.
4 Ar. Usarão.
5 Rãs. SSS.
6 Dr. Seis.
7 Eirada. Açaí.
8 Aa. Moroso.
9 Tomar. Rio.
10 Caras. Laos.
11 Peras. Pulso.

cartaz de cinemas e teatros

"METROPOLIS" — **Nova versão colorida e musical do filme de FRITZ LANG por GIORGIO MORODER. Em exibição no ESTÚDIO 444.**

ALVALADE 897480
Av de Roma

As 14, 16 30, 19 e 21 30
– M. 12 a.
SUBLIME SACRIFÍCIO

ÁVILA 539930
Av Duque d Ávila 92A

As 14 45, 17, 19.10, 21 45 e 23 45
- N. ac men 18 a
NOITES ESCALDANTES
3 ª Semana

AVIS 547153
Av Duque de Ávila, 45

As 15 30, 18 30 e 21 30
– M 12 a
DOM CAMILO

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 13 a.
O LOBO E O CORDEIRO

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16 30, 19 e 21.30
– Para Todos
ROBIN DOS BOSQUES
14.ª Semana

CASTIL 530194
R Castilho

As 14.30, 16 45, 19 e 21.30
– M 6 a
O DESTRAVADO DO TÁXI AMARELO

CINE BLOCO 556824
R Pinheiro Chagas 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24 – Int. men. 13 a.
GATOR, O IMPLACÁVEL

CINE CAMÕES 324194
R do Loreto 15

Às 14 15, 16 30 e 21 30
– N. ac. men. 13 a.
OS PASSAGEIROS DO TEMPO
Um filme de Nicholas Meyer
c/ Malcolm McDowell e David Warner

CINE 222 579460
Av P da Vitoria, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16 30, 19 e 21 30
– M 12 a
SHEENA, RAINHA DA SELVA
Às 24
UM HOMEM E UMA MULHER

CINESTÚDIO LIDO 937593
P. D. João I, Amadora

As 15 30, 18 30 e 21.30
– M 12 a
FRANCES

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a.
007, NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
Realização de Irvin Kershner
c/ Sean Connery e Max Von Sidow

CONDES 322523
Av da Liberdade 2

Às 14, 16 30, 19 e 21 30
– M. 12 a
OS TARADOS DO RIO LOUCO
3.ª Semana

2000 2100055
Av B Voluntários Its 113/4

Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a.
OS COMPADRES

EDEN 320768
P Restauradores 21

Às 14, 16 30, 19 e 21 30
– M. 18 a.
O VIOLADOR
As 24 – M 18 a
OS CINCO CAMPEÕES

ESTUDIO 555134
Al Afonso Henriques 35

As 15, 17, 19 e 21 30
– M. 6 a
OS CAÇA FANTASMAS
15.ª Semana

ESTUDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves 83-B

As 15, 17, 19, 21 30 e 24
– M. 12 a
METROPOLIS
3.ª Semana

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

As 14.30, 16 45, 19, 21 30 e 24
– M 12 a
A MULHER DE VERMELHO

SALA 2
As 15, 18 21 e 23 45
– M 12 a
PARIS TEXAS

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques 35

As 15 15, 18.30 e 21.30
– M 16 a
O MARGINAL

LIDO 937593
P. D. João I. Amadora

Às 15 30 e 21 30 – M 12 a
FRANCES

MONTECARLO 681117
Av Pedro Alvares Cabral 37

As 14.15 16 30 e 21 30
– M 18 a
PROFESSOR NA CAMA

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– M 12 a.
AMOR EM PERIGO
3 ª Semana

ODEON 326283
R dos Condes 12 a 20

Às 15.15, 18 15 e 21 30
– M. 16 a.
ROLF, O MERCENÁRIO
3 ª Semana

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches 122

Às 14, 17.30 e 21 30
– M 6 a.
MÚSICA NO CORAÇÃO

POLITEAMA 326716
R Portas S Antao 109

As 14., 16.30, 19 e 21 30
– Int men. 12 a.
D. CAMILO

QUARTETO 771378
R Flores de Lima 16

SALA 1
Às 14 16 30, 19 e 21 15
– M 16 anos
AOS NOSSOS AMORES
Em complemento
JUNQUEIRA
As 23.45 – M 18 a.
CHINATOWN

SALA 2
As 14 16 30, 19 e 21 15
– M 17 a.
VERTIGO, A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES
Às 23 30 – M. 18 a.
VESTIDA PARA MATAR

SALA 3
As 14 30, 16 45, 19 e 21 15
– M 6 a
O DESTRAVADO DO TÁXI AMARELO
As 23 30 – M. 18 a
BELA DE DIA

SALA 4
Às 15, 17, 19 e 21.30
– M. 12 a.
O CHEFE DE ORQUESTRA
Às 23 30 – M 18 a
TIRO DE ESCAPE

QUINTETO 573407
R Actor Taborda 27-B

As 14.30, 16 45, 19 e 21.30
– M 12 a
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
As 24 – M 16 a
A VIOLAÇÃO

ROMA TEL 727778
Av de Roma 14 M-N

Às 14, 16.30, 18 e 21.30
– M. 12 a.
OS TAXISTAS DO RITMO
2 ª Semana

ROXY 548560
Av Almirante Reis 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 HORAS DA MANHÃ

SÃO JORGE 579144/579344
Av da Liberdade 175

SALA 1
Às 15.30, 18.30 e 21 30
– M. 16 a
O MARGINAL
3.ª Semana

SALA 2
Às 14 15, 16 30, 18.45 e 21.15
– M 12 a.
VIDAS EM JOGO
33.ª Semana

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.45
– M. 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS
9.ª Semana

7.ª ARTE 730715
Av Republica à E Entre Campos junto ao n 63

Às 14 30, 17 19.10, 21 45 e 23 45
– M 12 a
SHEENA, A RAINHA DA SELVA

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro 14-C

As 14 30 16 45, 19, 21.30 e 24
- M 12 a
GENTE GIRA

TURIM 706666
E de Benfica 123 A

Às 14, 16 30, 19 e 21 45
– M 6 a.
CONAN, O DESTRUIDOR
As 24 – N ac men 18 a
MANDINGO

VOX 880808
Av Fr Miguel C Moreira lote 879

As 15, 18 15 e 21 30
– M. 12 a.
SHEENA, A RAINHA DA SELVA

XENON 368480
Av da Liberdade 9

Às 14 15, 16.30, 19 e 21 30
– M. 18 a
NOVA IORQUE, 2 DA MANHÃ

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Estrada de Fogo» às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 – «Imagem Quebrada», às 21 30 (16 anos)
ALFA-3 – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21 45 (6 anos)
ALFA-CLUBE – «Ao Serviço de Sua Majestade», às 21 15 (16 anos)
TERMINAL – «Amor e Perigo», às 21 30 (12 anos)
ZODÍACO – «Encontros Imediatos do 3.º Grau», às 21 45 (13 anos)
LONDRES – «Broadway Danny Rose», às 21 30 (12 anos)
CITY-CINE – «Os Amigos de Alex», às 21.30 (16 anos)
TIVOLI – «Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «Estrada de Fogo» às 21.30 (12 anos))
APOLO 70 – «A Janela Indiscreta» às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO – «Love You», às 21 00 e 23 00 (18 anos)
OLÍMPIA – «A Sexy Espia», sessões permanentes (18 anos)
ESTUDIO ACS – «Meu Ano Favorito», às 21 30 (6 anos)
RESTELO – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (6 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «Arranha-Céus», às 21 30 (13 anos)
PROMOTORA – «O Bando de Tiene», às 21 30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «O Dia Mais Longo», às 21 15 (10 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «A Jovem Assassina», às 21 30 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Os compadres», às 21.15 (12 anos)
CASCAIS – Impala – «Duas Horas Menos um Quarteto Antes de Cristo», às 21.30 (12 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Destravado do Táxi Amarelo», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «Mont' Phyton, o Sentido da Vida», às 21.15 (12 anos)
ALMADA – Academia – «Academia de Polícia», às 21.15 (12 anos)
ALMADA – Incrível – «O Meu Sócio Invisível», às 21.15 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 1 – «A Corrida Mais Louca do Mundo (Parte II)», às 21.30 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 2 – «Comandos», às 21 45 (12 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Babilónia – «O Lugar do Morto», às 21 30 (12 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «O Clã Negro Ataca», às 21.30 (16 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Hammett, Detective Privado», às 21 30 (12 anos)

Porto

TRINDADE – «Os Amigos de Alex», às 21.45 (16 anos)
COLISEU – «A Legião dos Danados», às 21.30 (16 anos)
CHAPLIN – «O Ás dos Ases», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «O Lírio de Manila», às 24 00 (16 anos)
ÁGUIA – «O Destino Bate à Porta», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Vida Privada», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «A Fuga do Inferno», às 21.30 (16 anos)
PASSOS MANUEL – «A Estrada de Fogo», às 21.45 (12 anos)
OLÍMPIA – «Os Salteadores de Atlantis», às 21.30 (16 anos)
BATALHA – «Quatro Punhos Contra Rio», às 21.45 (18 anos)
SÃO JOÃO – «A Mulher de Vermelho», às 21 30 (12 anos)
CHARLOT – «A Mulher de Vermelho», às 21 30 (12 anos)
NUNO ÁLVARES – «A Balada de Narayama», às 21.45 (12 anos)
VALE FORMOSO – «Viva Django», às 21 30 (6 anos)
PEDRO CEM – «Gente Gira», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «A Lua das Mentiras», às 21.45 (13 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «O Estado das Coisas», às 21.45 (12 anos)
FOCO – «A Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)

farmácias

Lisboa

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T 638256); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av dos Estados Unidos da América, 16-B (T 885859); **ANJOS - RUA MARIA ANDRADE: Renascença**, R Damasceno Monteiro 104-A-B (T 831504); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av Marquês de Tomar 20-22 (T. 544995). **ENCARNAÇÃO: Zira**, P das Casas Novas, lote 66 (T 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos**, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T 572076); **JANELAS VERDES: S. A. E. Silva Filhos**, R de São João da Mata 72-74 (T 661010) **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T 791131); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araujo 46-B (T 841708); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R Conde de Monsaraz, 17-B (T 842533); **PICHELEIRA: Mariuz**, C da Picheleira, 140-B-C e R Prof Mira Fernandes, MAF (T 880703); **RATO: Soares** Av Álvares Cabral, 1 (T 684282). **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E de Benfica, 373-B (T 780548). **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T 990122); **ODIVELAS: Monserrate**, R Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T 9811139); **PONTINHA: Leitão Ribeiro** R A do Falcão 3-A (T 993912)

REFORÇO

ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja, 9-D (T 891780) **AREEIRO: Central do Areeiro**, Av de Paris, 2-2-A (T 880820); **BAIRRO ALTO: Azevedo Irmão & Veiga**, R da Misericórdia, 24 (T. 323540). **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE - Prazares, Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667). **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R General Taborda, 17 (T. 680304). **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **MARQUÊS DE POMBAL -PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T 547385); **OLIVAIS SUL: Marta**, R Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T 333696); **SAPADORES: Zema**, R General Justiniano Padrel, 21-A (T 832580); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R António Ferro, 6-A (T 970660). **OLIVAL BASTO: Nova**, R dos Açores, 11-A (T 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T das Prioras (T. 2519939)

Linha de Cascais

ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146 (T. 2104556). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R.D. Diogo Couto, lote 182 (T. 419697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalno**, B Padre P Correia, 4 (T. 2690363) Até às 22 horas, **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R.D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas, **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T 247723). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. de Sabóia, 29 (T 260085) Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av da República, 87-A (T. 2471204) Permanente; **MURTAL: Primavera**, R das Parreiras, 2 (T. 2472278) Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani; MADORNA: Madeira**, R A (T. 2476326) Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 66 (T 280214). Permanente.

Outra Banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21 (T. 2750076). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401066). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J Fernandes, 17 (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E Nacional, 178-B (T 2040302). Até às 19 horas, **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133) Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Guamão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T 234100) Até às 19 horas; **SETÚBAL: Marques**, R Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783) Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T 22216). Permanente; **Tavares da Silva**, R das Gaivotas, 68 (T 29316) Até às 22 horas

Linha de Sintra

AMADORA: Cavaca, R Elias Garcia, 209 (T 930019) Permanente; **Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T 972530) Até às 22 horas. **DAMAIA: Damaia**, P Alexandre do Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas: **QUELUZ: Correia**, L do Mercado, 3 (T 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Catujal Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E de Paço de Arcos, lote 1-B (T 9240781) Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T 9212038) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R Abade Faria, 2-A (T 9215275). Até às 22 horas: **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 horas; **SINTRA: Tereza Garcia**. Permanente; **COLARES: Abreja** (T 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 980456). Permanente.

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

Porto

LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MÚDUOS, R. do Bonjardim, 286; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo dos Mártires da Pátria, 122; **BORRALHO**, Av. Fernão de Magalhães, 692; **CORREIA**, P. Mouzinho de Albuquerque, 78; **MATOS**, R. de Bordeaux, 184, Viso.

COIMBRA

NAZARETH, R. Ferreira Borges, 135-139 (T. 22605); **MACHADO**, R Bernardo de Albuquerque, Celas (T 23767); **RAINHA SANTA**, R Figueira da Foz, 11-B (T 24737).

teatros

TRINDADE – «Crisântemos e Malmequeres», às 21 30 (12 anos)
CAFÉ CONCERTO – «Proibido», às 24.00 (18 anos)
VASCO SANTANA – «O Último Acto», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Não Batam Mais no Zezinho», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
TEATRO IBÉRICO – «A Celestina», às 21.30 (13 anos)
ABC – «E a Lata Continua», às 20.30 e 23.00 (16 anos)
D. MARIA II – «Fígados de Tigre», às 21.30 (12 anos)
MARIA MATOS – «Vidas Intimas», às 21 45 (13 anos)
A BARRACA – «Santa Joana dos Matadouros», às 21 30 (13 anos)
BAIRRO ALTO – Cornucópia – «O Parque», as 21 00 (13 anos)
CASA DA COMÉDIA – «Eva Perón», às 21 30 (18 anos)
COMUNA – «Para Onde Is?», às 21 30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Ubu Português, 2002, Odisseia no Terreiro do Paço», às 21 30 (13 anos)
VARIEDADES – «Boeing, Boeing», às 21.45 (12 anos)
VILLARET – «Super-Silva», às 21.30 (12 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – Grupo de Campolide – «Réus e Juízes», às 21.30 (13 anos)

PORTE PAGO

DL

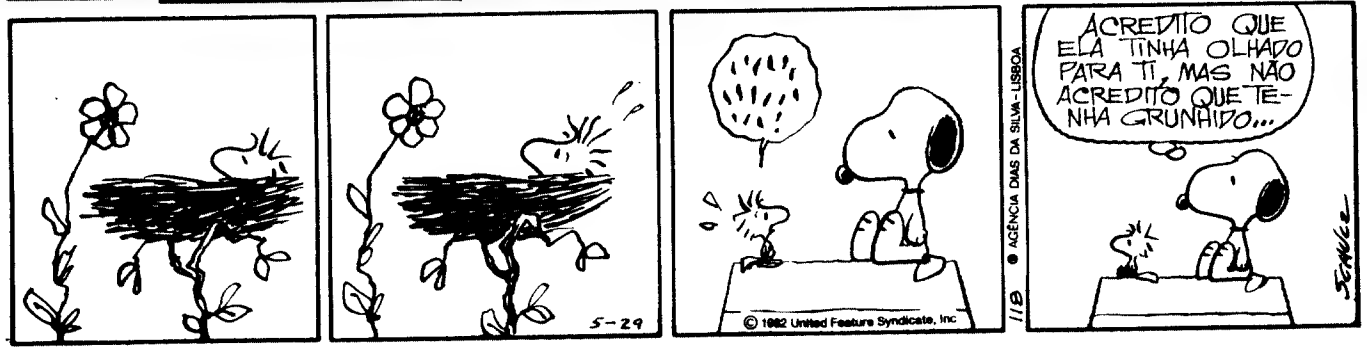
Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Portaria: 321154 – Redacção: 320271/2/3
Preço do «DL» na Madeira: 40$00

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12368 LISBOA PORTUGAL

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.08	4,0 m	0 29	1,2 m
19 39	3,7 m	13.05	1,3 m
Dia 12			
8.05	3,7 m	1.26	1,5 m
20.43	3,5 m	14.07	1,6 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	15º
BRAGANÇA	10º
VILA REAL	12º
PORTO	14º
COIMBRA	15º
CABO CARVOEIRO	15º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	15º
ÉVORA	13º
BEJA	14º
FARO	16º
SAGRES	16º
PONTA DELGADA	15º
FUNCHAL	15º

Incidente com um DC-8 descobre encomenda...

Munições de fabrico português vendidas ao Exército do Sri Lanka

Encontra-se desde ontem na capital do Sri Lanka o avião do Zaire Airways que transportava munições de fabrico português para Colombo e que esteve retido durante 24 horas no aeroporto da cidade indiana de Trivadrum, em cujas pistas aterrara, de emergência, por falta de combustível.

O aparelho, um DC-8 de propriedade de uma companhia privada zairense, efectuava um voo de Amã (na Jordania) para Colombo (Sri Lanka) quando a sua tripulação se viu obrigada a aterrar em Trivandrum, no sul da Índia. Eram 13 e 30 locais (8 e 30 de Lisboa).

Após a aterragem, o DC-8 foi retido e vistoriado pelas autoridades indianas enquanto a tripulação do aparelho – dois britâncios, um belga e um zairense ou sírio, segundo as versões contraditórias veiculadas pela Imprensa local – se alojava num hotel da cidade. Contactado pelo telefone a partir de Nova Deli, o engenheiro de voo revelou à Associated Press que o avião transportava caixas de munições para o Exército do Sri Lanka e que foi, na verdade, obrigado a uma aterragem de emergência, por falta de combustível.

O engenheiro de voo esclareceu que a tripulação do aparelho trabalha para uma companhia privada chamada «Zaire Cargo», com sede em Kinshasa. «É um voo oficial», disse aquele tripulante à agência de notícias AP. E, concluiu: «Não é um voo terrorista. Temos documentos oficiais. Todas as caixas têm a inscrição para o Exército do Sri Lanka».

A agência noticiosa indiana UNI, citando fontes oficiais não identificadas, havia dito que o avião estava cheio de armas e munições de fabrico português. Esta versão foi desmentida pelo engenheiro do DC-8, que disse que o aparelho só transportava munições.

O incidente com o avião zairense correu no mesmo dia em que em Nova Deli o ministro da Segurança Nacional do Sri Lanka, Lalith Athulathmudale se encontrou com o primeiro-ministro indianao RajivGandhi e com quem travou conversações sobre o conflito étnico no Sri Lanka e o seu impacto nas relações bilaterais. Recorde-se, que o governo cingalês tem procurado ajuda estrangeira para combater a guerrilha tamila, que luta pela independência de uma parte do norte da ilha. A minoria tamil é igualmente forte no sudeste da India, de onde recebe apoio. As autoridades indianas temeram que o material de guerra transportada no avião seja utilizado pelo Exército do Sri Lanka contra a minoria tamil do norte da ilha, ligada, afinal, por laços de sangue e culturais com o o povo tamil que habita também o sul da Índia.

Esta manhã o «DL» tentou saber junto do Estado Maior General das Forças Armadas se as autoridades militares portuguesas tinham conhecimento da encomenda destinada ao Sri Lanka. O oficial do departamento das Relações Públicas informou o nosso jornal, que encomandas de material de guerra não passam pelo CEMGFA. Qualquer assunto desta natureza passa, sim, pelos serviços competentes o Ministério da Defesa Nacional. Contactado este departamente governamental, o «DL» nada conseguiu apurar, apesar de o responsável pelo departamento das relações públicas prometer informar o nosso jornal ainda durante manhã. Até ao fecho da edição não havia chegado resposta às nossa pergunta.

Mais um volume para o Livro Negro sobre o Fascismo

"Legislação repressiva e antidemocrática do regime fascista" apresentada hoje

A Comissão do Livro Negro Sobre o Regime Fascista apresentou esta manhã à Imprensa mais um volume, o 14.º, intitulado «Legislação Repressiva e Antidemocrática do Regime Fascista».

Como se pode ler na introdução, «a legislação produzida pela «Ditadura Militar» e pelo «Estado Novo» caracteriza uma política antidemocrática, de repressão política e social, que deliberadamente ignorou os direitos do homem e do cidadão. Com a publicação deste volume pretende-se pois chamar a atenção dos estudiosos e dos cidadãos para a legislação que o regime, ao longo dos anos, foi promulgando e para as próprias instruções internas dos diversos sectores da administração do «Estado Novo».

Este volume está dividido em duas partes. A primeira, é composta por uma sinopse cronológica da principal legislação repressiva e antidemocrática do regime fascista; a segunda, por 41 documentos (decretos e leis) que vão desde 29 de Novembro de 1926 e 24 de Novembro de 71.

Como José Magalhães Godinho lembrou, uma das características do regime fascista foi a «de mascarar com a legislação aquilo que era, no fundo, a ilegalidade», pois «não é legal aquilo que se faz contra os direitos fundamentais dos cidadãos».

Este volume não recolhe, logicamente, toda a legislação repressiva e antidemocrática do regime fascista. Por isso, outros volumes se seguirão, como resultado do trabalho da Comissão que, como frisou Piteira Santos, «trabalha na base de voluntariado político consciente», sem receber qualquer remuneração como é desejo expresso dos seus membros.

Voltando à introdução deste volume: «A legislação que constitui a cobertura jurídica do Estado ditatorial fascista é numerosa e prolixa. Desde 28 de Maio de 1926 a 25 de Abril de 1974, o cidadão português esteve privado dos seguintes direitos fundamentais: de liberdade de expressão do pensamento, sob qualquer forma; de liberdade de reunião e de associação; de se organizar livremente em partidos políticos ou organizações sindicais; de se defender; de circular livremente; de exercer a profissão de sua livre escolha e de trabalhar; de poder pedir aos governantes contas dos seus actos; de eleger e ser eleito; de participar na vida política nacional e na administração local através de representantes por si livremente escolhidos».

Por outro lado — lê-se ainda na introdução deste volume — «é certo que a Constituição ('plebiscitada' em 1933 e posteriormente objecto de revisões que neste particular a não modificaram), enunciava também no seu Art.8.º esses direitos. Mas a verdade é, também que o §2.º desse mesmo artigo logo estatuía que leis especiais regulariam o exercício da liberdade de expressão do pensamento e de reunião e associação. Quanto ao direito ao trabalho, dispunha a Constituição que ele se exerceria nos termos que a lei viesse a perscrever. Ora isto significou que os governos da ditadura militar e do Estado Novo legislaram não no sentido de possibilitar o exercício eficaz desses direitos, mas sim em ordem a impedir que eles fossem efectivamente exercidos».

Este 14.º volume da Comissão do Livro Negro Sobre o Regime Fascista, que será enviado gratuitamente para todas as bibliotecas, escolas, câmaras municipais e associações, terá, nas livrarias, o preço de 390$00, muito abaixo do seu custo real. Além de José Magalhães Godinho e Piteira Santos, estiveram presentes na conferência de Imprensa Teófilo dos Santos, César de Oliveira e Maria Emília Tito de Morais.

Defendido o reforço da cooperação entre Portugal e os países africanos

O reforço do papel de Portugal em conjunto com os países africanos, na realização de projectos de investigação científica em África doi recomendado ontem pelos participantes num encontro patrocinado pela Secretaria de Estado da Cooperação.

O encontro, que decorreu este fim-de-semana, num hotel da linha de Cascais, contou com a participação dos embaixadores em Lisboa, de Cabo Verde, Guiné-Bissau. Moçambique, São Tomé e Príncipe, Zâmbia e Zaire e de representantes de todas as universidades das principais faculdades portuguesas.

A reunião tinha como objectivo discutir a importância da investigação científica em ciências sociais e humanas para a cooperação portuguesa com os países africanos.

Outra das conclusões do encontro refere a «importância da língua portuguesa» e alerta para a «urgência de elaboração de obras fundamentais de referência, adequadas às necessidades dos países africanos de língua oficial portuguesa.

O secretário de Estado da Cooperação, Gaspar da Silva, disse «ser um erro pensar na cooperação numa perspectiva economicista», defendendo antes a sua abordagem sob o prisma cultural».

Clima de confiança na candidatura Pintasilgo

A ex-primeiro-ministro Maria de Lourdes Pintasilgo realçou, ontem, em Coimbra, «o clima de grande confiança» que existe em relação à sua eventual candidatura às eleições presidenciais.

Em declarações no final de uma reunião com a comissão de sua candidatura de Coimbra salientou que «existe um clima de esperança capaz de vencer a descrença da actual conjuntura».

Maria de Lourdes Pintasilgo reuniu em Coimbra com a comissão de apoio à sua candidatura e também com cerca de cem apoiantes.

Uma fonte da comissão disse à ANOP que Maria de Lourdes Pintasilgo admitiu a hipótese de «reconsiderar a sua candidatura se aparecer uma alternativa no seio do projecto em que se insere».

Frisou, no entanto, que «existe uma grande confiança na dinâmica já em marcha e conducente à formalização da sua candidatura».

Foi a primeira reunião da comissão com Maria de Lourdes Pintasilgo.

Secretário-geral do CDS quer Lucas Pires para Primeiro-Ministro

O secretário-geral adjunto do CDS, Carlos Móia, afirmou ontem em Fafe, referindo-se a Lucas Pires, que «só há um líder com visão política e que ainda não foi Primeiro-Ministro».

Aquele dirigente centrista que falava num encontro de militantes do CDS para a inauguração da sede deste partido em Fafe adiantou que «depois da trágica morte de Francisco Sá Carneiro o País tem assistido a um desfile quase ininterrupto de Primeiro-Ministros cujos Governos não governam porque a Constituição não o permite».

Acrescentou que «só há uma alternativa válida de mudança» e que «só há um partido que pode dar garantias das alterações mais convenientes e prementes da Constituição».

Carlos Móia concluiu a sua intervenção afirmando que «quando os portugueses quiserem, o CDS e Lucas Pires serão, finalmente, o caminho do futuro».

Autarcas

A Assembleia Geral da Associação Nacional dos Autarcas Centristas e Democratas-Cristãos (ADC) elegeu ontem no Porto os seus delegados ao Congresso do CDS, marcado para o fim do mês em Aveiro.

Na mesma reunião foram aprovadas alterações aos estatutos e o relatório e contas da actividade da associação entre Abril e Dezembro do ano transacto (a associação foi criada em Maio de 1981, mas esteve inactiva até Abril de 1984).

O presidente da Câmara de Lisboa, Nuno Abecasis, voltou a ser eleito para a presidência da mesa da assembleia geral.

Os autarcas centristas reunidos no Porto aprovaram ainda uma proposta de estruturação administrativa e os regulamentos eleitoral e de disciplina da associação, propostas pela direcção interina, de que é presidente Joaquim Rocha dos Santos, também presidente da Comissão Política Distrital do Porto do CDS.

A assembleia geral elegeu também os delegados da ADC ao Conselho Nacional do CDS.

O porta-voz da ADC, Mário de Figueiredo, disse que na reunião foi aprovada uma moção a ser apresentada ao Congresso do CDS, com oito ponntos, entre os quais destacou o que afirma a necessidade de «perfeita definição da actividade do partido no relacionamento com os Institutos Fontes Pereira de Melo e Amaro da Costa e com a ADC».

Os autarcas – acrescentou – pronunciaram-se por um candidato à Presidência da República «que seja o garante dos valores do humanismo personalista, que actue no País com isenção e coerência e prestigie internacionalmente a pátria portuguesa».

Juventude Centrista

A Federação de Braga da Juventude Centrista considerou domingo «antidemocrática» a decisão do Conselho Nacional da JC que impõe a disciplina de voto aos jovens centristas delegados ao Congresso do CDS, a realizar em Aveiro.

Uma fonte da JC disse que os jovens centristas de Braga pretendem apelar ao não-acatamento da decisão, caso esta não seja revogada.

A decisão foi aprovada por unanimidade na assembleia da Federação de Braga da JC, que ontem se reuniu.

Na assembleia, foi também aprovada, por unanimidade, uma moção onde é manifestado «total e inequívoco apoio» a Lucas Pires, como líder do CDS.

Paulo Jorge Lopes foi eleito por escrutínio secreto, delegado da Federação da JC de Braga ao congressos dos centristas.

João Ruella Ramos morreu há 13 anos

Passa hoje o décimo terceiro aniversário do falecimento do dr. João Ruella Ramos, antigo presidente do Conselho de Administração da Renascença Gráfica, empresa proprietária do nosso jornal.

Para evocar a efeméride, a família do extinto manda celebrar uma missa de sufrágio, esta tarde, pelas 18 horas e cinquenta minutos, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora – Salesianos (aos Prazeres).

HANS HOLBEIN: PRIVILÉGIOS DO RETRATO

Pág. 6

sete ponto sete

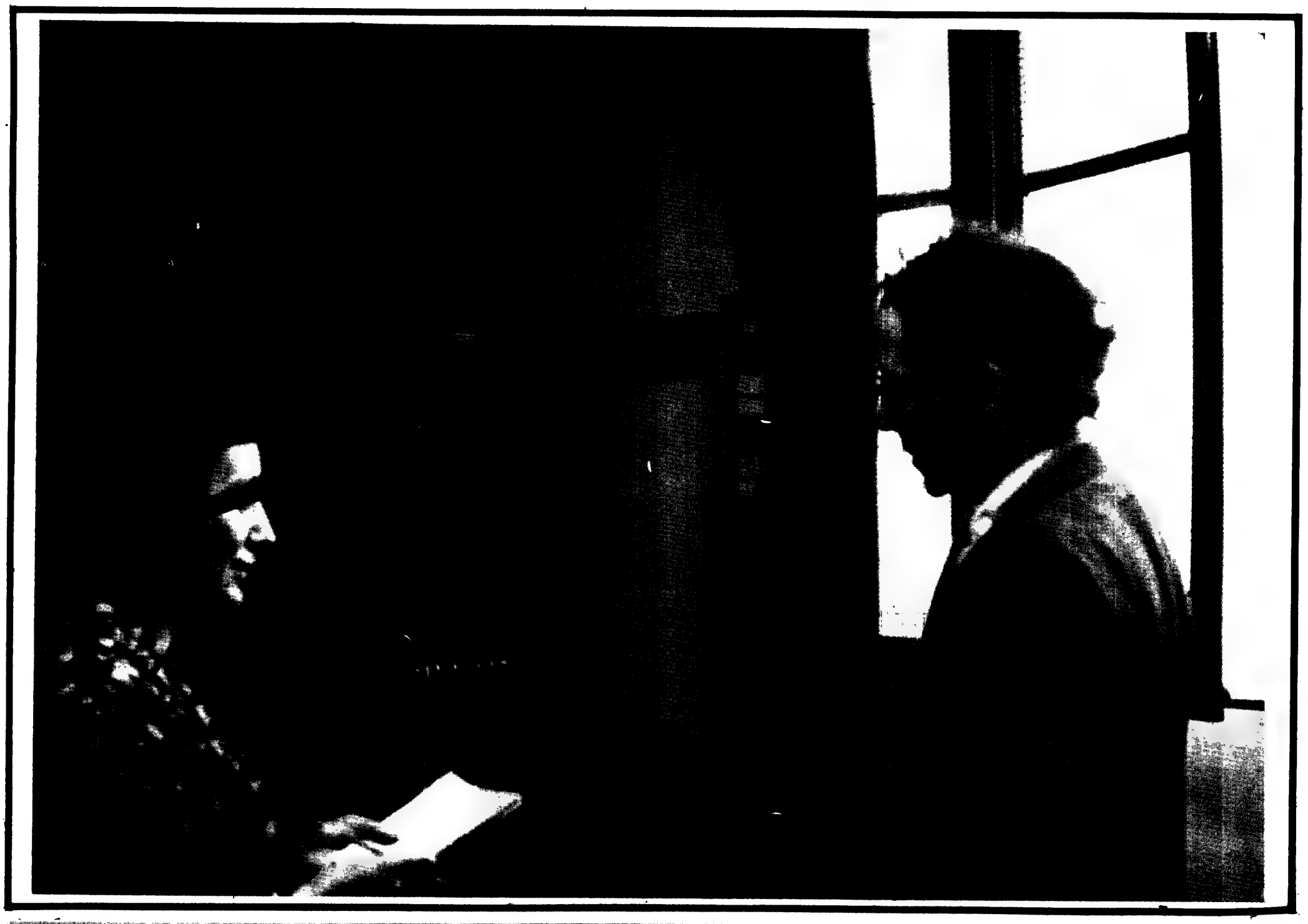
PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

Destaque: ESQUIZO FONIAS

Págs 4 e 5

A propósito de «Je vous salue Marie»

ENTREVISTA COM GODARD



MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 8

ENTREVISTA COM JEAN-LUC GODARD

Myriem Roussel em «Je vous salue Marie»

Deixar dormir a Bela Adormecida

ALAIN WAIS

— O Jean-Luc Godard transpôs Maria para a nossa época; ela é jogadora de basquete. Porque não ter apostado a fundo pondo-lhe na cabeça um Walkman e tocando música rock?

— Coloquei, não transpus. Dito isto podemos tomá-la como quisermos. Talvez seja uma rapariga que conta esta história, mas ela tem suficiente imaginação para a contar. O director da Gaumont vê o filme assim: uma rapariga fala ao seu amigo, inventando uma bela história. Com o rock seria demasiado naturalista. Não se tratava de a fazer moderna, há pequenas equipa de basquete totalmente provincianas. Para mim o basquete era o corpo. Aí, parecia-me que era necessário uma música clássica. O arquétipo é Bach, todos o conhecem. É o único músico que se pode tocar do princípio para o fim ou do fim para o princípio, o som é quase o mesmo. O que é raro. Também deve haver músicos de jazz. Quando se faz filmes de amador põe-se muitas vezes Bach, porque em dada altura se encontra sempre um sincronismo com qualquer coisa, quer se trate de um desafio de boxe ou de uma história de amor

— No cinema diz-se muitas vezes que a imagem deve seguir aquilo que foi dito. Consigo temos a sensação de que é a música que tem ligação com o que foi dito e a imagem que tem ligação com a música.

— Sim, há uma série de ligações. Como num filme em que disséssemos que não há imagem, só a ligação entre uma e outra. Como a música de Mahler que é simples passagem. Gosto da música que me deu a impressão de o ser, a música que inspirou, que fez com que os outros trabalhassem. Um pouco como os matemáticos que criam aberturas através das quais se pode fazer outra coisa. Mas eu não conheço muito bem, não ouço muita música, mesmo quando agora ela é importante nos meus filmes. Ela faz parte do cenário, se assim se pode dizer, da história. Praticamente ela veio muitas vezes antes da imagem. Em Prénom Carmen também. Não tenho ouvido musical mas, tecnicamente, gosto de fazer misturas. Há decerto momentos que corrorisariam os maestros; corta-se, passa-se de um momento para o outro, de uma música para outra, como se ouvesse uma luta. Eu faria concertos assim; duas músicas, duas orquestras para dirigir. Gosto da música que não faz cinema. As pessoas têm o hábito da música, das palavras, dos efeitos. Para mim quase tudo está em duas filas e passa-se de uma para a outra.

— Há uma espécie de música negra que se chama soul (alma) e diz-se que a música é o meio mais rápido para chegar a Deus, que são os músicos quem está mais perto dele. Que pensa disso?

— Não vejo tanta diferença em tudo isto, são simples momentos diferentes, meios. Este é um filme onde era preciso inventar um certo número de palavras. Sabe-se o que elas foram. Há minutos do processo de Joana d'Arc. De Maria conhecem-se três palavras. Ela deve ter dito outras. É absolutamente natural, ela existiu, todos se lembram. Ela deve falar a José. E ao mesmo tempo há uma espécie de outra palavra de que a música deve dar-se conta, e que essa outra palavra não seja demasiado comédia musical.

— No filme, Maria pergunta se a alma tem um corpo. O médico responde-lhe que é o corpo que tem uma alma. Pensa que a música tem uma alma ou é o contrário?

— Penso, sim, que a música tem uma alma que toma corpo. É essa justamente a sua força. Estar perto da religião. É depois preciso persuadir as pessoas de que foram as almas que tomaram um corpo, persuadir a actriz de que ela tem uma alma e que a alma não é uma luzinha, uma chama, que é preciso mostrar que há algo por trás dela. É exactamente o contrário. Maria nunca foi tratada. Não é Carmen é simplesmente uma ideia. É preciso fazer acreditar um pouco nela e sempre que isso acontecia era preciso parar porque isso se transformava. Não se acreditaria nisto no cinema, as pessoas diriam «não, isto não pode acontecer». Enquanto que, se se acreditasse um pouco dir-se-ia «sim, isto pode acontecer». Pessoas fazem um filho. Isso passa por um curto-circuito que fabrica uma corrente e que se torna um corpo.

— E você acredita nisso?

— Creio que pode ter acontecido, sim, em absoluto. Creio que isso acontece em dado momento entre uma rapariga e um rapaz. Se se ambicionasse isso talvez fosse mais fácil, mas estamos longe. Os actores e os técnicos não se deram conta de tudo aquilo de que tratavam. Estavam de boa-fé, mas a sua fé não é muito praticante. Digamos que a sua boa-fé, seja ela qual for, não é muito trabalhada. Por fim, talvez tenham acreditado na Imaculada Conceição, o que é um louco pecado de orgulho. Mas é típico do cinema, que é um local onde não se faz nada e onde se tem glória. Numa época de desemprego, que maravilha!

— É muito duro para com as pessoas que trabalham consigo.

— Levaram-me a isso. Porque não se vai até ao fim das coisas. Eles ainda são mais duros. Não é com eles que eu sou duro. Ser duro para com eles, seria não lhes pagar, metê-los na prisão. Não se pode comparar com o que se passa na Áfri-

A criança, a virgem

Há já uma dezena de anos que Anne-Marie Miéville e Jean-Luc Godard escreveram, produziram e até realizaram vários filmes em conjunto. Desta vez cada um tratou em seu: **Le livre de Marie,** de Anne Marie Miéville (trinta minutos) e **Je vous salue, Marie,** de Godard (um pouco mais de uma hora). Não se trata de um programa em associação mas uma obra singular. A parte da realizadora constitui um prólogo à inspiração e ao trabalho do realizador. Se separarmos os dois, eles existem, claro está, separadamente. No entanto, neste caso, não se tem a mesma visão, o mesmo sentido.

Le livre de Marie começa por planos fixos, enquadrados como quadros de pintores: uma janela aberta junto ao lago Leman, com os varões da varanda, um ramo de flores, frutos numa compoteira sobre uma mesa, um candeeiro aceso, um móvel, em suma, uma sequência de «naturezas mortas» que acabam por formar um interior burgês. Aí, Bruno Cremer e Aurore Clement fazem censuras, dizem coisas desagradáveis sobre o seu casal em falência, o seu amor falhado. Estão à beira do divórcio. Rebecca Hampton é a sua filha Maria. Tem onze anos. Vai ser preciso que admita a separação do pai e da mãe. E como a infância é menos inocente do que se diz, Maria compreendeu tudo.

Anne-Marie Miéville filmou, em planos abafados, género «salas familiares» as reacções dessa rapariguinha. Durante uma discussão dos pais ela vê, na televisão, uma cena do **Mépris** e isto não é um piscar de olho aos cinéfilos. A situação de Michel Piccoli e de Brigitte Bardot nesse antigo filme de Godard é como que um recorte da de Bruno Cremer e de Aurore Clément. Maria não é definida, descrita por grandes planos. Ela inscreve-se entre o seu meio ambiente, a câmara mantém-na à distância. Maria fala. Ela tem os seus próprios discursos (às vezes uma espécie de jogo) para evitar aquilo que não quer ouvir. É uma criança enérgica: curar-se-á do divórcio. Mas quando sofre, dança o seu desgosto numa música de Mahler, improvisa a coreografia dos seus sentimentos. É soberbo. A relação com a mãe mantém-se estreita. Quando se lavam, juntas, na banheira, sente-se o calor afectivo desses dois corpos femininos. E é a mãe que faz notar a Marie[1] que as letras do seu nome querem dizer «amar».

Depois desta palavra começa o filme de Godard. Também ele tem a sua Maria. Uma adolescente, uma jovem, (Myriem Roussel). Filha do dono de uma bomba de gasolina, ela está, ao que parece noiva de José, motorista de taxi (Thierry Rode). Um tipo chamado Gabriel (Philippe Lacoste), levando ao lado uma garota que lembra a Zazie de Queneau[2] (Manon Andersen) faz-se conduzir por José à bomba de gasolina e, diante dele, anuncia a Maria que ela vai ter um filho. De quem? **«Sabe muito bem»,** diz Gabriel, ou qualquer coisa assim. Maria não conheceu nenhum homem (no sentido bíblico).

Esse anúncio feito à virgem é o princípio da reflexão de Godard sobre o nascimento de uma criança que será Jesus. Como é que nas proximidades do ano 2000 se pode encarar este mistério de que nasceu a religião cristã? Sabe-se que Godard está sempre atento aos fenómenos da sociedade, às mudanças que se anunciam. A biologia permite agora às mulheres ter filhos sem relações sexuais. Mas neste terreno a virgindade não tem lugar. Então, paralelamente à situação de Maria, Godard regista as teorias, as hipóteses de um professor (Johann Leysen) sobre as origens da vida. Deve haver qualquer poder superior, talvez os extraterrestres. Portanto a ciência não explica tudo. Este professor tem uma ligação com uma das suas alunas, Eva ou Eve, tanto faz, a mulher do pecado em relação a Maria, pelo menos é claro e nítido e o propósito intensifica-se.

Como um músico compõe

Maria está grávida, e claro que José reage como um homem de hoje, enganado, com ciúmes sexuais. Acusa a virgem de ter amantes. **«Espero, por ti, que tenham pénis grandes».** A linguagem não se prende com perífrases, e, tal como conhecemos Godard, ele nada fará para atenuar as provocações verbais, a que podem juntar-se os gags buñuelianos das cenas finais que dizem respeito a Jesus criança.

Ora tudo isto deve ser colocado no contexto geral do itinerário fixado por Godard às suas personagens. Não esqueçamos que ele começa na palavra «aimer» na qual se incarnava a pequena Maria de Anne-Marie Miéville. Nela havia a situação prosaica de um casal desfeito, a educação de uma criança com os problemas dos adultos. Ora amar é, para a virgem de Godard, o princípio essencial da existência, e o incrível acontecimento que ocorre na sua vida, no seu corpo, vai dar-lhe a missão de um amor do qual, ela própria o diz, só tinha a sombra. Maria está em luta com alma que, literalmente, tomou corpo em si. Mesmo repreendida, sacudida por Gabriel (este não perde ocasião de se fazer notar), José é incapaz de se colocar à altura do amor irradiado por Maria.

Reconhece-se aí o velho mal-entendido dos homens e das mulheres no cinema de Godard, mas ele toma partido pela mulher, essa mulher Maria, a eleita, a portadora da alma. Nunca mostrara com tanto fervor como neste filme, a beleza de um corpo feminino nu. Be-

e o amor

Jacques Siclier

leza espiritual, entenda-se, e não erótica. As poses de Myriem Roussel, no écrã, são castas, mesmo quando em intimidade sem véus. Dir-se-ia que Godard se inclina perante um mistério, que encontrou a força devida das origens de que o seu professor, ligado a Eve, estava vagamente consciente para realçar um discurso universitário.

Anunciado pelo **Livre de Marie** — é necessário insistir nisso — **Je vous salue, Marie** é um filme místico sobre o amor e o sagrado, inacessíveis aos seres vulgares (daí estas palavras grosseiras, essas brincadeiras sobre o tema religioso) que são muitos no mundo contemporâneo. Godard não arma em espírito superior. Ele descobriu o sentido profundo da palavra amar, a dádiva feita pela alma à carne. Se lhe acontece citar, no momento da «Natividade», uma frase de Pickpocket de Robert Brensson, é em Dreyer que alguns planos, alguns enquadramentos, fazem pensar.

Ora em Godard as influências nunca são simples nem evidentes. O cineasta, que se divertia a aldrabar a gramática cinematográfica, a misturar as imagens e a montagem com um prazer masoquista, mudou depois de **Sauve qui peut (la vie). Passion** e **Prénom Carmem** mostraram que ele filmava agora, tal como um pintor pinta e como um músico compõe. Este duplo movimento, pictórico e musical, atinge uma espécie de plenitude em **Je vous salue Marie,** obra cinematográfica admirável, que se terá, sem dúvida, tendência — quantas polémicas em perspectiva! — para reduzir ao seu tema.

A organização plástica das imagens e o seu ritmo não se deixam levar pelos dados do acaso.

Os fanáticos de Godard nunca quiseram ver os seus defeitos. Aqui, a menos que não se aceite a reflexão sobre a Imaculada Conceição, não há defeitos. Há um domínio que se renova, uma maturidade que deixa que as cordas sensíveis de um homem a atravessem. Há o hino ao amor à mulher «habitada».

E Godard aproxima-se de vez em quando de Anne-Marie Miéville com a utilização de planos fixos, aqui quadros do mundo: campo de flores amarelas, pôr do sol num céu infinito, passagem de um avião que podia ser o veículo do espírito divino, por sobre uma floresta de árvores e de pilares metálicos. E por que não imaginar, ao fim e ao resto, que a pequena Maria do primeiro filme, se torna a grande Maria de Godard, predestinada pela sua infância? A obra prende-se a este nome que quer dizer amar, ao destino de uma mulher que, nestas paisagens e cenários suiços que Godard parece reinventar à medida das suas ideias sobre o cinema, tem em si a vida do Universo.

(1) N. do T. — Marie, aimer em fracês.
(2) Zazie dans le métro

Rebecca Hampton em «O Livro de Maria»

ca do Sul, no Líbano do Sul e, no entanto, falam-nos assim. Não são bebés mas temos que os considerar como bebés. Há um grande esforço mesmo no que lhes diz respeito, concordo. Não sei ouvir os bebés mas compreender, podem mostrar-me como fazer. Na criação, no parto, há coisas semelhantes e, nesse momento, claro que dou atenção, mas também é preciso que os outros se interessem pela criação num dado momento. Se não, claro que se é demasiado duro, insultamo-nos uns aos outros. A coisa em que vou bater e que deve ser um pouco falsa é o exemplo desportivo. Uma equipa da primeira divisão, que treinasse, não faria um tostão. Pelo contrário, no cinema, podem não o fazer, porque a indústria inventara que se fazia cinema mesmo quando não se fazia. Antes de filmar **Enquanto houver homens,** Sinatra teve de suplicar para fazer provas. Hoje não é Depardieu que vai suplicar o que quer que seja, ele está certo de ter o papel, Sacha Guitry ensaiava? Sim, toda a vida representou todas as noites. Na sua maneira de ser com as mulheres, os criados, os fornecedores, ele fazia sem cessar peças de teatro. Resta, portanto, esse trabalho, e onde fazê-lo? Somos como os desportistas que não treinam.

— Você também ensaia?

Constantemente, mas sozinho. Não tem o menor interesse. Tornamo-nos demasiado duros, exageramos, vivemos com defeitos. Gentilmente Myriem não se conta. Não houve prazer e eu não soube dar-lho. Não pode haver prazer em bater numa bola antes de dizer uma frase. Isto não tem que ser explicado, só um poucochinho, mas a explicação é válida dois dias, no terceiro ela estará sozinha com a sua bola.

— Conseguir fazer crer que o actor sabe pegar numa bola mesmo que nunca lhe tenha pegado não será muito para o realizador, para o director de artistas?

— Isto é feito por duas ou três pessoas. É então preciso um ponto comum. O melhor treinador não conseguirá nada do desportista que não quer fazer nada. Não se trata de um diálogo a dois, ele deve também passar pelo écrã. Tenho a impressão de que nos nossos dias muita gente de cinema quer ter o prazer de descer a montanha tendo recebido, não se sabe por que mistério, a sua subida. Subir de teleférico e descer a pé é um truque de turistas. O que me aborrece com as pessoas é quando lhes digo: **«Tu não sabes beber uma chávena de café,»** e me respondem: **«Diz antes que eu sou uma besta. Não, não me faças dizer o que eu não disse. Tu não sabes beber este café, mas, vejamos».** Ou então calam-se e abandonam o palco ou dizem que eu sou impossível. Quando, se virmos qualquer lição de Einsenstein ou de Michel Bouquet da Comédie Française, verificamos que ele pode levar três horas a mostrar como se bebe uma chávena de café. Os actores queixam-se muitas vezes de eu utilizar um método mais documentarista, aproveitar as suas coisas, e então dizem **«Ele rouba-nos».** Se estivessem na escola primária obrigavam-nos a fazer a cópia desde o princípio. É difícil. Um actor e só actor. É preciso ter dons enormes, ou então o prazer de criar, de aprender.

— Mas o espectador dará atenção à maneira como o actor bebe uma chávena de café?

— Efectivamente,, e é um pouco culpa nossa, ensinaram-lhe a dizer nomes, dizer o nome de Hitchcok, e ele não é capaz de salvaguardar a obra. Quanto mais nula é uma emissão de televisão, mais longo é o genérico. O de **Tudo o vento levou** dura oito segundos. O nome tornou-se para as pessoas o garante de que existem, mas as coisas não existem assim tanto, portanto já não se toma a chávena de café.

— Tem hoje uma ideia do seu público e de para quem faz os seus filmes?

— Sim, muito, muito nítida. Tão certa de que não gosto das pessoas que têm responsabilidades de produção, de distribuição, e fingem não o conhecer. Na América, como se sabe, eles não querem esse público, é demasiado pequeno. É um público que interessaria um editor. Sempre fui um escritor de outra forma. Na época de **Tout va bien,** mil duzentas, pessoas tinham sido recenseadas pela Polícia no funeral de Pierre Overney (1). Eram os fiéis, mas isso não basta para o esquecimento gradual de um filme. Para Maria, isto representa seiscentos mil cristãos «abertos», eles existem é o público de base, aquilo a que eu chamaria o capital. Eis a diferença entre a França e América: a França é um país capitalista que só se interessa pelo lucro, enquanto que para a América ou para a URSS, a sua força é interessar-se pelo capital, e fingir interessar-se pelo lucro. A França considera o lucro como capital, logo, se assim se pode dizer, o capital já não tem lucro. O capital de ficção que há em **Je vous salue Marie** interessava menos do que o lucro que se podia obter servindo-se desse capital. Não se faz um filme para o público, sabemos que ele existe e, se formos sinceros, encontramo-lo.

— Quando falam de si as pessoas dizem muitas vezes: «O Godard é louco». Como encara isto?

— Tenho pena. Dito isto, diz-se o mesmo de tantas pessoas. Quando vemos loucos em reportagens, os aleijados, o que em geral nos impressiona é a sua grande normalidade. Não, não estou a ver, mas dizem de mim, que sou triste. Fazer cinema nestas condições é, efectivamente, bastante triste. Não é possível ser louco no sentido clássico, no cinema, ou então não se fariam filmes. Ora fazem-se sete ou oito, de um modo que deve ser muito mais seguido do que, por exemplo, a música. A gente da música clássica pode ficar muito tempo junta porque há uma partitura, mas um grupo dura cinco ou seis anos e não mais, talvez porque trabalham mais em conjunto do que a gente do cinema, que faz de conta, que imita em conjunto. Num grupo de rock ou de jazz é preciso inventar em grupo, é uma autêntica pequena sociedade que se cria em dado momento. Como num filme. Mas passa-se a outro tipo de sociedade, isto é, a um cenário, um programa de Governo, um primeiro-ministro, um subsecretário, cidadãos. Efectivamente, logo que se tenta viver um pouco mais, diz-se que somos loucos. Deve haver loucura em tentar, sim. Deve ser mais engraçado ser louco, porque o cinema o permite. Mas então... reivindicá-lo de um modo mais são.

— No entanto, temos a impressão de que brinca com o papel que teve em «Prénom Carmen»?

— Mas... mas... é o meu papel. As pessoas da equipa tomaram-me por parvo. E mesmo no primeiro grau, os actores. Aquilo surgiu naturalmente senão tê-lo-ia interpretado de outro modo. De resto, se houvesse outras relações, por exemplo, em 1938, eu nem sequer teria representado, teria escolhido um actor dessa época, Saturnin Fabre, Carette. Não fui eu quem fez isso. Foi Maruschka, foi Bonnafé (2), o director de produção, toda a equipa. Tenho muitas vezes a impressão de fazer o filme que eles querem e resisto a isso. Por isso, tenho sempre recusado o meu cartão de trabalho no Centro do Cinema. Não trabalho, passo, empurram-me e depois estou no escuro, tateio, e) à medida que tateio e que me empurram, as luzes vão-se acendendo. Tenho, na verdade, a impressão de que é assim.

— Quer dizer que é uma matéria que se adapta aos humores das filmagens?

— Tento simplesmente fazer com que as pessoas tomem consicência do que fazem. Tal como um médico com uma mulher que vai parir, faço com que ela tome consciência de que vai ter um filho, de não aceitar necessariamente uma cesariana se não quiser fazê-la. Mas tenho a impressão de que os últimos filmes que fiz são cesarianas que não se impunham. Não fui um médico suficientemente bom e o resto dos criadores do filme não se deu conta de que havia um acto de criação. Eles eram mais pela peridural, isto é, espectadores da sua criação. Em todo o caso, isto não era possível com este filme e com **Carmen**. Talvez tenha guardado ou aprendido do militantismo: «Produtores, salvem-se a vós próprios». Peço ao actor que encontre a maneira de poder ser produtor do tema e da empresa. Não forçosamente a meu respeito nem de outro qualquer, mas cada um pode ser produtor.

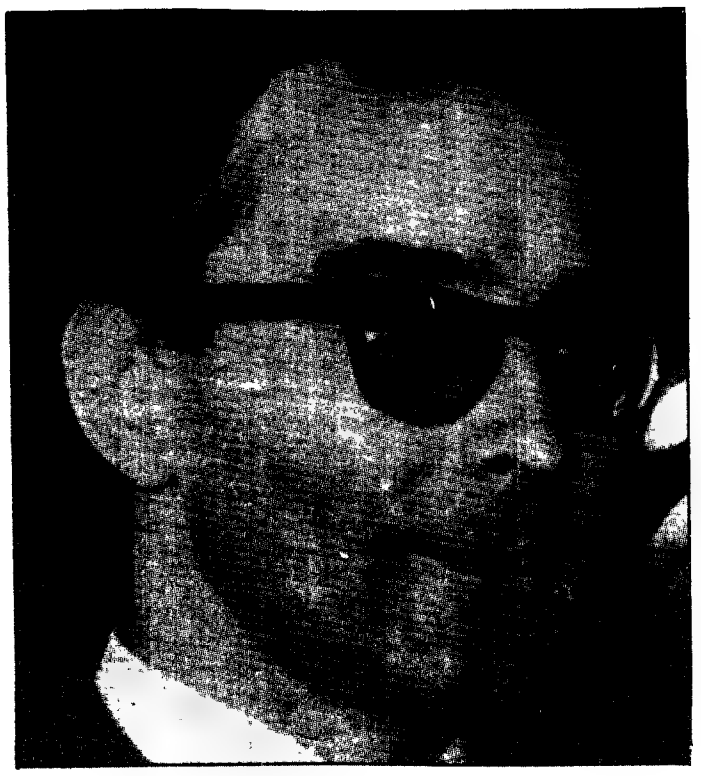
O que torna o meu carácter difícil é que o cinema não é investigação científica, mas sim investigação social. Isto faz-me sofrer. Fazer um filme sobre uma mulher que vai ter um filho e não pode falar disso com as pessoas da equipa que têm mulheres é a morte. No cinema, por causa da Televisão ou não sei de quê, isto tornou-se como **A Bela Adormecida:** é preciso conservar o mito, mas deixá-la dormir. Sobretudo, não a acordar. Talvez haja coisas difíceis, mas de que não se possa falar com actores que têm decerto relações entre rapaz e rapariga, evocar um mínimo de castidade, por exemplo... E quanto mais pessoais são as relações com eles, mais nos sentimos incomodados. E devia ser o contrário.

— E os extraterrestres? No filme há constantemente em paralelo a história de Maria e o discurso científico.

— É quase o mesmo. Não sei, sinto-me como aquele tipo, na Suíça, que não queria fazer o serviço militar. Como razão disse que era um extraterrestre, que não tinha nada contra o facto de os terrestres fazerem guerras mas que não queria intervir nelas. E levara dois ou três companheiros que, como extraterrestres, testemunharam que ele era, de facto, um exgraterrestre... Passou catorze meses no manicómio. Tive a impressão, sobre este filme, que a dificuldade de comunicar vinha de eu pensar — sem o ter dito, emcontrei isto numa frase de Artaud — que é a alma que tem um corpo, quando os outros pensavam o contrário. Apetecia-me dizer aos outros: «Mas já que gostam tanto do vosso corpo, falem dele.» Como se entra, como se sai.

(1) Em Fevereiro de 1972, Pierre Overneu, jovem operário e militante de extrema-esquerda [illegible] tido por um vigilante à porta da fábrica Renault, durante uma distribuição de panfletos.

(2) Maruchka Detmers, Jacques Bonnafé e Myriem Roussel foram, com o próprio Jean-Luc Godard, os intérpretes de **Prenom Carmen.**



Jean-Luc Godard

ESQUIZOFONIAS

Laurie Anderson, uma arte de ilusões

Num tempo em que os «media» dão a algumas coisas uma feição exagerada, reduzindo outras ao silêncio, numa sociedade em que as modas estabelecidas por quem de interesse e aceites passivamente por quase todos deixam na obscuridade tudo aquilo que não obedece aos seus critérios niveladores, eis que uma explosão — ainda subterrânea sim, mas decisiva — se está a verificar de algum tempo a esta parte nos Estados Unidos, país que nos últimos anos tem sofrido todo um conjunto de transformações estruturais que são o sinal da passagem para uma outra civilização. É o pós-modernismo electrónico, a «art-noise», a música improvisada: o rebentar com os estilos e com as fórmulas; todo um número de sonoridades **esquizo** que estão a minar a música do nosso tempo.

RUI EDUARDO PAES

Gage (sobretudo ele), Schoenberg, Stockausen, Varese, Webern, Berio, Boulez são as referências musicológicas do que está a acontecer um pouco por todos os Estados Unidos: uma explosão de Nova Música que é simultaneamente continuação e transposição prática dos modelos que esses compositores e musicólogos edificaram nos campos das chamadas músicas concretas, electroacústicas, electrónicas, etc. As formas de expressão vanguardistas e experimentalistas estão-se a verter por hemorragia, chegam a sítios onde nunca antes se tinha pensado que pudessem chegar. Novos tipos de música surgem, sem denominação possível ou desejada; os discos que se gravam vão parar às mais diversas prateleiras — pop-/rock, jazz, música erudita —, sem que estes músicos/produtores de sonoridades se preocupem com isso: esta música é também rock e jazz e erudita, passa por essas correntes para as transcender e ir para lugares inomináveis.

Vêm no seguimento dos postulados musicológicos que revolucionaram toda a concepção do que é música, som, ruído, da relativização dos conceitos estéticos, da investigação tecnológica, e quase todos eles se referenciam ao trabalho de John Cage e à sua ideia de uma música aleatória, contingente, aproveitando todo e qualquer som ou ruído disponível ou buscado. Contou Cage uma vez o seguinte episódio, ao estar numa sala isolada, para investigações sonoras, da Universidade de Harvard: «Quando eu entrei na sala estava à espera de nada ouvir. Mas, em vez disso, ouvia dois sons. Saí pois da sala e contactei o engenheiro de som: 'Há qualquer coisa errada com a sua sala silenciosa. Há dois sons'. Pediu-me para os descrever e assim fiz. Ao que ele me respondeu: 'O mais alto é o seu sistema nervoso a trabalhar, o mais baixo o seu sangue a correr'. Percebi então que eu andava pelo mundo a produzir música.» A sua noção de que tudo pode ser música influenciou a que se tentassem os mais diversos materiais sonoros, e a sua teoria do aleatório motivou determinantemente os músicos fascinados pela improvisação, e isto apesar da descrença do próprio Cage em relação à música improvisada. Cage ocasionou muitas coisas, mesmo apesar dele próprio: a «art-noise», as músicas desestruturadas, os nomadismos improvisatórios.

Como também disse Stockausen, em determinada ocasião: «A grande experiência do nosso tempo, e não apenas no campo da música, é procurar, trabalhando o incrível, o novo, o espantoso. Não se conseguem imaginar sons que nunca foram ouvidos, por isso tem que se trabalhar no estúdio e experimentar diferentes maneiras de produzir sons.» Estamos num mundo de «esquizofonias», para utilizar o termo pensado pelo compositor canadiano Murray Schafer num outro contexto, um mundo em que os sons ganham sentido e consistência e especificidade respeitada, para isso contribuindo decisivamente as opções místicas orientalistas que influenciaram o pensamento e a música destes compositores, nomeadamente John Cage com o budismo Zen.

■ A seguir aos nomes arquetípicos, são exemplo para estas novas formas de música alguns intermédios. É o caso de Philip Glass, de Anthony Braxton e de Brian Eno, o primeiro chegado da música erudita, Braxton, do jazz, e Eno, do rock. Músicos que foram bem o eixo de passagem e de mudança e de certo modo pioneiros do que acontece hoje.

Philip Glass é compositor e teclista (órgãos e sintetizadores) e coloca-se assumidamente no legado cageano, dizendo como Cage que uma peça de música só fica completada com o acto de ser ouvida, ou seja, quando é feita conjuntamente pelo músico e pelo ouvinte. Explica ele a questão com a seguinte analogia: «Á velha questão 'se uma árvore cair e não houver ninguém para a ouvir existirá um som?' a resposta só pode ser um decidido não!»

Glass não é de modo algum um improvisador, as suas estruturas musicais (que se têm chamado de «minimais repetitivas») trabalha-as até ao pormenor, mas o seu gosto pelo jazz e o seu orientalismo (também ele) fizeram-lhe inverter no seu trabalho «as prioridades da música ocidental». Enquanto que no Ocidente se começa pela melodia, depois passa-se para a harmonia e só então vem o ritmo, toda a experiência asiática e africana é o contrário, modelo alternativo que ele vai preferir: utilizando as estruturas rítmicas como base e só depois trabalhando as outras. Esse foi um corte decisivo, um prenúncio do que começou a acontecer.

Brian Eno, por sua vez, vem introduzir duas questões fundamentais. Em primeiro lugar um esbatimento entre a música e a vida, aspecto que já tinha sido tratado teoricamente pela musicologia. Uma peça de música sua tenciona estar sensitivamente conectada com um outro lugar, de que se dá a sugestão decorrente, da própria vivência do ouvinte, ganhando «o sentido da geografia desse lugar e a altura do dia, a temperatura, se era um lugar ventoso ou húmido». Todo um conjunto de sensações, como diz, «que não são normalmernte consideradas musicais», e que fazem com que o seu trabalho seja «figurativo», ambiental, encadeando «pensamentos descritivos».

Outro aspecto é a sua recusa em utilizar alta tecnologia, e tocar supersintetizadores. Ele prefere as tecnologias suaves os objectos que produzam um som interessante e que procura pelas lixeiras. Os sintetizadores que utiliza são primeiros modelos, ainda pouco complexos, e mais do que tocar instrumentos musiciais prefere a manipulação de estúdio «moldando» numa consola os sons previamente gravados. Ligado a estas duas suas características muito significa o facto de Brian Eno não saber música. Ele próprio não se considera um músico, preferindo a esse título o de «manipulador de sistemas».

Se Eno tem uma formação rock (Roxy Music, David Bowie, Robert Fripp, Talking Heads), já Anthony Braxton vem do jazz. Multi-instrumentista, tocando uma larga gama de saxofones, clarinetes e flautas, Braxton é sempre maior do músico/musicólogo, como já não havia depois de Cage, de Varese, de Wabern. Refuta o termo «jazz», substituindo-lhe o de música transafricana, e estoira com as divisórias que separavam a música negra da música branca, o jazz da música dita «séria». E fá-lo considerando que «todas as músicas swingam»: «Não há nenhuma música que não se encontre com os critérios do «swing» na sua pulsação rítmica», considerando a que junta a noção de que «a realidade de qualquer ritmo não está só na sua dinâmica empírica». Por isso se coloca Anthony Braxton na criatividade pós-Webern e pós-Albert Ayler (saxofonista da revolução do free jazz): uma aproximação pontilhística à música, em camadas de som, a exploração das possibilidades sonoras do instrumento desobedecendo aos formalismos instituídos.

Os músicos que surgiram recentemente no prolongamento destas atitudes receberam já o epíteto de «radicais». Radicais na postura assumida na criação musical/sonora, a que associam por vezes, quando não directa pelo menos indirectamente, o radicalismo como posição política. O fenómeno tem várias nuances,

Brian Eno, manipulações de estúdio

consoante as geografias: nos States distinguem-se fundamentalmente duas vertentes. O pós-modernismo electrónico urbano e suburbano de Nova Iorque, crescido nos «lofts» e demais clubes obscuros em que se pratica o vanguardismo, na decorrência do emergir dos valores e posturas «punk» e de um certo assumir do culto da decadência, e ausência de futuro, será uma delas. A outra, embora confluente, tem contexto muito diverso: surgiu na costa da Califórnia, ligada às tónicas dominantes «Novo Mundo» do Pacífico — tecnologias sofisticadas e energias alternativas, reelaboração dos sonhos dos anos 60, espiritualismo (meditação transcendental, yoga, estados psicadélicos por meios naturais, acupunctura, budismo Zen, hinduísmo), os valores das culturas orientais, o individualismo e as ideias liberais, o culto do corpo e da saúde, o naturismo.

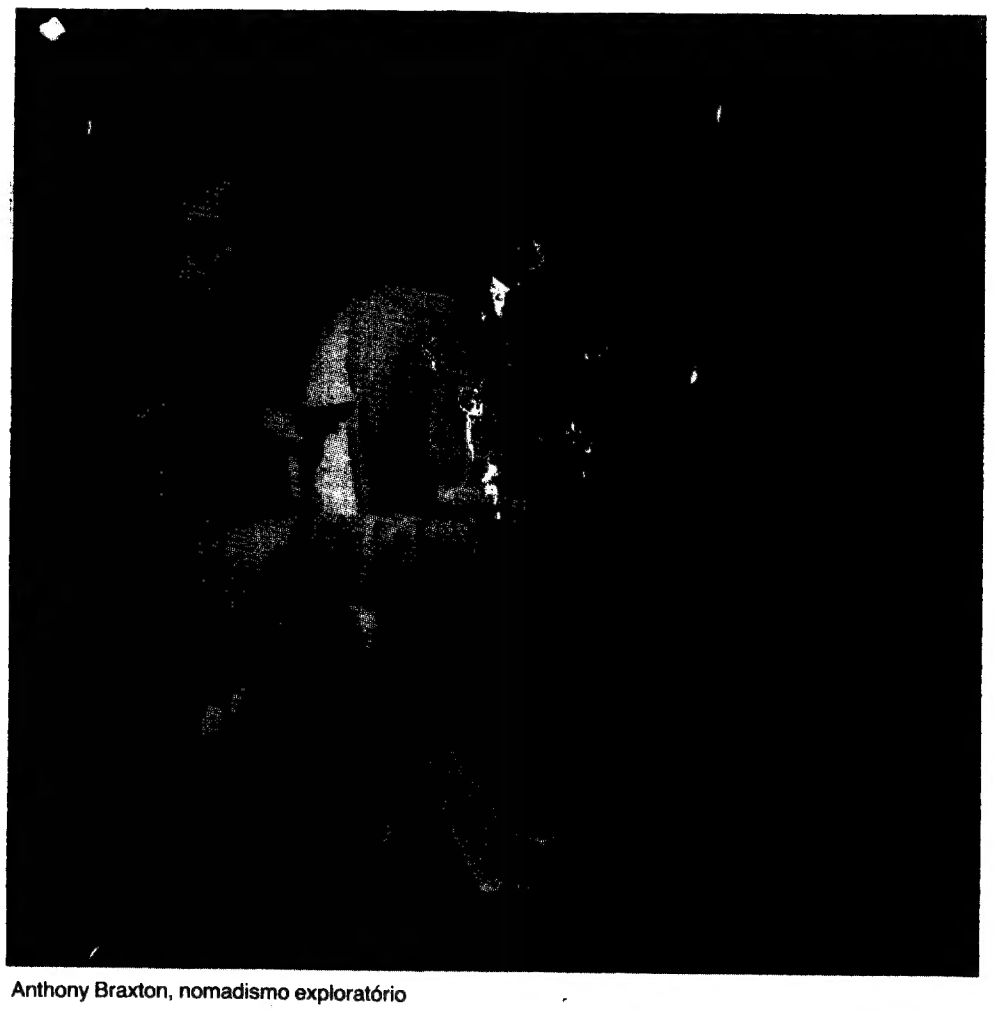
Se no primeiro caso a música resultante é agressiva, desconcertante até, recorrendo muito aos ruídos próprios do meio citadino e com uma grande aspereza expressiva, já na Califórnia se tentam as tonalidades etéreas e trabalhadas, as sonoridades límpidas, de sugestibilidade mística e sensual, o discurso exótico, as características das músicas étnicas do Japão, da China, da Índia.

Nos meios da «Nova Música» alguns nomes se podem apontar, como marcantes desta explosão músico-sociológica. Vinda do «underground» nova-iorquino mas já com estatuto de «super-star» temos o exemplo de Laurie Anderson, cantora, violinista e manipuladora de sintetizadores e diversa electrónica. É uma «performer», o que significa que a sua música é para ouvir vendo-se em simultâneo, e nesse campo com uma acentuação autenticamente esquizóide. Com um violino-synclavier que foi desenhado exclusivamente para ela por Max Matheus, dos Laboratórios Bell, ela obtém os mais inesperados sons: quando se espera que o violino sintetizado produza o som decorrente, são latidos de cães, ou apitos de comboio o que se ouve. A ideia de Laurie Anderson é que haja um contraponto rítmico entre as imagens e os sons, que o que se veja e o que se ouça esteja em planos absolutamente diferenciados. É o que faz também utilizando um harmonizador, que lhe vai transformar a voz para um registo masculino ou a vai duplicar, ou com um pequeno gesto seu que vai produzir sonoramente uma grande massa discordante: uma arte de ilusões.

Uma semelhante preocupação pela articulação do som e da imagem encontramos no Harry Partch Ensemble, grupo liderado por Danlee Mitchell que continua a obra deixada por Harry Partch, morto em 74: os instrumentos tocam-se com o objectivo de serem vistos enquanto são ouvidos porque... são esculturas.

Mas mais expressivo do que é o «underground» que se faz nas caves e nos estúdios particulares temos o exemplo de Carl Stone, nome que por inerência própria da música que toca nunca virá a ser famoso. Com meios muito humildes, como é característica generalizada, Stone transforma electronicamente, por meio de «tape-loops» (um processo simples), as sonoridades que produz por exemplo numa corda que percute ou numa garrafa que sopra. Resultados: a corda vai soar como uma secção de violinos e a garrafa como um «naipe» de madeiras.

Das figuras mais estranhas da vanguarda norte-americana é John Zorn, saxofonista alto e clarinetista com formação jazzística (nomeadamente no bebop) mas igualmente com o cancro cageano. O que lhe interessa sobretudo é a criação de sons, de arquitecturas musicais que sejam o prolongamento da voz humana, do sopro, do grito. Com essa finalidade explora improvisando, as possíveis sonoridades do seu sax por meio de técnicas experimentais que têm a ver com a utilização da língua, ou se concentra naquilo que tem assustado críticos e público em geral: um chamariz de patos, utilizado, como se sabe, na caça; e tudo aquilo que se possa soprar; chifres, por exemplo. Inspira-se na música de «cartoons», tendo estudado a fundo as bandas sonoras dos desenhos animados, que lhe deram uma sua característica: as mudanças bruscas na música, entre blocos de som que trabalha e reordena meticulosamente.



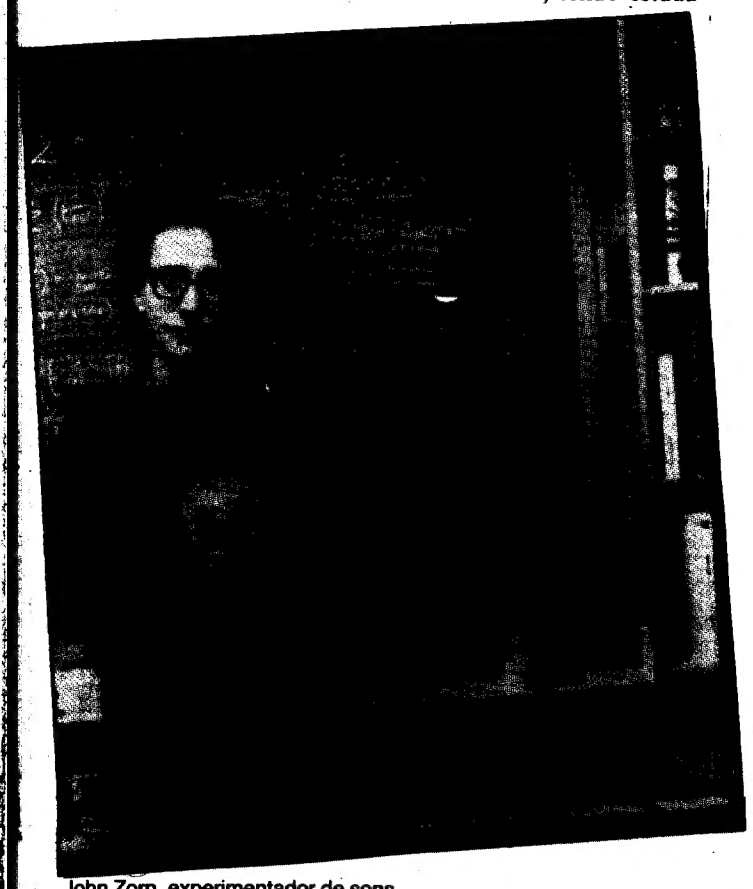
Anthony Braxton, nomadismo exploratório

Philip Glass, a música inominável

Depois temos David Moss, multipercussionista e vocalizador, que explora as pequeninas sonoridades, os subtis sintetizadores de Richard Teitelbaum, a electrónica de Bob Ostertag, a manipulação em «turntable» (gravadores, ondas radiofónicas, etc.) de Christian Marclay. E um imigrado da Grã-Bretanha que tem dado muito que falar — Fred Frith.

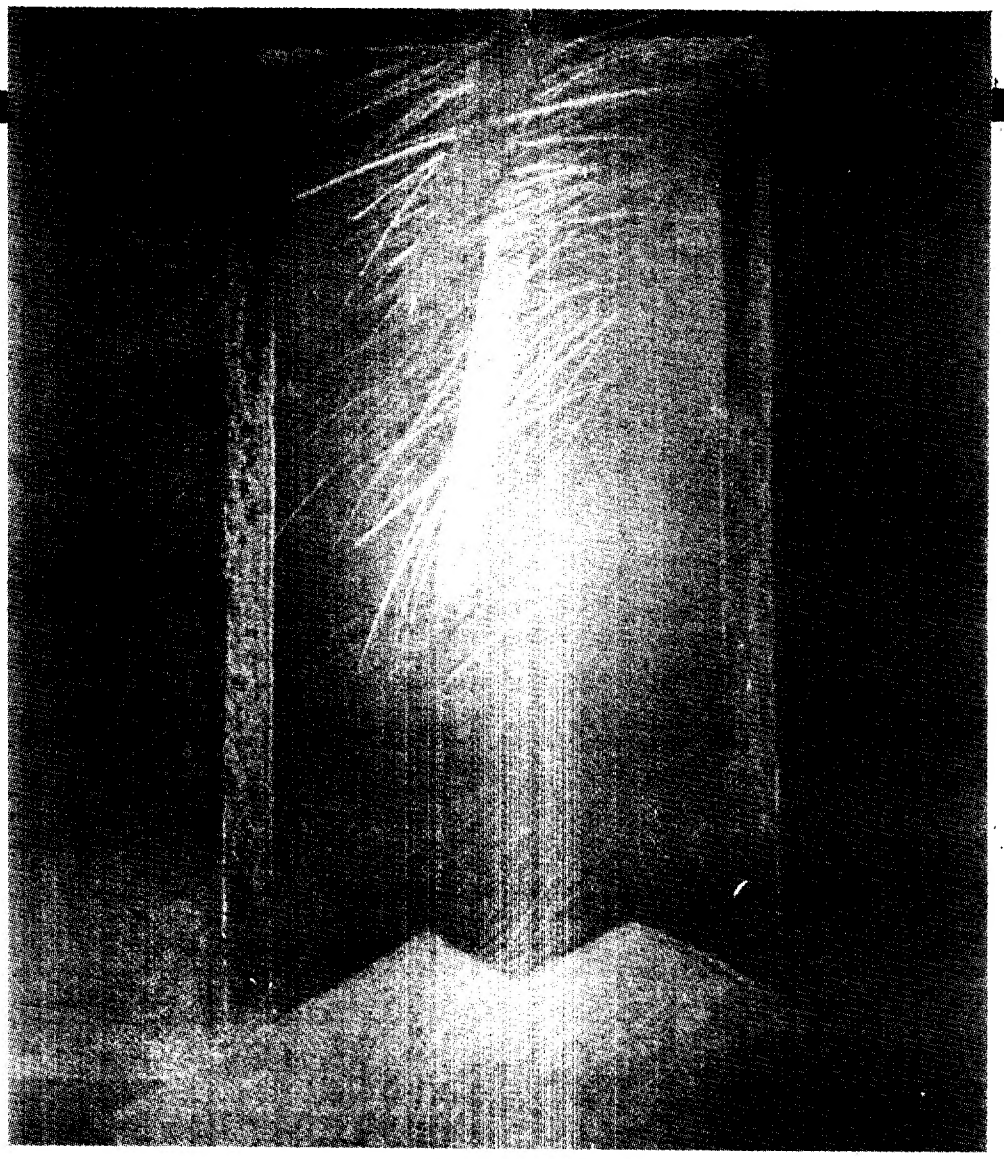
Fred Frith é um guitarrista, violinista e percussionista que vem na actual vaga de autoconstrução dos próprios instrumentos, o que ele faz por motivações directamente políticas. O corpo de uma guitarra sua pode ser feito de uma porta velha, um instrumento de percussão inventado por si de uma caixa de biscoitos. Com um «background» de rock ele é o exemplo típico do inventor de sons da actualidade. Toca por vezes duas guitarras simultaneamente, dispondo-as de maneira a que os braços fiquem paralelos sobre uma mesa. Afina-as para uma determinada nota e tem a preocupação que as guitarras sejam estéreo, de maneira a que cada uma tenha várias fontes sonoras. Então manipula-as Frith com diversos modos de ataque, desde o batedor de ovos às bolas de ténis, de arcos de violino a baquetas de bateria, de bonecos mecânicos que faz passar pelas cordas até àquilo que tiver à mão. Diz ele que diferentes materiais, como pedra, vidro, madeira ou papel, vão produzir diferentes texturas quando utilizados nas cordas. É a «desbunda» completa. E a improvisação o princípio básico.

De certo modo aconteceu a «democratização» das velhas músicas «de ponta» e hoje os desiludidos das várias escolas e os que aqui desembocam no seu processo cultural pessoal, estão a fazer a nova música que traz consigo o século XXI e o terceiro milénio. ■



John Zorn, experimentador de sons

Fred Frith, manipulador de sonoridades



Alexandra Vassilikian

Quando a pintura se anuncia sob o signo da Lua

«Só há transparência e reflexão na dimensão de profundidade de uma imagem visual»

X. Wittgenstein,

Remarques sur les couleurs

Como nos lembramos, Merleau-Ponty iniciava *le Visible et l'invisible* interrogando o mundo e o seu sentido: «O que nos importa é precisamente saber o sentido do ser no mundo». Lyotard repousava a problemática no texto admirável cuja obra de Monory seria a ilustração «a priori». Este texto, intitulado *Ciels, nébuleuses et galaxies* (galeria Maeght, Paris, 1981) encontra-se por seu lado ilustrada com fotografias extraídas de trabalhos científicos (física e astronomia). Os quadros de Monoary já convocam o texto que ilustram. O texto de Lyotard apoia-se a si próprio com fotografias cósmicas. Ilustração da ilustração da ilustração... compreende-se logo a razão por que o título da capa desse não-catálogo não é mais do que *Derrière le miroir*. Esse inquérito sobre o lado do espelho ou aquilo que Hubert Damisch chamaria o lado secreto da pintura referindo-se à obra-prima desconhecida de Balzac) tem ao mesmo tempo algo de filosofia e de arte. «Monory é um filósofo espontâneo. A sua obra é uma pergunta, essa pergunta é a mais comum: qual é o sentido da vida?», escreve Lyotard.

Os trabalhos de Vassilikian, se, evidentemente não têm nada a ver com os de Monory não dexam por isso de estar ligados ao questionário fenomenológico e inscrevem-se na ordem das nebulosas e das galáxias participando nesse ideal de inexactidão de que falava Cassirery. Tanto em pintura como em filosofia, trata-se de optar por uma certa luz. O Sol ou a Lua. Cegar à luz deslumbrante e tomar-se por Deus ou procurar essa mesma luz indirectamente, por refracção, reflexão, para avançar para a luminescência. Nessa via, o filósofo artista sabe que só há luz ou verdade em representação, que o sentido do mundo se joga na superfície dos espelhos, assim como só a lua nos permite olhar a luz do sol.

Alexandra Vassilikian marca com uma penumbra de onde emergê, sempre diferentemente, o branco. As cores sombrias das telas não parecem ter outra função que não seja a valorização desse branco; elas fazem-no nascer, prudentemente. Porque não se joga impunemente com esse branco. Uma vez realizado o *Quadrado branco sobre fundo branco*, como repetir ainda a não-cor pura, esse receptáculo de luz, esse sinal de uma transparência longínqua? O artista encontra-se desde longo convidado para traçar o seu próprio desvio, o seu percurso sobre as superfícies que a luz oferece em movimento.

Descartes já nos anunciava que o caminho filosófico para a luz, procedia da actividade do pintor: «Mas, enquanto que os pintores não podem representar igualmente num quadro liso todas as diferentes faces de um corpo sólido, escolhendo uma, as principais que põem voltada para a luz e tornando sombrias todas as outras, só as fazem aparecer enquanto podem ser vistas, olhando-a. Assim, receando poder pôr no meu discurso tudo o que eu tinha no pensamento, só pretendo expor muito amplamente aquilo que concebia da luz.» A. Vassilikian procura, na sucessão das telas, mostrar o maior número de facetas possíveis do branco ou da luz. Ela designa por aí a força do branco, a sua polisemia. Não podendo gozar da *intuitio* (visão da visibilidade) o filósofo artista trabalha a *consideratio*. Reflectir a luz do sol através de sombras, é o papel da Lua, tanto em Descartes «a Lua não tem luz própria, ela reinvia-nos a do sol» como em Da Vinci. A definição que nos dá o génio florentino nos seus *Cadernos* convém perfeitamente ao movimento do franco tal como o apreendo mas nos trabalhos de Vassilikian. A luz da lua consiste, para Vinci, num movimento das águas que reflectem como um espelho a luminosidade do sol, mas onde também se agitam inúmeras sombras que se misturam à forma luminosa.

O branco afirma a transparência da luz sempre opacificada processo de **constatatio**. «O branco é a perturbação perfeita, o conteúdo mais neutro, o mais claro que o espaço ocupa, e o primeiro grau da 'opacidade', escrevia Goethe do **Tratado das cores**, e acrescentava que se podia chamar branco ao brilho fortuitamente opaco do transparente puro.» Assim, a prudência deste branco, a importância concedida ao espelho — luz, reflectindo, fonte de luz em representação, mais do que ao objecto, ou a claridade poisando em superfícies multifacetadas da soberba tela número 0, insistem no próprio segredo em que todo o acto de pintar repousa: a pintura nunca celebra outro enigma que não seja o da visibilidade; o espelho é o instrumento de uma universal magia que muda as coisas em espectáculo, os espectáculos em coisas, eu em outrem e outrem em mim (Merleau-Ponty. «L'Oeil et l'esprit»).

Em Vassilikian, a força resolve-se na força do toque, o informe recusa a fluidez, ele afirma-se como matéria, um pouco como nos quadros de Goya. À força da sombra de cores terrenas que insiste no movimento do branco, obedecendo de certo modo a estar palavras de Malevitch: «Que se abra o caminho ao fumo impetuoso: que as formas-cantos fendam o peito do espaço» (Le Miroir suprématiste).

O branco tece-se, entrelaçado nas sombras, como franjas de tapete (tratar-se-ia de algo da ordem do tapete arménio, ornando os quadros da Renascença, no século XVII?), como um ramo. Falar de novo da violência e de a velar toda inteira, de a desvelar e de a enfeitar sempre.

Valéry escrevia que «as formas informes não deixam outra recordação que não seja a de uma possibilidade», quanto a nós, parece-nos que as obras de Alexandra Vassilikian conseguem pôr em movimento as condições de aparecimento da luz, e a combinação das possibilidades. Elas obrigam-nos sobretudo a reflectir — em todos os sentidos da palavra — sobre a necessidade de repetir o grito do branco. Em surdina.

(*) Galeria Arcano XXI, até 18 de Fevereiro de 1985.

CLICHÉS EM SALDO

Nascimento, vida e morte de uma agência fotográfica

O caso da Atlas-Photo encerra esta semana o inquérito sobre fotógrafos e agências: ele mostra como uma empresa, florescente ainda há três anos, chega agora a um fim melancólico

«Un petit village, un vieux clocher, un paysage si bien caché...» A história de Atlas-Photo é tão melancólica como a canção de Trenet. Trinta e oito anos é cedo para deixar de existir! No entanto, desde o início deste ano que, centenas de caixas, de dossiers, de classificadores estão desesperadamente fechados. **Atlas-Photo** negoceia amigavelmente a sua liquidação. Já não há esperança...

A agência fora criada em 1947 por um jornalista e escritor de turismo, Gaetan Fouquet, um fotógrafo de nome, Isaac Kitrosser — ambos falecidos há pouco tempo — e alguns amigos. Como o seu nome de baptismo claramente indicava, a sua vocação essencial era reunir — mais em intenção dos editores e dos periódicos do que dos quotidianos — as melhores fotografias de tudo o que o mundo tinha em maravilhas, naturais ou não, cidades, campos, oceanos, rios, florestas. Uma agência «geográfica», se se quiser.

Por volta de 1956, o negócio muda de mãos e ao mesmo tempo de especialização: o novo patrão, que tem interesses na revista **Science et avenir**, em breve orienta as suas colecções, sem por isso reduzir o fundo existente, para documentos de carácter científico. Passam dez anos e, em 1966, um novo director, Chicandard, vai, por sua vez, mudar de rumo: agora é em fototeca animalista que Atlas-Photo se vai tornar. Com êxito visto que até 1974 a agência continuará a ser uma das primeiras de França na sua especialidade com as melhores assinaturas, como as de Jean Dragesco, François Merlet, Jacques Six ou André Fatras. Isto não impede que os fotógrafos, até então ligados a **Atlas-Photo**, retomem a sua liberdade para criar o seu próprio negócio, tornando-se perigosos concorrentes. As agências **Jacana** e **Pitch** pertencem a esse número.

Estas recessões, um mercado que evolui, o princípio da crise, fazem com que comecem as dificuldades. **Atlas-Photo** tenta rejuvenescer o seu fundo geográfico, animalista e socioetnológico apelando para os viajantes-conferencistas-fotógrafos de **Connaissance du monde**, mas isto não bastaria para relançar a máquina que dá mostras de cansaço.

«O mais rude golpe foi-nos dado pelos editores de livros escolares, explica Alain Dubuisson, director da agência desde 1976. **Nós e outros como** Photogram e Rapho, **por exemplo, trabalhávamos muito com essas casas, de tal modo que, no que diz respeito, às encomendas dos editores representavam uns 14 % do nosso volume de negócios anual. A queda acentuou-se nos últimos anos de um modo vertiginoso: determinado editor que representava 80 000 francos de facturação em 1982, desceu para 30 000 francos em 83 e... para 300 o ano passado!»** Para isto só há uma explicação: neste tempo de economias os editores preferem as reedições às novidades. Quanto ao mercado estrangeiro, no qual Dubuisson teve algumas esperanças, é um comprador insuficiente, à excepção da Alemanha Federal.

«Para sobreviver, já não digo para viver, seria necessário poder meter anualmente na fototeca uns trinta mil novos documentos e eliminar ao mesmo tempo outros tantos, explica Dubuisson. **Hoje há demasiadas «velharias» em stock... As cidades mudam depressa, muito depressa. Uma torre que é constitruída, um quarteirão que é demolido, e eis que a foto de arquivo está ultrapassada... Até Abril de 1984 conseguimos aguentar o ritmo da «entrada» de novas fotos, mas não quanto à reforma de clichés.» Em dada altura encarou-se a hipótese de investir no embargo informático do fundo, mas foi preciso renunciar: «Demasiado caro, demasiado longo de realizar e, ao fim e ao cabo, poucas garantias de rentabilidade.»**

Trezentos e cinquenta mil fotos a preto e branco, uns quinhentos mil diapositivos, uns quatrocentos fotógrafos no ficheiro «Fornecedores» — mas dos quais só menos de cinquenta podem pretender ao título de fornecedores «regulares» — seis empregados ao todo, assim se podem resumir trinta e oito anos de uma existência que acaba mal. Não é altura para deixar a chave debaixo do capacho.

Hans Holbein

Os privilégios do retrato

Erasmo gostava muito de Holbein. Nós também. O pintor de Basileia (nasceu em Augsburgo, mas o centro da sua carreira foi, na verdade, a cidade do Reno, onde o encontramos em 1516, com menos de vinte anos) é um dos grandes mestres do retrato de todos os tempos. E cada vez gostamos mais dos seus retratos: eles mostram aquilo que se pode fazer do rosto humano, e pensamos, por vezes demasiado depressa, que eles podem responder a interrogações psicológicas. Em suma, o Louvre tem a felicidade de possuir cinco quadros de Holbein, cuja sábia aquisição vem dos tempos de Luís XIV (1671). E é uma ideia feliz ter organizado em volta deles uma pequena exposição documental.

ANDRÉ CHASTEL

Três e mesmo quatro desses trabalhos foram várias vezes copiados, imitados, e, em todo o caso, olhados de perto no século passado, isto é, na época em que a arte do retrato fazia parte das exigências da pintura. A efigie de Ana de Clèves, a princesa de vestido de pompa e rosto inerte e resignado, chamou a atenção de Ingress e de Degas. E o mesmo Degas divertiu-se a colocar na parede do «atelier» de Tissot (1868) uma pequena sanguínea holbeiniana. O elegante catálogo redigido pela senhora Foucart-Walter diz-nos que Alphonse Legros, pintor que Baudelaire não desdenhava, não se limitava a inspirar-se, um pouco pesadamente, no velho mestre. Ele acabara por se identificar em sonho com Holbein porque se encontrava em Inglaterra, tal como o retratista de Henrique VIII e das suas esposas, três séculos antes.

O retrato de Ana de Clèves foi justamente pintado em 1538 para ser apresentado ao Barba-Azul britânico, em vista do seu casamento. Essa imagem é singular: totalmente frontal, de mãos entrelaçadas, o que justamente se encontra nos retratos femininos de Ingres e Degas. Sobretudo, a figura é pintada em pergaminho. O exame laboratorial mostrou que se partira de um desenho. O retrato foi feito num suporte leve e afastado do modelo. A história lembra-nos imperiosamente — devemos repeti-lo — que o casamento se realizou, que terminou passados seis meses, e que, segundo os rumores, o poderoso rei acusou o retrato «enganador», de ter traído a realidade, em suma, a feminilidade do modelo. Isto valeu-lhe ser difundido pela gravura e conhecido de todos os anedotários.

As figuras de Warham (1527) e de Kratzer (1528) também são célebres, mas por razões diferentes. O segundo era astrónomo-relojoeiro da corte de Inglaterra e mesmo importador patenteado dos vinhos de Bordéus, como acaba de nos revelar um erudito infatigável. Isto mostra a importância da figura, autor de um tratado do «relógio» e fabricante dos quadrantes solares. O retrato fixa os seus traços um pouco pesados no meio de uma destruição eloquente de instrumentos, pequeno arsenal técnico que dá, pelo seu aspecto «profissional», uma forte definição da personagem. E, para Holbein, é essa precisamente uma das funções do retrato. A figura é envolvida por uma ampla natureza morta clara e doirada (sobretudo depois de uma limpeza recente): o amador de objectos de função simbólica aproximará rapidamente esse sábio aparelho da extraordinária acumulação de objectos científicos do duplo retrato dos **Embaixadores** (1533, Londres), magistralmente organizado por Jurgis Baltrusaitis (Anamorphoses, 1969).

William Warham era um prelado; lord Chancelin acompanhara o seu principe à famosa visita do rei Francisco, que ficou célebre sob o título de **Camp du Drap d'or** (1520); o que justifica a apresentação de uma notável cópia (pedida emprestada ao museu de Versalhes) do quadro pouco acessível de Hampton Court, onde são descritas em cores vivas as arquitecturas e mostrados os cortejos dessa inverosímil festa principesca.

Também devidamente limpo, este painel em madeira de Warham ganha tanto em precisão e em delicadeza que se tornou claramente o original, enquanto que o exemplar de Lambeth Palace, que passava por «bom» à custa do trabalho do Louvre, se tornou agora a cópia. Os dossiers do departamento das pinturas servem para regular este género de pequenos problemas. Ficamos impressionados com a qualidade das peles castanhas de zibelina que os clérigos distintos usavam na gola e nas mangas. De resto, também se encontram estas peles em certos retratos de Erasmo.

Aí também é proclamada uma profissão: uma cruz, uma mitra, um missal. Eles são tratados com essa atenção à matéria dura e firme e ao brilho específico dos objectos, característica da corrente a que Holbein pertence. A sua arte beneficia do «renovo eyckiano» dos grandes Flamengos do princípio do século XVI, como Quentin Metsys e Joos Van Cleve. Foi um século antes que Van Eyck trouxera essa definição rigorosa do rosto tratado como uma matéria dura no meio de objectos impiedosamente precisos.

«Algo de Erasmo»

No retrato equilibrado e forte de Warham, sentimo-nos atraídos pelas mãos. É a grande especialidade de Holbein. Os desenhos que acompanham a exposição mostram com que cuidado ele trabalhava esse elemento da figura, que põe **sempre** em evidência. O que fazem as mãos do bispo sobre a almofada luxuosa onde reposam? Ninguém sabe. Só se observou que elas estavam sempre diante do busto, exactamente como as mãos de Erasmo no retrato pintado por Holbein em 1523 (em Longford Castle), em que estão colocadas sobre um tratado dos **Trabalhos de Hercules** — escolha fácil de interpretar. O Erasmo do Louvre é mais simples: o humanista escreve e as mãos, mais redondas, trabalham. O homem está de perfil, o que é propositado, como nas medalhas, para imprimir na memória uma imagem mais pura e desinteressada, de certo modo, como o catálogo bem o explica. Um verdadeiro retrato de intelectual, seco e preciso, sobre um fundo de cortinado verde, com florinhas vermelhas, o que não serve para o alegrar.

É o retrato que o grande humanista e polemista, o incansável Erasmo, preferia. Ele não ficara entusiasmado com o de Quentin Metsys (1517) e ainda menos pela gravura em água forte de Dürer (1526). Holbein, que se estreara ilustrando em 1515 **o Elogio da loucura,** panfleto ácido que causara sensação, talvez tivesse apanhado melhor, em qualquer **soirée** de Basileia a fisionomia extremamente móvel de Erasmo. Num artigo de 1969, que é bom não esquecer. E. Panofsky procurara as relações de Erasmo com os artistas. Humanista, teólogo, intelectual puro — e, é certo, de grande classe — o modelo de Holbein considera a arte do pintor e do gravador como puramente instrumental. A sua função é legar a imagem dos homens de mérito à posteridade.

Erasmo envia ao bom Warham, que foi seu protector, seu financeiro , seu «sponsor» ao longo da vida, o seu retrato, para deixar — diz ele — ao prelado «algo de Erasmo». Ele não neglicenciava nada para modelar a sua imagem. O retrato feito pelo sólido Holbein e tantas vezes repetido na altura, nunca deixou de ser interrogado, e até, provavelmente mais do que Erasmo o desejava. E não o amamos pelas mesmas razões do que ele.

*) **Les Peintures de Hans Holbein le jeune au Louvre.** Cat. por L. Foucart-Walter; exame deudro-cronológico por P. Klein (dossier do departamento das pinturas, número 29). Até 25 de Abril. ■

Retrato de Nicolas Kratzer (Louvre)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO BARREIRO

Proc. n.º 39/83

1.ª S. 1.º J.

ANÚNCIO

No dia 13 do próximo mês de MARÇO pelas 14 horas, no Tribunal desta comarca, nos autos de Execução Sumária em que são exequente SODISUL, Lda., sociedade por quotas, com sede na Rua Miguel Bombarda, n.º 260-262, no Barreiro e executada ELECTRO SAPEAL, Lda., sociedade por quotas, com sede na Av. Afonso Henriques, n.º 74-A, no Barreiro, há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, O DIREITO AO ARRENDAMENTO E TRESPASSE DO ESTABELECIMENTO COMERCIAL sito na Av.ª D. Afonso Henriques, n.º 74-A, no Barreiro, pertencente à executada Electro Sapeal, Lda.

Barreiro, 28 de Janeiro de 1985.

O JUIZ DE DIREITO
(Ezequiel Sanches Casanova)

O ESCRIVÃO ADJUNTO
(Maria Júlia Santos Padilha Fragoso)

DL 11/2/85 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo 15.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, 3.ª Secção, nos autos de Execução Ordinária movida pelo BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, EP com sede em Lisboa, na Rua Áurea, n.º 28 contra VÍTOR MANUEL MARTINS DA SILVA NUNO, residente na Estrada Nacional n.º 10, Letras VC, Casal do Marco, Arrentela — Seixal e JOÃO HENRIQUE DUARTE, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na morada do 1.º executado, é este citado para no prazo de dez dias que começam a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada a partir da data da segunda e última publicação do anúncio, deduzir oposição, pagar ao exequente ou nomear bens à penhora sob pena de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora para garantia do pagamento da quantia de trezentos e setenta e um mil escudos (371 000$00), juros de mora e custas.

O duplicado da petição inicial encontra-se arquivado na Secretaria deste Tribunal, podendo ser levantado pelo executado.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1985.

O JUIZ DE DIREITO
(Flávio do Canal)

A ESCRIVÃ ADJUNTA
(Maria da Luz Pedro Delgado)

DL 11/2/85 – 1.ª Pub.

Caminhos de Ferro Portugueses — Informação

2/85

Aviso ao Público

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 11 de Fevereiro de 1985, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do bar da estação de Portalegre.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 45 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 7500$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— **Portalegre**
— **Região Centro — Secção Comercial ABRANTES**

— **Torre das Vargens**
— **Serviço Comercial da Região Centro LISBOA (Santa Apolónia)**

— **Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA**

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP, Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração do bar da estação de Portalegre.»

Caminhos de Ferro Portugueses - E. P.

INFORMAÇÃO

CARTÃO DE FAMÍLIA

Simplificámos o processo de aquisição de Bilhetes de Família criando o CARTÃO DE FAMÍLIA.

A partir de 1 de Fevereiro, pode requisitar, em qualque estação, o seu CARTÃO DE FAMÍLIA.

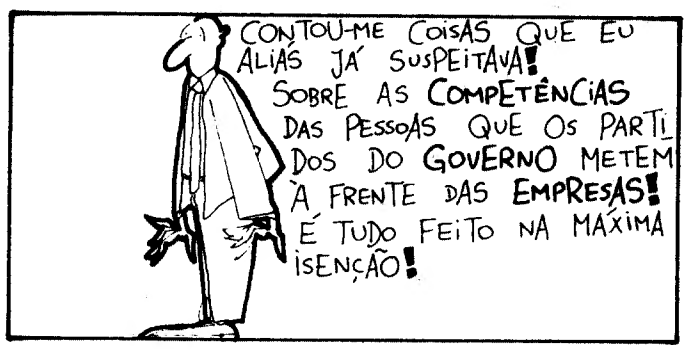
Este tem uma validade máxima de 5 anos e permitir-lhe-á adquirir, naquele período, quando quiser, os respectivos títulos de transporte, sem a necessidade de quaisquer outras formalidades.

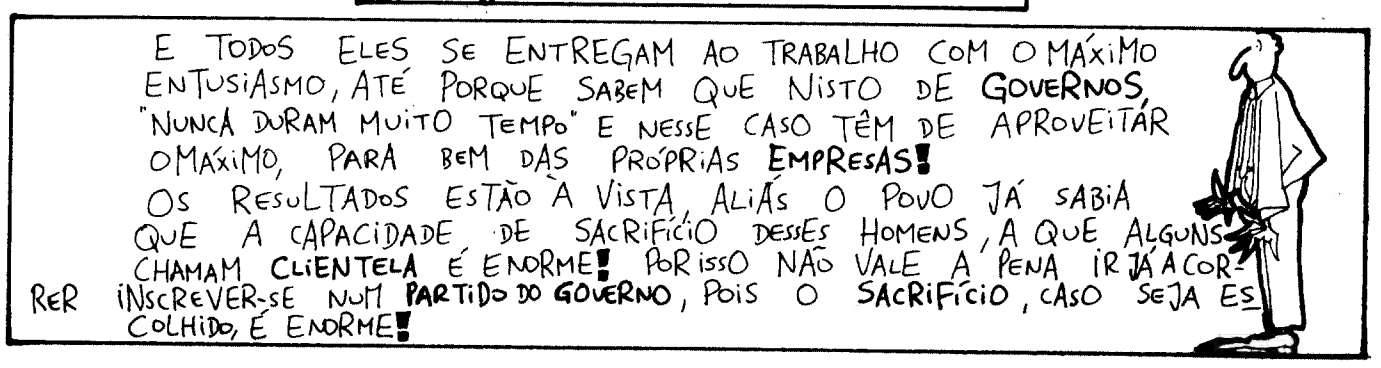
Sem o CARTÃO DE FAMÍLIA não será possível, a partir de 1 de Abril, a aquisição dos respectivos bilhetes.

Para um melhor esclarecimento, dirija-se a qualquer bilheteira, ou aos nossos Serviços de Informação.

Em OLHÃO o Diário de Lisboa está à venda no Quiosque da Praça Patrão Lopes

doces crónicas





Filme conta a história da dança

Alguns metros de película recentemente descobertos, pertencentes ao filme «O Feiticeiro de Oz» (1939) e contendo as extravagâncias acrobáticas do dançarino Ray Bolger, fazem parte dos melhores momentos de um novo filme sobre a dança no cinema.

«That's Dancing», dos estúdios da MGM e dos produtores de «Isto é Espectáculo» e dos filmes seus sucedâneos, também inclui película com Isadora Duncan dançando numa festa ao ar livre — que se crê ser o único registo cinematográfico da mulher que foi um dos principais marcos da dança moderna.

O filme «That's Dancing» faz o percurso da dança no cinema, desde os filmes mudos até ao presente, e inclui os músicos de Busy Berkeley, nos anos 30, Fred Astaire e Ginger Rogers, Gene Kelly, a estrela do ballet Rudolf Nureyev, John Travolta e Michael Jackson.

Vários segmentos de clássicos da dança no cinema foram deixados de fora porque haviam sido utilizados nas anteriores películas da série «isto é espectáculo», o que levou um crítico a dizer que «That's Dancing» parece ter uma perna atada atrás das costas.

«O Feiticeiro de Oz» iniciou os anos de ouro dos musicais de Hollywood, nos quais a dança era incluída como parte fundamental do argumento.

O produtor e realizador de «Thar's Dancing», Jack Haley Jr., disse que a existência do segmento não utilizado do «Feiticeiro de Oz», não era conhecida «até que um aprendiz o descobriu na prateleira errada, na bobina errada».

Até o próprio Bolger jamais vira a sequência intacta, denominada «se eu apenas tivesse um cérebro», que ele e Busby Berkeley trabalharam durante três dias, há 45 anos.

«That's Dancing» também beneficiou da experiência da estrela da dança dos musicais de Hollywood Gene Kelly e de David Niven Jr., ambos ligados à sua produção.

Haley observou mais de mil películas em busca do que chama de «a melhor dança em filme», e, conjuntamente com Niven, trabalhou durante mais de seis meses tentando obter os direitos sobre o segmento junto dos vários estúdios envolvidos.

O resultado foi uma compilação de cenas de dança que vão dos divertimentos de Berkeley até ao estilo jamais igualado de Astaire e Rogers.

Os estúdios não distribuíram o que poderia ter sido um filme ideal para a família durante o período das férias de Natal, época congestionada mas lucrativa, e em vez disso estrearam-no em 18 de Janeiro, em Nova Iorque.

SAI DE UMA SÓ VEZ EM CADA SEGUNDA-FEIRA

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

«Abat-jours»

Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu próprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil, 182-traseiras. Fácil estacionamento. Tel. 881937-1700 Lx.

Autocolantes

«Atenção grupos desportivos e juvenis: Fazemos autocolantes, bem como outros trabalhos de «off-set» por preços imbatíveis, mesmo pequenas quantidades. Exponha-nos o seu caso para: Apartado 1636 1016 LISBOA CODEX».

Cupões, 1, 2, 3

Vendo cupões para o concurso «1, 2, 3». Cada um a 2$50. Tenho bastantes, escreve hoje mesmo para Tozé — Rua António Aleixo n.º 14-1. Esq.º-2900 SETÚBAL (tenho 21 anos).

Pistola Carl Walhter

Calibre 22. Licença desportiva. Estado como novo. 60 000$00 metade preço loja. Contactar para 866425 ou Carlos Marques. Rua de S. João da Praça 32-2.º 1100 LISBOA.

Ampliador

Ampliador OPEMUS 5 muito pouco uso; e duplicador REX-ROTARY em muito bom estado, revisto há pouco tempo. Contactar pelo telefone das 20H-22H. Tel. 7141676.

Atrelado-Tenda (4 + 2 pessoas)

Vendo, estado quase novo, com dois quartos de casal independentes, sala, avançado, fechado e roda de reserva. Rua do Colégio, 7 — Vendas Novas — Telefone 82794.

Emigrantes Lusíadas

«Se tens menos de 18 anos ou fazes até 31 de Dezembro, preenche um postal CTT com poesia, pintura, ou desenho e envia-o à Associação de Emigrantes Lusíadas, Apartado 5184 — 1704 LISBOA CODEX. Cujo tema é 'O Presidente Ramalho Eanes e as Comunidades Portuguesas'».

Fauna

Vendo FAUNA completa, em fascículos por encadernar. Contactar telefone 951697 das 17H às 19.30H.

Correspondência

Senhor parisiense formação Sorbonne gostaria troca correspondência e amizade com senhora portuguesa de preferência ligada a Letras. Joseph Ferner, Apart.º 21024, R. do Arsenal, 27-1126 LISBOA.

Vários

● Casa em Ruivas de Campo, no concelho de Arganil, pelo melhor oferta. Contactar D. Gina, T. 363773 rede Lisboa.

● Moto Harley-Davidson 350 cc trial 1978, preço 100 contos. Contactar D. Gina T. 363773 rede Lisboa.

● Terreno com 644 m² em Fernão Ferro, Estrada de Sesimbra. Contactar D. Gina T. 363773 rede Lisboa.

● Vespa 50 cc para aproveitamento de peças, preço 40 contos. Contactar D. Gina T. 363773 rede Lisboa.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.